



Alexandre Rodrigues Sena

**Religiosidade, espiritualidade, materialismo
e ansiedade de morte como preditores do
sentido de vida dos adultos emergentes**

Tese de Doutorado

Tese apresentada como requisito parcial para
obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-
Graduação em Psicologia (Psicologia Clínica) do
Departamento de Psicologia da PUC-Rio.

Orientadora: Profa. Luciana Fontes Pessôa
Co-orientador: Samuel Lincoln Bezerra Lins

Rio de Janeiro,
Março de 2023



Alexandre Rodrigues Sena

**Religiosidade, espiritualidade, materialismo
e ansiedade de morte como preditores do
sentido de vida dos adultos emergentes**

Tese apresentada como requisito parcial para
obtenção do grau de Doutor pelo Programa de
Pós-Graduação em Psicologia (Psicologia Clínica)
da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão
Examinadora abaixo.

Profa. Luciana Fontes Pessôa

Orientadora

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Prof. Samuel Lincoln Bezerra Lins

Co-Orientador

Universidade do Porto/Portugal

Profa. Maria Helena Rodrigues Navas Zamora

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Profa. Ana Cristina Garcia Dias

UFRGS

Profa. Edna Lúcia Tinoco Ponciano

UERJ

Prof. Mauro Luis Vieira

UFSC

Rio de Janeiro, 23 de março de 2023.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor e da orientadora.

Alexandre Rodrigues Sena

Graduou-se em Teologia pela FACETEN (Faculdade de Ciências, Educação e Teologia do Norte do Brasil) em 2006. Graduou-se em Psicologia pela Faculdade Anhanguera de Anápolis em 2013. Mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Atualmente pesquisa sobre sentido de vida na adultez emergente sob o viés da Psicologia do Desenvolvimento. Participou de congressos nas áreas de Teologia e Psicologia.

Ficha Catalográfica

Sena, Alexandre Rodrigues

Religiosidade, espiritualidade, materialismo e ansiedade de morte como preditores do sentido de vida dos adultos emergentes / Alexandre Rodrigues Sena ; orientadora: Luciana Fontes Pessôa ; coorientador: Samuel Lincoln Bezerra Lins. – 2023.

240 f. : il. color. ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2023.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Sentido de vida. 3. Trajetória de desenvolvimento. 4. Adultez emergente. I. Pessôa, Luciana Fontes. II. Lins, Samuel Lincoln Bezerra. III. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. IV. Título.

CDD: 150

Agradecimentos

À Cristo, o *Logos* que se tornou gente e me alcançou com seu amor incondicional.

À Isabela, pelo amor que atinge o intangível e se revela na parceria e cumplicidade.

À Bia, que anseia pela conclusão deste trabalho

Aos meus pais, exemplos de superação e amor.

À minha orientadora Luciana Fontes Pessôa, uma raridade na arte de orientar e incentivar.

Ao coorientador Samuel Lincoln Bezerra Lins e sua família Ana, Alice e João. Que alegria os ter como amigos!

Aos professores que participam da Comissão examinadora

Ao Conselho da Igreja Presbiteriana da Gávea e aos membros desta comunidade pelo apoio incondicional, especialmente, durante o intercâmbio.

Ao Grupo de Pesquisa em Psicologia - Desenvolvimento Humano: biologia & cultura, coordenado pela minha orientadora, pelo apoio na divulgação da pesquisa.

À CAPES, pelo custeio integral das mensalidades.

À Marcelina, pela eficiência e gentileza no trato com as questões burocráticas da pós-graduação.

Ao curso de Psicologia da Universidade do Porto – Projeto Erasmo.

Ao Roberto Aylmer, amigo, mentor e médico.

Ao Tiago pelo apoio e a paciência.

Aos mais de 1000 jovens que responderam a pesquisa.

À Aline pela revisão do texto.

À Nana, Aline, Nathanael e todos que contribuíram na divulgação da pesquisa.

A todos os professores e funcionários do Departamento de Psicologia da PUC-Rio pelos ensinamentos e ajuda.

Este trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Resumo

Sena, Alexandre Rodrigues; Pessôa Luciana Fontes; Lins, Samuel Lincoln Bezerra. **Religiosidade, espiritualidade, materialismo e ansiedade de morte como preditores do sentido de vida dos adultos emergentes.** Rio de Janeiro, 2023. 240p. Tese de Doutorado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Os adultos emergentes de 18 a 29 anos estão na fase do desenvolvimento que precede a vida adulta marcada pela autonomia e independência. Além dos desafios peculiares, a pandemia da COVID 19 os expôs à maior tragédia humanitária desde a segunda guerra mundial. O estudo propôs avaliar a espiritualidade, religiosidade, materialismo e ansiedade perante a morte como preditores para presença e busca de sentido neste contexto sociocultural com intensas ameaças psíquicas. A pesquisa obteve 434 respondentes brasileiros e 615 portugueses. O objetivo da investigação foi verificar o quanto religiosidade, espiritualidade, materialismo e ansiedade perante a morte podem explicar a presença e a busca de sentido de vida. Após averiguar os dados de cada país, fez-se uma comparação dos resultados. O estudo utilizou-se dos instrumentos: Escala de Sentido de Vida (Steger et al., 2006); Escala de Não-Religiosidade e Não-Espiritualidade (Cragun, 2015); Escala de Materialismo (Richins, 2004) e o Questionário de Ansiedade Perante a Morte (Conte et al., 1982). Os resultados demonstraram seguintes resultados tanto para os respondentes brasileiros quanto portugueses: (1) a religiosidade predisse a presença de sentido na vida. Uma menor religiosidade explicou a busca pelo sentido; (2) a espiritualidade não explicou presença de sentido, mas explicou a busca pelo sentido na vida; (3) o materialismo não explicou nem a presença e nem a busca do sentido de vida; (4) por fim, a menor ansiedade de morte predisse a presença de sentido. A análise qualitativa da pergunta

aberta: “o que lhe vem à mente quando pensa sobre o sentido da vida?”, foi realizada a partir do *software* IRAMUTEQ. O estudo dos dados textuais revelou que agnósticos e sem religião possuem menor presença de sentido e, conseqüentemente, estão numa busca mais intensa pelo sentido de vida. A análise de correlações e o teste *t* corroboraram com os resultados encontrados nas regressões e na análise qualitativa. A investigação contribui para a compreensão do sentido de vida dos adultos emergentes. A presença de sentido de vida demonstrou a possibilidade de maior saúde psicológica e bem-estar durante o enfrentamento da pandemia da COVID 19.

Palavras-chave

Sentido de vida; religiosidade; espiritualidade; materialismo; ansiedade de morte; adultos emergentes.

Abstract

Sena, Alexandre Rodrigues; Pessôa Luciana Fontes (Advisor); Lins, Samuel Lincoln Bezerra (Co-advisor). **Religiosity, spirituality, materialism and death anxiety as predictors of the meaning of life of emerging adults**. Rio de Janeiro, 2023. 240p. Tese de Doutorado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Emerging adults from 18 to 29 years old are in the development phase that precedes adult life marked by autonomy and independence. In addition to the unique challenges, the COVID 19 pandemic has exposed them to the greatest humanitarian tragedy since the second World War. The study aims at evaluating spirituality, religiosity, materialism and anxiety before death as predictors for presence and search for meaning in this sociocultural context with intense psychic threats. The survey obtained 434 Brazilian and 615 Portuguese respondents. The objective was to verify how much religiosity, spirituality, materialism and anxiety before death can explain the presence and the search for meaning in life. After examining the data for each country, the results were compared. The study used instruments as Meaning of Life Scale (Steger et al., 2006); Non-Religiousness and Non-Spirituality Scale (Cragun, 2015); Materialism Scale (Richins, 2004) and the Death Anxiety Questionnaire (Conte et al., 1982). The results showed the following results for both Brazilian and Portuguese respondents: (1) religiosity predicted the presence of meaning in life. Less religiosity explained the search for meaning; (2) spirituality did not explain the presence of meaning, but it did explain the search for meaning in life; (3) materialism did not explain neither the presence nor the search for the meaning of life; (4) finally, lower death anxiety predicted the presence of meaning. The qualitative analysis of the open question: “What comes

to your mind when you think about the meaning of life?” was performed using the IRAMUTEQ software. The study of textual data revealed that agnostics and those without religion have less presence of meaning and, consequently, are in a more intense search for life meaning. The analysis of correlations and the *t* test corroborated the results found in the regressions and in the qualitative analysis. The investigation contributes to understanding the life meaning of emerging adults. The presence of meaning in life demonstrated the possibility of greater psychological health and well-being while facing the COVID 19 pandemic.

Keywords

Meaning of life; religiosity; spirituality; materialism; death; emerging adults.

Sumário

Introdução	17
1 Sentido de Vida	20
1.1 Panorama Histórico Sentido de vida	20
1.2 Logoterapia – Viktor Frankl	23
1.3 Psicologia Positiva Existencial	29
1.4 Construto Sentido de Vida	31
2 Sentido de Vida e Religiosidade/Espiritualidade	36
3 Sentido de Vida e Materialismo	45
4 Sentido de Vida e Ansiedade Perante a Morte	52
5 Adultos Emergentes	61
5.1 Sentido de Vida dos Adultos Emergentes	64
5.2 Religiosidade e Espiritualidade dos Adultos Emergentes	65
5.3 Materialismo dos Adultos Emergentes	68
5.4 Ansiedade Perante a Morte dos Adultos Emergentes	69
6 Brasil e Portugal – Diferenças e Semelhanças	71
7 O Contexto da Pandemia do COVID 19	81
8 Objetivos e Hipóteses	87
9 Método	89
9.1 Análise Qualitativa dos Dados	89
9.2 Instrumentos	91
9.3 Análise Qualitativa dos Dados	94
9.4 Procedimentos de Coleta	95
9.5 Procedimentos Éticos	95
10 Análise Quantitativa e Discussão dos Resultados	97

10.1 Análise Quantitativa do Estudo no Brasil	97
10.2 Análise Quantitativa do Estudo em Portugal	113
10.3 Análise Quantitativa entre Brasil e Portugal	130
11 Análise Qualitativa e Discussão dos Resultados	148
11.1 Análise e Discussão Qualitativa dos Estudos no Brasil	148
11.2 Análise e Discussão Qualitativa dos Estudos em Portugal	157
11.3 Discussão dos Resultados entre Brasil e Portugal	167
12 Considerações Finais	169
13 Referências	174
Anexos – Questionários Brasil e Portugal	219

Lista de Figuras

Figura 1. Panorama Histórico Sentido de Vida	34
Figura 2. Gráfico Elaborado por Wong (2021)	39
Figura 3. Gráfico de Porcentagem de Jovens Não Religiosos em Países da Europa	67
Figura 4. Comparação Cultural Hofstede	73
Figura 5. Transição Religiosa no Brasil: 1940-2032	79
Figura 6. Diferenças de Médias entre Homens e Mulheres Brasileiros e Portugueses em Presença de Sentido	137
Figura 7. Diferenças de Médias entre Homens e Mulheres Brasileiros e Portugueses em Busca de Sentido	137
Figura 8. Diferenças de Médias entre Homens e Mulheres Brasileiros e Portugueses em Religiosidade	138
Figura 9. Diferenças de Médias entre Homens e Mulheres Brasileiros e Portugueses em Espiritualidade	138
Figura 10. Diferenças de Médias entre Homens e Mulheres Brasileiros e Portugueses em Materialismo	139
Figura 11. Diferenças de Médias entre Homens e Mulheres Brasileiros e Portugueses em Ansiedade perante a Morte	139
Figura 12. Dendrograma das Classes do Brasil	149
Figura 13. Dendrograma com Palavras Separadas em Classes do Brasil	150
Figura 14. Nuvem de Palavras do Brasil	151

Figura 15. Classificação Hierárquica Descendente (CHD) de cada uma das Classes do Brasil	152
Figura 16. Dendrograma das Classes de Portugal	158
Figura 17. Dendrograma com Palavras Separadas em Classes de Portugal	159
Figura 18. Nuvem de Palavras de Portugal	160
Figura 19. Classificação Hierárquica Descendente (CHD) de cada uma das Classes de Portugal	161

Lista de Tabelas

Tabela 1 <i>Quadro Comparativo entre a Primeira e a Segunda Onda da Psicologia Positiva</i>	30
Tabela 2 <i>Quadro Comparativo entre Brasil e Portugal</i>	72
Tabela 3 <i>Religiões em Portugal e Quantidade de Adeptos em Números Absolutos e em Porcentagem</i>	77
Tabela 4 <i>Tabela de Frequências das Variáveis Sociodemográficas Estudadas na Amostra Brasileira</i>	97
Tabela 5 <i>Cargas Fatoriais da Escala de Religiosidade e Espiritualidade na Amostra Brasileira para Análise Fatorial Exploratória</i>	98
Tabela 6 <i>Cargas Fatoriais da Escala de Religiosidade e Espiritualidade na Amostra Brasileira para Análise Fatorial Confirmatória</i>	99
Tabela 7 <i>Testes de Normalidade para as Variáveis do Estudo no Brasil</i>	99
Tabela 8 <i>Análises de Correlação de Pearson com procedimentos de Bootstap para todas as seis variáveis principais na amostra Brasileira</i>	101
Tabela 9 <i>Análises de Correlação de Pearson com procedimentos de Bootstap para todas as seis variáveis principais na amostra Brasileira entre religiosos e não religiosos</i>	101
Tabela 10 <i>Diferenças entre religiosos e não religiosos nas seis variáveis principais na amostra brasileira</i>	102

Tabela 11 <i>Tabela de Regressão Prevendo Presença e Busca de Sentido na Amostra Brasileira</i>	109
Tabela 12 <i>Tabela de Frequências das Variáveis Sociodemográficas Estudadas na Amostra Portuguesa</i>	113
Tabela 13 <i>Cargas Fatoriais da Escala de Religiosidade e Espiritualidade na Amostra Portuguesa para Análise Fatorial Exploratória</i>	114
Tabela 14 <i>Cargas Fatoriais da Escala de Religiosidade e Espiritualidade na Amostra Portuguesa para Análise Fatorial Confirmatória</i>	115
Tabela 15 <i>Testes de Normalidade para as Variáveis do Estudo em Portugal</i>	115
Tabela 16 <i>Análises de Correlação de Pearson com procedimentos de Bootstap para todas as seis variáveis principais na amostra Portuguesa</i>	117
Tabela 17 <i>Análises de Correlação de Pearson com procedimentos de Bootstap para todas as seis variáveis principais na amostra Portuguesa entre religiosos e não religiosos</i>	117
Tabela 18 <i>Diferenças entre religiosos e não religiosos nas seis variáveis principais na amostra portuguesa</i>	118
Tabela 19 <i>Tabela de Regressão Prevendo Presença e Busca de Sentido na Amostra Portuguesa</i>	125
Tabela 20 <i>Estatísticas Descritivas para as Variáveis do Estudo Separadas por Sexo e País</i>	133

Tabela 21 <i>Síntese dos Resultados do Efeito de Religião nas Variáveis Avaliadas nas Amostras Brasileira e Portuguesa</i>	136
Tabela 22 <i>Síntese dos Resultados do Efeito de Religião nas Variáveis Avaliadas nas Amostras Brasileira e Portuguesa</i>	136

Introdução

O sentido da vida está relacionado com o poder existencial que procura responder o “para que viver”, principalmente em situações de tragédias e angústias profundas (Frankl, 2004). A força motriz proveniente do sentido de vida impulsiona o indivíduo para superar as situações difíceis que decorrem das diversas circunstâncias existenciais. A presença de sentido pode transformar a realidade de dor e perda em elementos que desenvolvem a saúde e o bem-estar psicológico (Steger, 2009).

A religião e a espiritualidade podem ser consideradas importantes fontes para acessar a saúde psicológica (Braam & Koenig, 2019). As respostas para questões existências complexas como, por exemplo, a vida após a morte pode diminuir o estresse e a ansiedade. A religiosidade e a espiritualidade podem fornecer coerência, propósito e significância diante de situações de sofrimento (Park, 2005; Wong, 2022). A vida comunitária proporcionada pelos grupos religiosos e espirituais podem produzir profunda sensação de pertencimento (Lambert et al., 2010). No entanto, estudos revelam que é crescente entre os adultos emergentes o desinteresse pela religiosidade e espiritualidade (Debeluck & Timm, 2015). A quantidade de agnósticos, ateus e sem religião é cada vez maior nesta fase da vida (Coutinho, 2019).

Uma vez que a religiosidade e a espiritualidade deixam de ser uma fonte para suprir o sentido de vida de muitos adultos emergentes, outras possibilidades podem ocupar este papel. As crenças materialistas se apresentam como uma alternativa ineficaz para explicar a busca e a presença de sentido na vida (Richins & Chaplin, 2015). A religiosidade e a espiritualidade podem ser consideradas fontes inibidoras do materialismo (Hui et al., 2014). No entanto, não apenas os sem

religião, agnósticos e ateus, mas os religiosos extrínsecos se utilizam das crenças e valores materialistas na tentativa de encontrar felicidade, *status* e sentido (Jiang, 2020).

A religiosidade, a espiritualidade e o materialismo podem explicar, de maneira eficaz ou não, o sentido da vida para muitos indivíduos. No entanto, a ameaça de morte é uma das mais difíceis situações enfrentadas pelo ser humano e um momento crucial para averiguar os fundamentos que sustentam o sentido da vida. As cosmovisões culturais e a autoestima podem ser utilizadas como fontes inibidoras dos pensamentos de morte (Van Kessel et al., 2020). Por isso, é possível que o estabelecimento de metas intrínsecas contribua para aumentar a autoestima e fornecer uma cosmovisão cultural que promove o sentido de vida capaz de atenuar a ansiedade perante a morte.

A investigação propõe compreender o quanto a religiosidade, a espiritualidade, o materialismo e a ansiedade perante a morte explicam a busca e a presença de sentido da vida dos adultos emergentes. Esta é uma etapa no processo de desenvolvimento entre a adolescência e a vida adulta marcada pela insegurança e ansiedade decorrentes dos desafios como independência financeira e familiar nas fases seguintes (Arnett, 2014). Os desafios dos adultos emergentes podem causar estresse e depressão como em nenhuma outra fase do processo de desenvolvimento (Czyżowska, 2021; Ishikawa et al., 2018).

O estudo a respeito do sentido de vida dos adultos emergentes pode ser realizado em diversos contextos socioculturais. Por isso, a investigação propõe uma pesquisa entre brasileiros e portugueses. Diversos vínculos unem os dois países e o trabalho propõe apresentar semelhanças e diferenças como, por exemplo, história, língua, segurança pública, índice de desenvolvimento humano e religião. É

importante ressaltar que os adultos emergentes brasileiros e portugueses estavam inseridos no contexto de pandemia.

Os desconfortos recorrentes na adultez emergente, possivelmente, foram potencializados pela pandemia do COVID 19. O período histórico mais difícil após a Segunda Guerra Mundial é responsável pelo comprometimento da saúde mental de indivíduos de todas as idades e em todo o mundo. O contexto era de caos global, isolamento social, aumento exponencial do número de mortos, ênfase midiática diuturna e instabilidade econômica.

A pandemia da COVID 19 expôs o sofrimento como parte integrante da existência humana e desestabilizou teorias que propunham apenas os aspectos positivos da vida como fontes para o bem-estar psicológico (Arslan & Wong, 2022). O bem-estar duradouro provem a partir da integração dialética entre as circunstâncias positivas e negativas da vida. A partir do momento em que o indivíduo compreende esta dimensão, é possível desenvolver maior flexibilidade cognitiva e agilidade emocional para atender as diversas demandas da realidade (Wong, 2022).

Neste cenário pandêmico, adultos emergentes brasileiros e portugueses responderam a pesquisa que abordam as seguintes variáveis: sentido de vida, religiosidade, espiritualidade materialismo e ansiedade perante a morte. As incertezas e ameaças contextuais podem expressar as crenças e valores que atribuem coerência, propósito e significância à vida dos adultos emergentes diante do sofrimento (Wong, 2022).

1 Sentido de Vida

1.1 Panorama Histórico do Sentido da Vida

A compreensão acerca do sentido da vida na idade adulta emergente pode orientar os objetivos e as tomadas de decisões para as etapas seguintes no processo de desenvolvimento. A percepção da própria identidade e do propósito de existência é decisiva para estabelecer metas que definem o que o indivíduo deseja se tornar (Erikson, 1987). Os seres humanos são dotados de uma capacidade adaptativa que os motiva a identificar e desejar os padrões confiáveis no ambiente sociocultural capazes de conferir sentido da vida (Martela & Steger, 2016).

A filosofia antiga investigou o sentido da vida com a finalidade de responder o propósito do indivíduo existir e, por vezes, o associou ao acesso à felicidade. Aristóteles (384-322 a.C.), por exemplo, afirmou que a arte, a ciência e as ações humanas estão em busca do bem maior, ou seja, a felicidade. A condição racional proporciona o acesso a esta felicidade superior. Para Epicuro (341-270 a. C), o prazer é identificado como a fonte superior da felicidade e, para alcançá-la, era necessário romper com o medo da morte e dos castigos divinos (Santos, 2019).

Ao longo da era cristã, estabeleceu-se no Ocidente que o sentido de vida deveria ser estruturado a partir da relação do ser humano com a divindade. Este processo envolve obediência aos princípios morais, cumprimento dos rituais e devoção. O filósofo e teólogo Agostinho de Hipona (354-430 d.C.) escreveu, em uma das suas orações, que a inquietação da sua alma encontrava descanso apenas em Deus. O impacto da fé cristã para Agostinho, não foi apenas conversão a um novo sentido, mas ao verdadeiro sentido da vida (Agostinho, 2000).

No texto *De Beata Vita*, Agostinho investiga os motivos que impulsionam o ser humano na busca pela vida feliz. O Bispo de Hipona apresenta os fundamentos da fé cristã e destaca que a busca por uma vida feliz resulta de um desprendimento das coisas temporais e um apego ao que não é perecível. O que está sujeito ao tempo foi contaminado pelo mal e, portanto, submeteu-se a distorção ou ausência de tudo que é bom. Desta forma, somente o Eterno que não está sujeito ao tempo pode ser a fonte que produz a felicidade e o sentido da vida (Agostinho, 2000).

A Idade Média (século V ao XV) é marcada pela estruturação da Igreja Católica Apostólica Romana para definir a identidade da Europa a partir dos postulados cristãos. O pressuposto agostiniano de sentido da vida como algo que corresponde à fuga do mundo e regresso ao divino é institucionalizado através do monasticismo. Os mosteiros eram centros espirituais estruturados para que os monges obtivessem todas as condições de buscar a Deus como o sentido a partir da santidade, oração e abnegação. De acordo com Diel (2017), o monasticismo ocidental estabeleceu-se sob dois princípios a partir dos monges beneditinos, *ora et labora* (oração e trabalho).

Diante disso, os mosteiros se tornaram os grandes centros educacionais da Idade Média frequentados pelos noviços que desejavam seguir a vida monástica. Apenas no século XII, a escolástica assume o novo movimento educacional e intelectual do Ocidente. Este movimento faz surgir as primeiras universidades europeias. O modelo dos mosteiros tornou-se referencial para a sociedade (Diel, 2017).

A crescente inquietação em relação à manutenção do conhecimento subordinado à religião marcou o surgimento do Iluminismo no século XVIII. Este período era marcado pela angústia existencial e inquietação espiritual. Os pilares

religiosos que estruturavam o pensamento sobre o sentido da vida na Idade Média foram superados pela racionalidade. A razão assume a responsabilidade de compreender e explicar todas as categorias da existência humana (Moraes, 2016).

De acordo com Kant (1724-1804), o Iluminismo proporciona a liberdade para o indivíduo se servir do próprio entendimento sem a tutela da religião ou de qualquer outra instituição (Kant, 1781/2008). É preciso romper com o comodismo, a preguiça e a covardia para fazer uso da própria razão, por isso, *Sapere aude* (ouse saber). Diferente da proposta agostiniana que vigorou na Idade Média, o sentido da vida no Iluminismo é descoberto a partir da razão.

O conceito de que o ser humano é o autor do próprio sentido de vida vigorou na filosofia existencialista do século XIX. Alguns filósofos existencialistas destacaram que o indivíduo é o responsável pela vida com suas escolhas, liberdades e, desta forma, o responsável pelo sentido da vida. Soren Kierkegaard (1813-1855), Jean-Paul Sartre (1905-1980) e Friedrich Nietzsche (1844-1900) foram responsáveis pela difusão deste pensamento (Damásio & Koller, 2013).

Ao fundamentar-se no pensamento socrático, Kierkegaard define a filosofia como instrumento que se propõe a entender o sujeito como um ser existente e subjetivamente capaz de tomar as próprias decisões (Kierkegaard, 2010).

A percepção quanto ao sentido da vida na filosofia existencialista depende dos pressupostos estabelecidos pelos teóricos. O filósofo existencialista Albert Camus (1913-1960), por exemplo, abordou as questões de vida e morte, absurdo e sentido (Aronson, 2017). De acordo com Camus (1942), o único sentido da vida é o viver em si. O ser humano não tem sentido inerente e, por este motivo, precisa aceitar o absurdo da própria existência. Logo, o sentido da vida é não ter sentido. A felicidade e a alegria podem ser experimentadas independente do sentido da vida

(Camus, 1942b). O fim da vida também não tem sentido, portanto, a única maneira de superar a ansiedade de morte é através da aceitação da realidade absurda (Mayer, 2022).

Por outro lado, a filosofia de Heidegger (1989-1976) estabelece como ponto de partida para o questionamento do ser, o ente, que se refere ao próprio “sujeito”, também denominado de “animal racional”, “homem”. Heidegger nomeia o ente de *Dasein* para descrever fenomenologicamente o modo de ser do indivíduo. O *Daisen* é um ente que vivencia constantes transformações decorrentes das ocupações e preocupações da vida. É através desta dinâmica que o ser se propõe a buscar o sentido da vida (Roehe, 2019). Esse pressuposto influenciou a estrutura teórica da Logoterapia.

1.2 Logoterapia – Viktor Frankl

A partir do pressuposto filosófico existencialista, surgem duas correntes de pensamento psicológicos: Existencialista e a Humanista (Núñez, 2018). É importante destacar algumas diferenças destas abordagens. Para a Psicologia Existencialista, a natureza humana é essencialmente neutra e livre para escolher o que se tornar. A consciência da própria morte é fundamental para alcançar o máximo possível de uma vida plena e satisfatória. Enquanto na Psicologia Humanista, a pessoa é essencialmente bom e com tendência para autorrealização. Não há uma ênfase nos aspectos da morte humana. Apesar das diferenças, as duas correntes preservam a estrutura fundamental da Filosofia Existencialista: o ser humano é livre e responsável pelas próprias ações (Núñez, 2018).

A ênfase da Psicologia Existencialista na finitude humana como importante premissa para o sentido da vida pode contribuir como diretriz teórica para o

trabalho. É importante esclarecer que sentido na vida, sentido da vida, sentido de vida e sentido à vida correspondem ao mesmo construto teórico. Eles serão adotados como sinônimos durante a exposição do conteúdo teórico.

Um dos principais teóricos da Psicologia Existencialista é o psiquiatra e neurologista vienense Viktor Frankl (1905-1997). A vivência do psiquiatra no campo de concentração nazista durante a Segunda Guerra, permitiu reflexões que incluíam o sofrimento e a morte na busca pela compreensão do sentido da vida. De acordo com a teoria de Frankl (1989a), o indivíduo que tem um *para quê* viver é capaz de acionar um recurso interno chamado poder de resistência do espírito. Este poder é capaz de nutrir o sentido da vida, mesmo em condições extremamente adversas.

Para Frankl (2008), o ser humano tem como motivação fundamental a vontade de sentido, a liberdade de vontade e o sentido na vida. A partir destas premissas, ele formulou a Logoterapia, reconhecida por muitos teóricos como a Terceira Escola Vienense de Psicoterapia. A Psicanálise freudiana é considerada a Primeira Escola, e na sequência, a Psicologia Individual de Adler (Russo-Netzer & Ameli, 2022).

A palavra grega *logos* pode ser traduzida por sentido. A palavra “vida” refere-se à existência concreta e singular do indivíduo. O sentido da vida, então, diz respeito à força motriz ou ao poder existencial humano para responder à pergunta, “Para que viver?”, especialmente, diante de tragédias e sofrimentos profundos (Frankl, 2004). A vida exige uma construção de sentido, afinal, as aspirações mais básicas da existência humana dependem deste processo (Frankl, 1991).

Em todas as etapas da vida, independente das dificuldades pessoais, sociais e culturais, o sentido da vida pode oferecer uma rota segura para a saúde mental e

o bem-estar (Frankl, 2003). Sendo assim, o sujeito é dotado de liberdade para decidir, responsabilmente, perante todas as condições antropológicas, sociológicas e psíquicas (Frankl, 1989a).

A filosofia fenomenológico-existencial de Heidegger proporcionou para Viktor Frankl, mesmo que indiretamente, a mais influente concepção quanto ao indivíduo. A proposta de Heidegger é que o *Dasein* se relaciona com seu próprio ser. Esta característica existencial possibilita a conclusão de que somente um ser que se relaciona consigo mesmo pode buscar o sentido da vida. É possível pensar que apenas o ente pode ter relação consigo mesmo. A partir da autorrelação surgem as indagações existenciais e as respostas com suas respectivas responsabilidades (Roehe, 2019).

O sentido da vida pode ser encontrado a partir de três fundamentos: (1) O *homo faber*, que se refere ao trabalho criativo, projeto, obra ou missão relevante que o indivíduo oferece ao mundo; (2) O *homo amans*, que diz respeito àquilo que a pessoa extrai do mundo através da experiência de amor por alguém ou algo. Amar outra pessoa em sua exata unicidade ou algo como, por exemplo, a cultura, a arte, a pesquisa e a natureza; e (3) O *homo patiens*, que corresponde à realidade atitudinal e engloba reflexões acerca dos aspectos negativos da vida como, por exemplo, dor, sofrimento, angústia e luto (Frankl, 2011). A vida tem sentido em todas as circunstâncias e, por isso, é possível transformar criativamente os aspectos negativos em construtivos (Frankl, 1959/1984).

De acordo com a Logoterapia, o indivíduo possui três dimensões: a física, a psicológica e a noética-espiritual. O termo “noético” tem origem na palavra grega *noos* (espírito, inteligência) e foi utilizado por Viktor Frankl para evitar conotações religiosas da dimensão espiritual. É importante destacar que a religião é um dos

elementos da dimensão espiritual, porém, não diz respeito à sua totalidade. A dimensão noética possui elementos como humor, valores, amor e gratidão. A transformação existencial que eleva o sentido da vida ocorre a partir da autotranscendência. Este processo permite manter o bem-estar pessoal, mesmo diante do sofrimento (Frankl, 2004; Wong, 2016).

O poder de escolha diante dos dilemas, das angústias e das crises é concedido pela dimensão noética. A liberdade noética é o fator chave que torna o ser humano imprevisível na elaboração do sentido da vida (Frankl, 2008; Russo-Netzer & Ameli, 2022). Na Logoterapia, o sentido último de existência ultrapassa a finitude humana e, a razão, é incapaz de compreender que o *logos* é mais profundo que a lógica. A dimensão noética cumpre, então, o papel de promover a consciência de si mesmo (Frankl, 2004).

A Logoterapia tem se apresentado como um importante recurso para intervenções psicoterapêuticas. É importante destacar, pelo menos, as três principais técnicas utilizadas:

1) A **intenção paradoxal**, que propõe estabelecer a distância entre a pessoa e o sintoma que a aflige. Após afastar-se, o paciente observa o sintoma e evita produzir atitudes de enfrentamento ou fuga, mas, ao contrário, amplia-o ao máximo. Essa técnica é aplicada com humor para que o indivíduo gracieje do próprio medo. O objetivo é neutralizar a ansiedade antecipatória e estabelecer a autoconfiança.

2) A **derreflexão**, que enfatiza que o homem precisa evitar uma postura neurótica de auto-observação e, por outro lado, desejar um “tu” que transcenda a si mesmo, ou seja, uma autotranscendência. O foco desloca do prazer individual para um sentido de vida mais pleno e estabelecido através do encontro amoroso.

3) E, por fim, a **modificação de atitude**, que é estabelecida quando ocorre a ativação da vontade de sentido com o propósito de desafiar uma atitude negativa. Esta técnica utiliza o diálogo socrático e possui dois momentos: o primeiro, é a refutação, quando as contradições e incoerências são expostas através do discurso; o segundo, é a maiêutica (parir), momento em que o paciente acessa conscientemente o sentido da vida. A Logoterapia desperta, mobiliza e orienta os recursos internos do indivíduo em direção às áreas onde o sentido da vida pode ser encontrado (Aquino, 2019; Marshall & Marshall, 2017).

Muitos jovens estão inseridos num contexto próspero, dotados de elevado bem-estar social e com diversas necessidades supridas. Os bens materiais, a tecnologia e a ênfase nas experiências podem produzir uma realidade marcada por um vazio ou “vácuo” existencial e um senso de futilidade nutrido por sentimentos de inferioridade. Segundo Frankl (1977, 2006), o maior desafio psicológico no mundo moderno é o vazio existencial ocasionado pela falta de sentido na vida.

Os seres humanos são motivados por uma “vontade de sentido”, ou seja, um desejo interno de descobrir o sentido da vida, no entanto, a dificuldade de possuir um sentido definido se tornou uma neurose de massa. O “vácuo existencial” pode ser o responsável por sentimentos de tédio, apatia e depressão. O que justifica a busca é o desejo do ser humano encontrar e realizar sentido na vida (Fizzotti, 1998). As investigações sugerem que a busca de sentido decorre da insatisfação ou do conflito existencial e está negativamente relacionada a presença de sentido de vida (Aquino, 2015; Damásio & Koller, 2013).

A vida significativa tem a possibilidade de transformar o sofrimento, a dor e a perda em elementos que contribuem para elevar o bem-estar psicológico (Frankl 1969, 2004; Steger, 2009). O sofrimento é capaz de potencializar a percepção do

vazio existencial que decorre da falta de sentido na vida. Se por um lado, este processo tende a fomentar problemas psicológicos, por outro, pode despertar o desejo de encontrar sentido a partir das situações adversas (Edwards & Van Tongeren, 2019; Frankl, 2004).

A partir das precursoras abordagens teóricas acerca do sentido de vida na psicologia, Reker e Wong são, provavelmente, os primeiros a desenvolver a sistematização do construto (Damásio & Koller, 2015). Estes autores propuseram quatro dimensões que caracterizam o sentido de vida: os **componentes estruturais**, que são formados pela cognição, motivação e afeto; as **fontes**, que são estabelecidas a partir de valores pessoais e socialmente transferíveis; a **amplitude**, que diz respeito à variedade das fontes que transmitem valores para prover o sentido. Por último, a **profundidade**, que se refere a qualidade da experiência de sentido de uma pessoa (Reker & Wong, 1988).

A partir de Frankl, outros teóricos como Wong e Tomer (2011) argumentaram acerca da potencialidade do indivíduo criar uma realidade significativa para si mesmo a partir da dor e do sofrimento. Os recursos internos como, fé, coragem e criatividade são fundamentais neste processo (Marano, 2021; Wong & Worth, 2017). A identificação de valores, virtudes e relacionamentos possibilita a saúde mental na angústia e contribui para superar a falta de sentido da vida e a ansiedade face à morte (Wong, 2022).

É um risco observar o sentido apenas a partir dos aspectos positivos da vida. A psicologia do bem-estar precisa estudar tanto os perigos da felicidade como os benefícios do sofrimento (Frankl, 1984). A partir destas premissas da Logoterapia, Paul Wong elaborou a teoria da Psicologia Positiva Existencial.

1.3 Psicologia Positiva Existencial

A teoria de Wong associou, inicialmente, o sentido da vida com a felicidade (Wong & Fry, 1998). Este pressuposto coincide com a Psicologia Positiva (PP 1.0) que aborda a vida a partir dos aspectos positivos (Peterson & Seligman, 2004). A Psicologia Positiva, inaugurada por Martin Seligman, revolucionou a perspectiva psicológica sobre bem-estar ao propor a minimização das situações estressantes através do fortalecimento emocional (Seligman, 2004; Seligman & Csikszentmihalyi, 2000). A crítica sistemática à Psicologia Positiva, porém, decorre da negligência quanto as emoções e eventos negativos da vida (Bai & Cohen, 2019).

A partir desta e de outras críticas, Wong (2011) e outros teóricos começaram a mover a Psicologia Positiva de sua primeira versão “PP 1.0” para uma versão mais integrada. Wong (2011) cunhou o termo “PP 2.0” para denominar esta segunda versão. A segunda onda da Psicologia Positiva articula as abordagens psicológicas Existencialista e Positiva. A Tabela 1 apresenta as principais diferenças entre a primeira e a segunda onda da psicologia positiva.

Por um lado, investiga as preocupações existenciais como, morte, isolamento e falta de sentido. Por outro, explora as ênfases da Psicologia Positiva, como virtudes, relacionamentos, felicidade e religião. A partir destenexo, elaborou-se a Psicologia Existencial Positiva ou PP 2.0 (Wong, 2021). A proposta define o bem-estar não apenas através das experiências neutras e positivas da vida, como delineado por Seligman e Csikszentmihalyi (2000), mas também dos aspectos negativos (Wong, 2019).

Tabela 1

Quadro Comparativo entre a Primeira e a Segunda Onda da Psicologia Positiva

	PP1 primeira onda	PP2 segunda onda
Abordagem	Positiva	Positiva e existencialista
Sufrimento	Problema a ser resolvido	Parte integrante da existência humana
Bem-estar	Experiências neutras e positivas	Experiências neutras, positivas e negativas
Sufrimento e satisfação	Dualismo e polarização	Integração da dialética dos opostos

A Logoterapia oferece a sustentação teórica para compreender a possibilidade de saúde mental em meio às crises a partir da ativação da vontade de sentido (Frankl, 1946/2004). Essencialmente, a PP 2.0 conceitua o sentido da vida como o fundamento para a promoção do bem-estar a partir de uma compreensão existencialista do sofrimento (Arslan & Wong, 2022; Wong, 2019b, 2021b). Os recursos internos como, por exemplo, sentido, fé, coragem e criatividade são fundamentais neste processo (Marano, 2021; Wong & Worth, 2017;).

As tradições existencialistas, humanísticas e espirituais tendem a colocar ênfase na transformação da tragédia em sentido de vida, esperança e virtude (Wong, 2011). Um aspecto central da PP 2.0 é o reconhecimento de que o sofrimento, ao invés de ser identificado como “problema” a ser “resolvido”, é parte integrante da existência humana. Essa visão replica a base teórica de diversas tradições religiosas (Fitzpatrick et al., 2016).

Wong (2020) denominou a abordagem terapêutica da PP 2.0 de Terapia Integrativa do Sentido. É uma abordagem que destaca o aspecto espiritual do ser humano em contraste com a concepção de uma realidade puramente material. Essa perspectiva é apoiada por evidências empíricas que sugerem que a espiritualidade

e a religião estão ligadas a resultados positivos em termos de saúde e bem-estar físico e mental (Braam & Koenig, 2019; Jaiswal et al., 2020; Moreira et al., 2020).

Os dois princípios fundamentais da abordagem são a autotranscendência e o autodesapego. A autotranscendência é a busca de sentido em algo superior a si mesmo, seja Deus, outras pessoas, ou ambos. O autodesapego é a capacidade humana de se distanciar para avaliar a si mesmo a partir de uma perspectiva externa. Este processo não significa separar-se de si mesmo, pois, a pessoa está totalmente ciente da própria integridade (Wong, 2020).

A Psicologia Positiva Existencial evita o dualismo e a polarização entre o sofrimento e a satisfação. O bem-estar duradouro é possível a partir da integração da dialética dos opostos. As circunstâncias positivas e negativas da vida estão separadas, porém, se complementam. A compreensão desta dimensão possibilita maior flexibilidade cognitiva e agilidade emocional para lidar com a realidade. O alívio da tensão entre os dois polos pode ocorrer a partir da autotranscendência e da criatividade racional e emocional. O equilíbrio dinâmico entre os opostos pode produzir o equilíbrio ideal que promove o bem-estar, principalmente, em tempos de aflição (Wong, 2022).

1.4 Construto Sentido da Vida

O aprimoramento do construto “sentido de vida” nas últimas décadas ocorreu devido o avanço dos estudos teóricos (Wong, 2012) e empíricos (Steger, 2009) acerca do tema. O que o pesquisador deseja acessar quando questiona sobre o sentido da vida? A resposta para essa questão carece de uma compressão quanto aos componentes do construto sentido da vida.

Um dos objetivos deste processo é avançar das definições filosóficas e metafísicas do sentido da vida para o campo metodológico da ciência objetivista moderna (Martela et al., 2016). A quantidade de componentes pode sofrer variações pontuais entre alguns autores, porém, existe um consenso que sugere o modelo tridimensional para sentido: coerência, propósito e significância. O propósito e a significância podem ser identificados como componentes motivacionais e a coerência, como um componente cognitivo (Heintzelman & King, 2014; Steger, 2012).

A **coerência** é um senso de compreensibilidade do quanto a vida de alguém faz sentido (Reker & Wong, 1988). De acordo com Heintzelman e King (2014), o ser humano precisa dar sentido a partir do ambiente em que está inserido e a interrupção deste processo pode gerar angústia. Por este motivo, a coerência é uma característica adaptativa a partir de onde o indivíduo identifica, almeja e estabelece conexões confiáveis e compensatórias que promovem o bem-estar. É uma experiência cognitiva acompanhada de um “sentimento de sentido” que provê informações sobre o que é confiável no ambiente para atender os padrões de coerência e evitar as opções incertas.

A coerência envolve a criação de modelos mentais marcados pela previsibilidade e consistência. Os modelos mais elevados de coerência podem contribuir para a elaboração do sentido a si mesmo, ao mundo e ao próprio ajuste dentro do mundo (Steger, 2012). Pesquisas empíricas apresentam resultados em que a coerência objetiva no ambiente aumenta o sentido da vida (Heintzelman & King, 2013).

Já o **propósito** é um senso de objetivos centrais que dirigem a vida (Frankl, 1946/2004). Alguns autores como Reker e Peacock (1981) entendem que, em

muitos casos, o propósito e o sentido podem ser identificados como sinônimos. Por outro lado, George e Park (2013) encontraram suporte empírico para a distinção entre os construtos através de um estudo longitudinal que utilizou duas escalas para medir, respectivamente, propósito e sentido. O resultado apresentou uma forte correlação entre os construtos, porém, as duas medidas tiveram preditores e correlatos diferentes, mostrando, então, a dificuldade de identificar o propósito como sinônimo de sentido na vida (Weinstein et al., 2012).

A definição restrita de propósito diz respeito aos objetivos dirigidos intencionalmente escolhidos para o futuro e que podem ser expressos em linguagem. O propósito central da vida depende do cumprimento de objetivos menores à curto prazo e da realização de ações no presente. Por isso, o indivíduo precisa desenvolver a organização das metas futuras e gerir os comportamentos no presente para alcançar o objetivo (George & Park, 2013; McKnight & Kashdan, 2009).

Por fim, a **significância** é um senso inerente de valor e importância para avaliar a existência além das questões triviais e identificar o que torna a vida digna de ser vivida (Martela & Steger, 2016). Esta noção de valor não se reduz à mera felicidade ou outras experiências positivas (Wolf et al., 2005). A ideia de significância possui uma intensa conexão com a palavra grega *eudaimonia*, que diz respeito ao viver bem, com sucesso e responsabilidade (Steger et al., 2013).

Alguns estudos da psicologia conceituaram *eudaimonia* como uma maneira intrinsecamente valiosa de viver (Heintzelman, 2018). As pesquisas acerca da *eudaimonia* abordam a origem da experiência de uma vida digna de ser vivida. A significância trata da própria experiência de uma vida valorosa.

Outro conceito que contribui para compreender a significância tem origem na palavra japonesa *ikigai*. Esse termo refere-se ao que faz a vida parecer digna de ser vivida. A pesquisa realizada no Japão com 73.272 participantes (30.155 homens e 43.117 mulheres) de 40 a 79 anos, demonstrou que o senso de *ikigai* está conectado com menor risco de mortalidade e inversamente relacionado a diversas doenças como, por exemplo, as cardiovasculares (Tanno & Sakata, 2007).

O sentido da vida, então, depende de uma série de conexões, interpretações, aspirações e avaliações que tornam as experiências compreensíveis, direcionam os esforços para os desejos futuros e fornecem a sensação do quanto a vida é valiosa (Steger, 2012). Este processo integrador propõe elaborar a compreensão cognitiva para responder as questões fundamentais da vida como, por exemplo, quem somos, como é o mundo e como nos enquadrados nele. Assim, a religiosidade e a espiritualidade podem contribuir para explicar o sentido de vida do indivíduo. A Figura 1 sintetiza o percurso histórico do pensamento acerca do sentido de vida.



Figura 1

Panorama Histórico Sentido de Vida

Desde a filosofia antiga, é evidente a inquietação humana pela compreensão do sentido de vida. No entanto, certamente, esta ânsia retrocede aos tempos mais remotos da civilização. A partir de ênfases filosóficas ou religiosas, estruturados em fontes transcendentais ou racionais, o ser humano persiste no estabelecimento de uma existência fundamentada na coerência, no propósito e na significância.

2 Sentido de Vida e Religiosidade/Espiritualidade

Os valores religiosos e espirituais podem ser utilizados por pessoas de vários contextos socioculturais como uma possível fonte de sentido existencial. Ao longo da história, as religiões foram fundamentais no estabelecimento de crenças para indivíduos, famílias e sociedades. A partir da filosofia existencialista, surge uma proposta denominada de secularização. O objetivo da secularização era elaborar uma reflexão sobre as diversas dimensões da existência a partir da influência iluminista. Consequentemente, a razão, e não a religião, deve oferecer os pressupostos objetivos para a compreensão de toda a realidade, inclusive, a espiritual (Andel-Mandersloot, 2002).

Além da influência promovida pela secularização, os aspectos paradoxais da religião no Ocidente podem ter contribuído para a polarização dos teóricos da psicologia. De um lado, fiéis e líderes religiosos enfatizam a fraternidade, promovem atividades para desenvolver a saúde psicológica e envolvem-se na defesa da justiça social e racial. Na direção contrária, porém, existe uma religiosidade, individual e coletiva, que pode florescer o fanatismo, afrontar a saúde psíquica e elevar o preconceito racial, étnico e de classe social (Allport & Ross, 1967; Pargament, 2007). Diante desta dimensão polarizada, a Organização Mundial da Saúde (OMS) estabeleceu a religiosidade e a espiritualidade como uma dimensão da qualidade de vida sem deixar de reconhecer alguns riscos e danos (Trindade, 2022).

A relação do bem-estar e sentido de vida com a religiosidade e espiritualidade tem pautado uma grande quantidade de estudos nas últimas décadas. Desde a estruturação da Psicologia da Religião e Espiritualidade em 1946, é

crecente a aplicação de métodos de pesquisa e a incorporação dos resultados em ambientes clínicos e outros ambientes aplicados (APA, 2009). Este processo também acontece com outras áreas da saúde como enfermagem e a medicina (Guerrero et al., 2011; Pallini et al., 2019; Silva et al., 2021). A Associação Mundial de Psiquiatria, identificou mais de 3000 revisões sistemáticas da literatura científica sobre estudos empíricos que investigam as relações entre religião/espiritualidade e saúde (Moreira-Almeida et al., 2016).

Viktor Frankl é uma das referências para o estudo psicológico a respeito da religiosidade e espiritualidade. A influência do filósofo existencialista Martin Buber (1878-1965) na teoria do ser espiritual de Frankl é fundamental para a compreensão do transcendente na intersubjetividade. O conceito de inconsciente espiritual elaborado por Frankl surge a partir do pressuposto buberiano da “escondida” consciência humana acerca de Deus (Carvalho, 2021).

Buber (2001) conceitua as interações do ser humano como EU – TU e EU – ISSO. A relação subjetiva e ontológica de espírito a espírito é descrita como EU-TU. Por outro lado, a relação EU-ISSO corresponde à identificação do outro como objeto. Neste caso, o ISSO pode referir-se a objetos da natureza e a outros indivíduos. De acordo com Frankl (2005), as interações interpessoais marcadas pelo controle, domínio e objetivação do outro podem ser identificadas como EU-ISSO. Na Logoterapia, a dignidade e o valor humano são encontrados apenas na relação EU-TU (Carvalho, 2021).

A filosofia buberiana afirma que a consciência acerca do TU Eterno é fundamental para a interação EU-TU entre os humanos. No entanto, o TU Eterno é desinteressante e inalcançável para aqueles que acolheram, restritamente, o racionalismo. No entanto, Martin Buber conclui que a negação do TU eterno não é

capaz de torná-lo inexistente (Buber, 2007). O pensamento de Buber é influenciado pela sua origem judaica. A essência da lei mosaica na Torá enfatiza que o amor ao próximo é consequência do vínculo de amor e obediência que o indivíduo desenvolve com *Yahweh*, o Deus de Israel (Pfeffer & Daher, 2008).

Este pressuposto filosófico forneceu fundamento teórico para a Logoterapia a respeito da relação do indivíduo com o transcendente. As ideias sobre Deus permeiam o pensamento humano, porém, podem estar ocultas no inconsciente espiritual. Através do acesso a esta dimensão espiritual inconsciente, o indivíduo pode descobrir o sentido da vida e encontrar recursos para suportar os sofrimentos existenciais (Frankl, 2014). De acordo com Wong (2021), a proposta da Logoterapia é restaurar a dimensão espiritual e proporcionar uma relação EU-TU comprometida com o amor a algo ou alguém maior que a si mesmo. A consequência deste processo envolve o exercício da vocação para servir o outro numa relação de espírito e espírito, conforme sugere a autotranscendência (Wong, 2016a).

A autotranscendência é definida por Frankl (2020) como a capacidade de desprendimento de si mesmo a partir da dimensão espiritual com a finalidade de dedicar-se a uma causa externa ou a amar outra pessoa. A autotranscendência redireciona o foco do eu para o outro, transforma os valores extrínsecos em intrínsecos, amplia a preocupação com os valores morais e aumenta a compaixão com os que sofrem. Este processo pode desencadear numa interação cumulativa de sentido, virtude e felicidade na vida (Wong, 2022). A teoria de dois fatores (vontade de sentido e sentido de vida) desenvolvida por Frankl (1946/2004) oferece os pressupostos que caracterizam a autotranscendência, conforme a Figura 2 que ilustra o gráfico elaborado por Wong (2021).

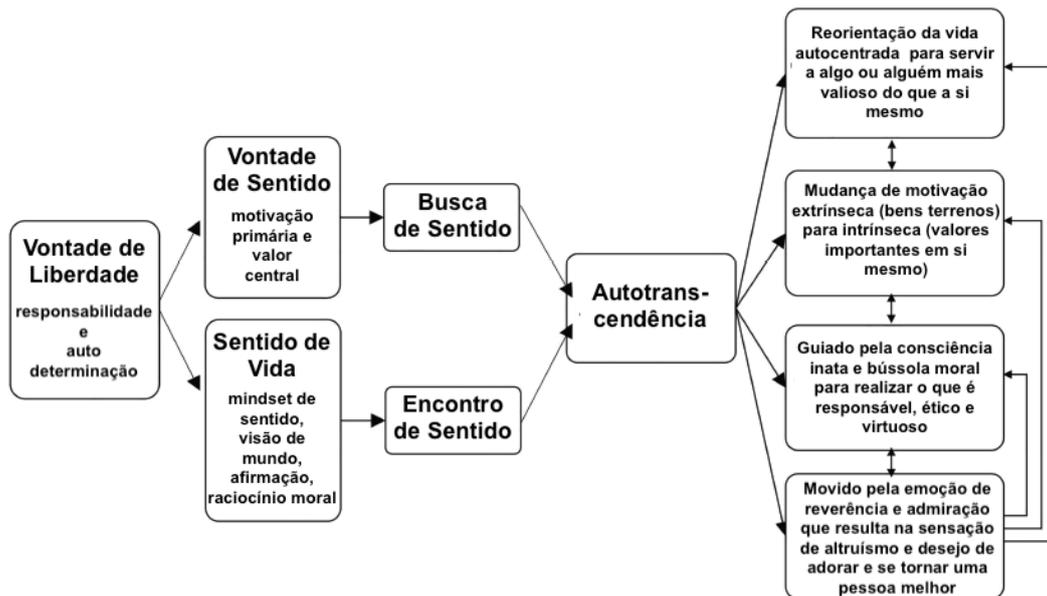


Figura 2

Gráfico Elaborado por Wong (2021)

As experiências religiosas e espirituais pertencem ao nível da autotranscendência denominado de transcendental. Os ateus e agnósticos podem experimentar o transcendente através dos ideais de bondade, verdade e beleza (Wong, 2022). De acordo com Reed (2020), a dimensão da autotranscendência que conecta o indivíduo à realidade que extrapola o mundo discernível é a transpessoal. Segundo McCarthy e Bockweg (2013), a transcendência está relacionada a cinco domínios: relacionamentos, criatividade, contemplação, introspecção e espiritualidade.

A partir destas considerações, alguns aspectos são fundamentais para a abordagem psicológica sobre a religiosidade e a espiritualidade. Primeiro, os termos carecem de uma definição universalmente aceita. De acordo com Cragun et al. (2015), a importância da clareza dos conceitos contribui para identificar os que

possuem algum tipo de espiritualidade, mas não se enquadram nos padrões estabelecidos pelas instituições religiosas.

A definição de espiritualidade, por vezes, diz respeito ao contato com o sobrenatural, no entanto, o termo é abrangente e possui significados distintos (Cragun et al., 2015). De acordo com Villani, et al. (2019), a espiritualidade pode ser compreendida como a busca pessoal pelo sagrado. O propósito é encontrar sentido e manter uma interconexão com o transcendente e com a humanidade.

Por outro lado, o filósofo Comte Sponville (2007), desenvolveu o conceito da espiritualidade ateia e desprovida dos pressupostos transcendentais. A beleza do *Todo uno* é encontrada no próprio espírito humano e na sua relação com o universo. Nesta direção, a espiritualidade pode ser desenvolvida através de fontes como arte, música e poesia. A apreciação da existência, a busca pelo bem-estar, a conexão emocional com outras pessoas e com a natureza podem ser identificadas como práticas desta espiritualidade (Cragun et al., 2015).

A fluidez e abrangência na definição do que é espiritualidade possibilita divergentes interpretações e pode obstaculizar a compreensão dos limites conceituais. A dificuldade se mantém quando as palavras espiritualidade e religiosidade são utilizadas como sinônimas (Cragun et al., 2015). Por isso, é importante não apenas delimitar os conceitos, como apresentar as possíveis interlocuções entre espiritualidade e religiosidade.

A abordagem no estudo quanto a espiritualidade refere-se, especificamente, à relação do indivíduo com o sobrenatural (Cragun et al., 2015). A religiosidade pode ser definida como a busca pelo sagrado a partir de uma tradição institucional que estabelece regras e tarefas para o devoto (Zinnbauer & Pargament, 2000). A espiritualidade, então, pode ser considerada mais abrangente, pois ocorre dentro e

fora da esfera institucional. De acordo com Frankl (2012), a religiosidade é apenas uma das dimensões da espiritualidade. Desta forma, o indivíduo pode ser identificado como espiritual, porém, não religioso (Zinnbauer et al., 1997).

Um segundo aspecto relevante diz respeito à crescente secularização nos níveis social, organizacional e individual. Este processo promove o aumento de indivíduos não espirituais e não religiosos como, por exemplo, ateus e agnósticos (Debeluck & Timm, 2015). Os ateus negam a existência de Deus e, os agnósticos afirmam que não há evidências para alegar ou negar que há um Deus. Desta forma, a interpretação dos fatos e fenômenos transcendentais precisam subordinar-se aos critérios racionais (Cragun et al., 2015).

Por último, ao tratar da orientação religiosa, Allport (1961) estabelece dois tipos: extrínseca e intrínseca. A religiosidade extrínseca é marcada pela busca de benefícios exteriores que promovem o *status*, a segurança e a distração. A relação com o sagrado é utilitária, autocentrada, oportunista e autodirigida.

A religiosidade intrínseca, por sua vez, tem como propósito o alinhamento entre os interesses pessoais e o sistema de crenças sagradas. A internalização e obediência aos princípios religiosos visam a empatia, a humildade, o altruísmo e a maturidade crescente. Para Allport e Ross (1967), o indivíduo não se restringe a um dos polos da orientação, ou seja, a ênfase religiosa intrínseca não impossibilita algumas atitudes extrínsecas e vice e versa.

As investigações que relacionam religiosidade e espiritualidade com o bem-estar psicológico aumentaram consideravelmente (Cohen, 2002; Koenig, 2012; Strelhow & Henz, 2017, Wong, 2020). Em grande medida, os estudos sugerem uma correlação positiva entre a saúde mental e a religiosidade e espiritualidade (Arslan, 2021; Guillford, 2002; Holden & Williamson, 2014; Koenig, 2012; Mayer, 2017,

2021a,b; Mayer & Fouch, 2021; Mayer & Viviers, 2018; Pargament et al., 2000; Scales et al., 2014; Yonker, et al., 2012).

Por outro lado, a religiosidade e espiritualidade também pode relacionar negativamente com alguns aspectos da saúde física e mental (Strelhow, 2017). A pesquisa de Scales et al. (2014) com 6.725 adolescentes e adultos emergentes (12 a 25 anos), por exemplo, identificou a relação positiva da espiritualidade com sentido de vida, felicidade, gratidão, autoconsciência, empatia e propósito. Entretanto, indicou que, quanto maior o desenvolvimento espiritual, maior o relato de discriminação religiosa e maior a frequência de depressão.

A religiosidade e espiritualidade podem alterar positivamente os indicadores de bem-estar mental. Este processo inclui menor ansiedade de morte, maior sensação de propósito, satisfação e sentido na vida. As experiências e os recursos espirituais podem fornecer um fortalecimento psíquico e uma direção para que o indivíduo encontre sentido na vida (Shirkavand et al., 2018; Unterrainer et al., 2014; Wong, 2022).

O processo de formulação dos conceitos que relacionam o sentido de vida com a religiosidade está fundamentado na perspectiva de diferentes autores: a) o sentido de vida pode ser orientado a partir de estruturas maiores como religião e filosofia (Allport, 1961); b) a religião pode ser uma importante fonte para a busca e presença de sentido de vida (Emmons, 2005; Wong, 2020); c) a religião pode fornecer um conjunto de dogmas com profundo senso de sentido (Baumeister, 1991); d) a religião pode contribuir com um sistema crenças que motiva os indivíduos na busca pela autocompreensão, propósito e coerência (Crescioni & Baumeister 2013; Park, 2005; Silberman, 2005).

Os estudos confirmam a associação positiva entre a presença de sentido de vida e espiritualidade (Hicks & King, 2008; Steger & Frazier, 2005; Zhang et al., 2020). Paloutzian e Ellison (1982) desenvolveram uma escala para avaliar a relação do bem-estar espiritual e religioso com o sentido de vida. Eles identificam uma correlação positiva do sentido de vida com a autoestima e a orientação religiosa intrínseca, ou seja, quanto mais elevada a presença de sentido, mais elevada a autoestima e a orientação religiosa.

O sistema de crenças sagradas fornece aos religiosos alguns valores que contribuem para a elaboração do sentido de vida (Newton & McIntosh, 2010). Primeiramente, as grandes questões existenciais como, por exemplo, “por que estou aqui?” e “o que acontece após a morte?” podem encontrar respostas que satisfazem os fiéis (Abeyta & Routledge, 2018). Em segundo lugar, a religiosidade e espiritualidade são capazes de promover a coerência entre o sentido e as diversas experiências da vida, especialmente, quando relacionadas ao sofrimento humano (Frankl, 1946/2004; Kaufman, 2020; Park, 2005; Wong, 2022). Em terceiro lugar, a sensação de pertencimento através da vida comunitária no núcleo religioso e espiritual é significativa (Lambert et al., 2010). Por último, a crença na vida após a morte pode contribuir para a elaboração do sentido de vida.

De acordo com Gomez e Fisher (2003), o bem-estar promovido pela religiosidade e espiritualidade provém da relação do indivíduo consigo mesmo (pessoal), com os outros (comunal), com a natureza (ambiente) e com Deus (ou transcendente outro). No domínio pessoal, o indivíduo busca a autopercepção, o desenvolvimento da identidade, autoconsciência, alegria, paz e do sentido na vida. O domínio comunal propõe a ampliação do amor, respeito e bondade para com as

outras pessoas. O domínio ambiental diz respeito ao crescimento da contemplação à natureza.

Por fim, o domínio transcendental envolve o processo de avanço na intimidade com Deus em busca de unidade e paz. Estas interações produzem um senso de identidade, plenitude, satisfação, alegria, contentamento, beleza, amor, respeito, atitudes positivas, paz interior, harmonia, propósito e sentido na vida (Gomes & Fisher, 2003; Van Cappelen et al., 2013).

Durante a infância e, muitas vezes, na adolescência, os cuidadores primários apresentam os próprios valores religiosos e espirituais aos filhos como uma proposta para o sentido de vida. Por outro lado, o avanço da secularização pode tornar a religiosidade e a espiritualidade desinteressante como pressuposto para a elaboração do sentido de vida indivíduos inseridos em seus contextos familiares e socioculturais. As informações, interações, experiências, crenças e valores acumulados na infância e adolescência são fundamentais para a formação do sentido de transcendência. No entanto, este processo está sujeito a transformações e alterações em qualquer fase do processo de desenvolvimento.

A religiosidade e a espiritualidade podem ser importantes fontes para estabelecer a presença de sentido e evitar metas extrínsecas como, por exemplo, o materialismo (Allport & Ross, 1967). De acordo com Hui (2014), a religiosidade intrínseca possibilita a redução das crenças materialistas. Por outro lado, o materialismo pode promover a cultura da aquisição de bens materiais e experiências e desenvolver uma busca ineficiente pelo sentido de vida.

3 Sentido de Vida e Materialismo

A diminuição da religiosidade decorrente da secularização pode ter influenciado a absorção sociocultural no Ocidente dos valores materialistas (Allport & Ross, 1967; Inglehart, 1977; Hui, 2014). A Revolução Industrial originada na Inglaterra no século XVIII e o desenvolvimento econômico nos países capitalistas contribuíram para estabelecer os pressupostos de uma sociedade materialista. A produção industrial em série, o deslocamento populacional para os grandes centros, as propagandas em rádios e televisores demarcaram um período de redefinição quanto a aquisição de bens materiais.

O século XIX experimentou transformações nas estruturas sociais, familiares e pessoais decorrentes da era industrial. As imigrações, formações de guetos, comunidades e novas culturas reformulavam os grandes centros urbanos. O capitalismo industrial redefiniu valores e códigos morais da vida urbana. A produção em série gerou uma massificação dos padrões e eliminou antigas marcas distintivas. À medida que a padronização aumentava, as classes mais elevadas procuravam produtos específicos e únicos como uma forma manter *status* social (Brandini, 2009).

O final do século XX foi marcado pela Revolução Tecnológica. As mídias digitais elevaram para um nível exponencial a divulgação de diversas marcas e produtos (Magnonil & Miranda, 2012). Os bens de consumo são acessados a qualquer momento através de *smartphones* e outros meios virtuais. O *E-commerce*, ou comércio eletrônico avança para atender a migração das relações de compra e venda das lojas físicas para os *sites* no meio digital.

Em nenhum período anterior ao século XXI, tantos objetos estiveram expostos aos olhos dos consumidores. As indústrias se tornaram *experts* na identificação dos desejos e na elaboração de produtos que movimentam o consumo em alta rotação. Segundo Bauman (2011), existe uma dinâmica para direcionar os potenciais consumidores aos potenciais objetos de consumo. O encontro destes polos produz a sociedade de consumidores. Segundo Schor (2009), existe um verdadeiro dilúvio de pesquisas promovidas pela indústria da propaganda para seduzir o imaginário das pessoas.

Diante desse quadro, o *marketing* digital investe na divulgação de bens e serviços com o propósito de captar clientes no ambiente virtual. As empresas contratam programadores para desenvolver algoritmos que identificam o interesse ou a curiosidade de um consumidor. A partir deste momento, anúncios sobre determinado produto pesquisado aparecem constantemente. O cliente não procura mais o produto desejado, mas o objeto que persegue virtualmente o consumidor. Se antes a compra dependia do deslocamento a uma loja física, atualmente, o consumo depende apenas de uma sequência de cliques (Gisondo et al., 2020).

A sobreposição de anúncios desenvolvidos pela comunicação digital se conecta com indivíduos que possuem o maior poder de compra de todos os tempos. Diante deste cenário, a aquisição de bens desnecessários ou supérfluos pode aumentar consideravelmente e promover a cultura do consumismo (Lins & Poeschl, 2016). As aceleradas, intensas e profundas mudanças na relação do indivíduo com os bens materiais justificam a quantidade de investigações científicas a respeito do materialismo no atual contexto sociocultural (Cleveland et al., 2022; Collela et al., 2021; Gonzales-Fuentes, 2019; Keech et al., 2020; Lee & Ahn, 2016; Lins et al., 2015; Malkanthie, 2019; Tarka et al., 2022).

O materialismo pode ser definido como um conjunto de crenças que indicam a importância das posses para o indivíduo. Este conceito é elaborado a partir de três dimensões: a) posses materiais como critério para julgar o próprio sucesso e das demais pessoas; b) conexão entre felicidade e bens materiais; c) a centralidade do consumo na vida (Richins & Dawson, 1992).

De acordo com Kasser (2002), pensadores existencialistas como o filósofo Erich Fromm e os psicólogos Carl Rogers e Abraham Maslow reconheciam a importância do consumo para prover as necessidades básicas. Por outro lado, estes teóricos advertiam quanto ao risco da hipervalorização dos bens materiais, uma vez que a ênfase nos valores materialistas pode obstruir o acesso ao bem-estar e a felicidade (Kasser, 2002).

A maioria das pesquisas ressalta os aspectos prejudiciais do materialismo, no entanto, alguns autores se dedicam ao estudo das virtudes dos valores materialistas. Para Yankelovich (1981), as atitudes materialistas são necessárias para o funcionamento e a organização da sociedade moderna. Outros teóricos afirmam que materialismo pode contribuir para aliviar o estresse (Rindfleisch et al., 1997) e desenvolver a economia (Cherrington, 1908). De acordo com Barbosa (2004), a autonomia de escolha, a soberania do consumidor, a busca pela qualidade educacional e cultural dependem dos valores materialistas. Segundo Holt (1995), as realizações, as relações afetivas e os objetivos de vida podem ser alcançados através de algumas formas positivas de materialismo.

Outros estudiosos, portanto, identificam com frequência o materialismo como prejudicial ao bem-estar psicológico e ao contentamento com a vida (Dittmar & Isham, 2022; Wang et al., 2017). Quando a aquisição de bens de consumo torna-se uma fonte primária para a satisfação da vida, as demais fontes como necessidade

de proteção, segurança e autorrealização são deslocadas para um plano secundário (Kasser et al., 2007). Segundo Belk (1985), o materialismo é composto por três dimensões de ordem secundária: possessividade, falta de generosidade e inveja. De acordo com os estudos de Richins e Dawson (1992), a autoestima baixa, a insatisfação com a própria vida e o desejo insaciável por uma renda maior estão positivamente associados ao materialismo.

Os relacionamentos interpessoais podem ser prejudicados ou substituídos pelos bens materiais. As pessoas que enfatizam as posses mais do que as interações sociais tendem a ser identificadas como materialistas (Belk 1985; Richins 1994). A pesquisa de Lins et al. (2015) mostra que o elevado acesso aos bens de consumo pode desenvolver perturbações psicológicas e insatisfação em adolescentes e jovens. O materialismo também pode promover insatisfação e conflitos interacionais como consequência de endividamento pessoal ou familiar (Richins, & Rudmin, 1994; Tsang et al., 2014).

Os valores materialistas possibilitam o desenvolvimento de atitudes consumistas e impulsivas na aquisição de produtos. O consumismo é caracterizado pelo consumo em excesso (Lins & Poeschl, 2016). As compras compulsivas, geralmente, envolvem um alto nível de excitação e fortes traços hedonistas (Herabadi et al., 2009). De acordo com Lins et al. (2015), as compras por impulso podem ser configuradas a partir de três fundamentos psicológicos: o desejo pelo objeto (materialismo), a atração emocional (hedonismo) e a ausência de reflexão (cognição).

Em diversas situações, a intenção dos sofisticados anúncios publicitários é vincular o produto divulgado à sensação de bem-estar do indivíduo. De acordo com Bauman (2011), na era do hiperconsumo, a tristeza proveniente da não posse

antecede a alegria da aquisição. A satisfação e o bem-estar, então, dependem desta dinâmica baseada nos valores materialistas. De acordo com Kashdan et al. (2007), indivíduos materialistas estão aprisionados na “esteira hedônica” e dependem do consumo contínuo e crescente para manter a sensação de bem-estar. Este objetivo extrínseco pode prejudicar a saúde psicológica.

As metas extrínsecas dependem de recompensas externas e avaliações positivas como, entretenimento, dinheiro, fama e consumo. Por outro lado, os objetivos intrínsecos estão relacionados às atitudes internas com o propósito de satisfazer necessidades psicológicas que envolvem, por exemplo, a contribuição à comunidade e os laços sociais (Abeyta et al., 2019). Os objetivos intrínsecos estão associados ao funcionamento psicológico positivo. As metas extrínsecas podem distrair a busca das intrínsecas e obstruir a capacidade de atender as necessidades psicológicas fundamentais. Sendo assim, os objetivos extrínsecos estão associados aos resultados psicológicos negativos (Kotera et al., 2022).

O sentido de vida, então, pode ser identificado como um objetivo intrínseco e o materialismo, extrínseco. Nas últimas décadas, inúmeras pesquisas foram realizadas para relacionar o materialismo e o bem-estar (Burroughs & Rindfleisch, 2002; Deci & Ryan, 2000; Fromm, 1976; Górnik-Durose, 2020; Kasser, 2002; Maslow, 1954). Na Psicologia Positiva Existencial, o sentido da vida é um dos cinco elementos que promovem o bem-estar e está acompanhado das emoções positivas, do engajamento, dos relacionamentos e da realização. De acordo com Mead e Willians (2022a), os valores materialistas possuem metas extrínsecas e, conseqüentemente, enfraquecem tanto o sentido de vida como os demais elementos do bem-estar.

O materialismo é uma proposta ineficaz para a busca de sentido na vida (Richins e Chaplin, 2015). Estudos recentes revelam que a busca de sentido decorrente do materialismo pode ser qualitativamente inferior (Abeyta et al., 2019; Choi et al., 2017; Goodman et al., 2016; Mead & Willians, 2022b). A pesquisa de Dorn (2014) com 209 americanos demonstra que os respondentes com maior materialismo apresentaram menor presença de sentido na vida.

Alguns estudos inserem o sentido de vida e o materialismo em pesquisas com outras variáveis. A investigação de Kashdan et al. (2007) com 144 universitários identificou que a evitação experiencial está positivamente associada ao materialismo e negativamente com a presença de sentido de vida. A evitação experiencial refere-se à indisposição de acessar pensamentos, sensações corporais e sentimentos negativos (Hayes-Skelton & Eustis, 2020). A evitação experiencial pode interferir na busca pelo sentido de vida ao propor um desvio da atenção dos objetivos intrínsecos para os extrínsecos. Desta forma, o materialismo pode ser identificado como um subterfúgio extrínseco para aliviar alguma angústia, dor ou estresse (Mead, 2022).

Ao investigar 563 chineses, Zhao et al. (2019) observaram a relação do sentido de vida, materialismo, admiração disposicional e bem-estar subjetivo. O despertar de emoções positivas diante de estímulos como natureza, obras de arte, líderes carismáticos, música e religião é reconhecido como admiração disposicional (Lin et al, 2021). O estudo sugere que quanto maior a admiração disposicional, maior o bem-estar subjetivo e a presença de sentido. O materialismo, por sua vez, obteve uma relação negativa com a admiração disposicional (Zhao et al., 2019).

O materialismo como uma meta extrínseca pode ser impotente para oferecer o bem-estar. A lógica materialista produz uma constante e insaciável insatisfação minimizada apenas pela atitude de compras. O que foi adquirido e produziu prazer ontem torna-se obsoleto e descartável hoje. A satisfação está em consumir o lançamento do mercado. Os parâmetros pela busca do sentido de vida moldados pelos valores materialistas baseiam-se nesta interminável dinâmica extrínseca.

O materialismo pode comprometer o bem-estar psicológico e dificultar o acesso à presença de sentido (Mead e Willians, 2022a; Richins e Chaplin, 2015). Em situações de sofrimento como a ansiedade perante a morte, as crenças materialistas, possivelmente, não se apresentam eficazes (Mead, 2022). A ansiedade diante da morte depende de metas intrínsecas para amenizar a dor quanto à consciência da finitude. De acordo com Wong et al., (1994), a presença de sentido de vida pode ser responsável pelo aumento do bem-estar e diminuição da ansiedade de morte.

4 Sentido de Vida e Ansiedade Perante a Morte

Os registros a respeito do medo da morte ocorrem desde os tempos mais remotos e inúmeras práticas culturais foram estabelecidas para minimizá-lo (Becker, 1973, Vomero, 2016). A filosofia platônica 400 a.C., por exemplo, definiu a natureza humana como bipartida, ou seja, corpo e alma. Enquanto a alma é eterna e conectada ao divino, o corpo, por sua vez, é o sepulcro deteriorável que aprisiona a alma. A função da filosofia, então, é libertar a alma desta prisão até que a liberdade plena aconteça com a morte (Montenegro, 2013).

A partir deste pressuposto platônico, Pyszczynski et al., (2015) escrevem que uma das formas de defesa em relação ao medo da morte é identificar o espírito ou a mente como transcendente ao corpo e independente dele. Esta percepção possibilita a permanência da psique quando o corpo perecer. As pessoas se identificam mais com suas mentes e espíritos do que com seus corpos, meros recipientes para o “eu” imaterial. Os corpos físicos são responsáveis pela informação acerca da vulnerabilidade e mortalidade humana, por isso, o apego ao espírito e distanciamento do corpo (Pyszczynski et al., 2015).

O medo da morte não se restringe ao fim da vida. O mistério em torno de uma realidade posterior também pode ser fonte de pavor. Na tentativa de amenizar este cenário, muitos ritos de passagem foram instituídos para amenizar o terror e, se possível, produzir o desejo pela realidade pós-morte. Desde a antiguidade, as cerimônias fúnebres com os rituais de passagem sinalizam um novo *status* social que pertence apenas àqueles que já morreram.

Os povos mesopotâmios, por exemplo, enterravam os corpos dos mortos com extremo cuidado e procuravam preservar a identidade pessoal e familiar. As

insígnias, vestimentas e comidas prediletas acompanhavam o defunto para garantir uma tranquila passagem ao mundo eterno (Giacoaia, 2005). Os hindus, por outro lado, entendiam que o corpo morto deveria ser incinerado e as cinzas lançadas ao vento. A destruição do cadáver simbolizava a destruição do pecado e possibilitava o acesso ao Nirvana e à paz originária. Para a cultura judaica, a morte conduz à vida eterna (Giacoaia, 2005). De acordo com o cristianismo, a vida eterna também pode ser acessada pelos que creem em Jesus Cristo como Messias (Strobel, 2019).

Na Idade Média, a estrutura de higiene, alimentação e saúde era precária. As frequentes pestilências e epidemias produziam um ambiente de familiaridade para com a morte. A sociedade a aceitava como uma ordem da natureza que fazia parte do cotidiano. De acordo com Ariès (2012), o indivíduo da Idade Média encarava a morte como uma das grandes leis da espécie e, por isso, a aceitava com a solenidade necessária para marcar o fim da existência.

Com o êxodo para os grandes centros urbanos durante o século XIX, algumas transformações aconteceram em relação à morte. Se no ambiente rural o final da vida era marcado pela presença de familiares e amigos, nas grandes cidades este processo tende a ocorrer solitariamente. De acordo com Ariès (2012), a influência do racionalismo neste período propôs a dessacralização da morte, reduzindo-a a um fenômeno clínico que resulta de uma disfunção orgânica negativa e, por este motivo, o tema da finitude deve ser evitado, removido e suprimido do ambiente familiar e social.

Nas últimas décadas, os óbitos foram deslocados dos espaços domésticos para as enfermarias. Geralmente, o fim da vida ocorre de maneira discreta, oculta e silenciosa nos leitos hospitalares. As capelas substituem as salas dos lares, as longas horas de velório dão lugar a uma despedida breve e, desta forma, os milenares ritos

de passagem enfrentam um processo de modificação e esvaziamento (Giacoia, 2005).

Independente das peculiaridades de cada período, o medo do fim da vida acompanha a humanidade desde os primórdios. No entanto, este medo não é uma construção equivalente a todos os seres humanos. A complexidade relacionada à morte e ao morrer depende das peculiaridades do indivíduo, da família e do contexto sociocultural (Becker, 1973). As transformações no mundo podem alterar os rituais e as crenças quanto a mortalidade, no entanto, não impede o medo e a ansiedade causados pela consciência da finitude (Melo, 2017).

Esta consciência é uma capacidade exclusiva dos seres humanos. De acordo com o filósofo existencialista Schopenhauer (1844/2014), os animais acessam somente o presente e, com isso, a morte é algo a ser enfrentado apenas no ato em si. A espécie humana é a única com complexidade cognitiva suficiente para estar ciente da inevitabilidade de sua própria morte. Apenas o ser humano possui meios cognitivos para inventar concepções que tentam negar este destino (Pyszczynski et al., 2015). Isso explica por que inúmeros estudos são realizados para identificar recursos psicológicos eficazes para amortecer o medo perante a morte (Arndt et al., 2013; DarNimrod, 2012; Greenberg et al., 1992).

A infalível realidade futura do fim da vida é a fonte de medo e ansiedade para grande parte da sociedade. De acordo com Wong et al. (1994), o medo é definido como específico e consciente. A ansiedade é identificada como uma reação mais generalizada e, talvez, inacessível a consciência. No entanto, a diferença pode estar relacionada mais a intensidade e frequência do que ao termo em si. Por isso, assim como ocorre na literatura de maneira geral, as expressões medo, pavor, terror

e ansiedade, serão utilizadas como intercambiáveis diante da consciência de finitude (Routledge & Vess, 2019).

A partir da década de 1960, estudos acerca da ansiedade de morte começaram a ser desenvolvidos por Templer e Dotson (1970). A publicação de Kubler-Ross (1969) sobre a morte e o morrer foi fundamental para ampliar as pesquisas da consciência da finitude. Diversos instrumentos foram elaborados para avaliar as atitudes diante da consciência da morte (Collett & Lester, 1969; Gesser et al., 1987; Hooper & Spilka, 1970; Marshall, 1981; Neimeyer et al., 1977).

De acordo com Pyszczynski et al., (2015), o terror da morte fundamenta-se nas seguintes razões: a) a maioria dos sistemas biológicos funciona para manter o organismo vivo; (b) a morte deve ser evitada para aumentar as oportunidades de reprodução e cuidado da prole; (c) a morte é o único evento futuro absolutamente inevitável; e (d) a morte ameaça impedir os desejos humanos como prazer, pertencimento, certeza, sentido, controle, competência, autorrealização e crescimento.

A gestão adequada dos pensamentos de morte é um desafio para os seres humanos. A consciência da finitude é capaz de produzir mecanismos de enfrentamento positivos como, por exemplo, o estabelecimento de propósito, coerência e significância na vida. Por outro lado, pode desenvolver o medo excessivo seguido de estratégias de enfrentamento mal adaptadas (Menzies, 2012; Mikulincer et al., 2003; Stolorow, 1979).

O antropólogo cultural Ernest Becker (1973) foi um dos principais proponentes de uma investigação acerca do amortecimento da ansiedade proveniente dos pensamentos de morte. Uma vez que os mecanismos cognitivos e motivacionais promovem a consciência da morte, um sistema para amortecer a

ansiedade precisa ser elaborado. De acordo com Becker (1973), o aumento da autoestima pode diminuir a ansiedade diante da consciência da inevitabilidade da morte.

A partir dos pressupostos de Becker (1973), os investigadores da psicologia, Greenberg et al. (1986), desenvolveram a Teoria de Gestão do Terror. O fundamento desta teoria é que o ser humano tem consciência da própria morte e procura administrá-la a todo custo. As investigações da Teoria de Gestão nas últimas décadas levaram a novas descobertas psicológicas a respeito das cosmovisões culturais e da autoestima como fontes inibidoras dos pensamentos de morte (Van Kessel et al., 2020).

De acordo com a Teoria da Gestão do Terror, as cosmovisões culturais são construídas a partir da concepção da realidade e compartilhadas com a finalidade de produzir um senso de sentido, ordem e permanência. A autoestima diz respeito à elevação do valor pessoal dentro do contexto sociocultural. A aquisição da autoestima ocorre à medida que o indivíduo integra e ajusta os valores culturais à sua própria visão de mundo (Schimel et al., 2019).

As três hipóteses principais da Teoria da Gestão do Terror são: saliência de morte, acesso ao pensamento de morte e amortecimento de ansiedade. **A hipótese de saliência da mortalidade** sugere que lembretes de morte podem aumentar a motivação para defender a cosmovisão cultural e buscar a autoestima. Desta forma, as lembranças de morte auxiliam o indivíduo a nutrir estas estruturas psicológicas protetoras. **A hipótese de acessibilidade do pensamento de morte** é inversa ao lembrete de morte. O indivíduo manifesta preocupação ao acessar o pensamento de morte e, por isso, ameaça ou enfraquece as estruturas psicológicas protetoras (cosmovisão cultural e a autoestima). Por fim, a **hipótese do amortecimento da**

ansiedade refere-se ao sistema sociocultural que estabelece a cosmovisão necessária para que o indivíduo aumente a autoestima e diminua o medo da morte (Schimel et al., 2019).

A partir destas hipóteses, Pyszczynski et al. (2015) afirmam que o mesmo intelecto que acessa a consciência da inevitabilidade da morte precisa, ao mesmo tempo, amortecer o potencial de terror decorrente desta realidade. Este processo ocorre através de ideais como, por exemplo, esperança de imortalidade literal ou simbólica. A imortalidade literal diz respeito a crença na vida após a morte.

De acordo com Van Tongeren et al. (2018), a imortalidade literal é definida como um recurso elaborado pelas crenças religiosas que enfatizam a vida após a morte. A cosmovisão religiosa da vida eterna pode aumentar a autoestima e contribuir para diminuição da saliência de morte (Dechesne et al., 2003; Jonas & Fischer, 2006).

A imortalidade simbólica trata de algo maior que perpetua após a própria morte. Esta imortalidade pode ser dividida em tangível e intangível. A categoria tangível envolve produções como livros, pinturas e músicas. A intangível, por sua vez, diz respeito a memórias, histórias e ideias (Heine et al., 2006; Pyszczynski et al., 2015).

Em decorrência dos pensamentos de morte, surgem as defesas proximais e distais. As **defesas proximais** propõem a remoção dos ameaçadores pensamentos de morte de maneira focal e direta. A negação da vulnerabilidade e o excesso de confiança na saúde são mecanismos utilizados para o autoconvencimento de que a morte é um tema de pouca relevância para o presente. As defesas proximais não propõem a negação da morte, mas enfatizam que esta realidade pertence ao futuro distante (Pyszczynski et al., 2015).

As **defesas distais** são estabelecidas pela cosmovisão cultural adquirida a partir do contexto sociocultural e pela autoestima do indivíduo. A percepção de propósito e relevância social fortalece a autoestima que, por sua vez, amplia a capacidade de defesa distal. As defesas proximais e distais podem contribuir para a identificação do sentido da vida e para o desempenho de atividades sociais que promovem a imortalidade simbólica (Wisman, et al., 2015).

De acordo com Wong et al. (1994), a aceitação da morte pode ser conceituada a partir de três dimensões: a) **a aceitação neutra** diz respeito à compreensão da morte como uma parte inevitável e natural da vida. A reação para com a finitude, portanto, é desprovida tanto de medo excessivo como de desejo; b) **a aceitação de aproximação** está relacionada à religiosidade e considera a morte como o início da vida eterna; c) **a aceitação de fuga** refere-se à visão da morte como uma fuga atraente diante de uma realidade presente marcada por dores e angústias.

Pesquisadores existencialistas posteriores a Wong et al. (1994), sugeriram que uma atitude neutra em direção à morte está intimamente ligada à descoberta do sentido da vida e do crescimento pessoal. Resultados empíricos sugerem que uma atitude neutra em relação à finitude está associada a níveis mais altos de sentido, propósito, bem-estar e satisfação com a vida (Boyraz et al., 2014).

Ao longo do processo de desenvolvimento humano, as atitudes e crenças em relação a morte são importantes para a elaboração do sentido de vida (Wong et al., 1994). A maioria das primeiras pesquisas se concentrou na ansiedade e no medo da morte entre idosos, pacientes terminais e seus cuidadores. Os resultados sugeriram uma relação significativa entre a ansiedade da morte e aumento da angústia (Neimeyer et al., 2004). A pesquisa de Wong et al. (1994), examinou as atitudes

para com a morte e suas relações com o bem-estar. Os autores descobriram que indivíduos que percebem a morte como parte natural da vida relatam níveis mais altos de bem-estar e sentido na vida.

De acordo com Frankl (2005), a Tríade da Tragédia é composta pelo sofrimento, pela culpa e pela morte. A consciência e aceitação de que a vida é temporária e irreversível contribui para o senso de responsabilidade, motiva a concentração no que é importante e, desta forma, promove o sentido de vida. Por esta razão, a conscientização da morte pode contribuir para o aumento do sentido de vida e promover metas com motivações intrínsecas (Vail et al., 2012).

A investigação da relação entre a ansiedade de morte e o sentido de vida avançou consideravelmente nos últimos anos (Arndt et al., 2013; Rogers et al., 2019; Vess, 2013). A pesquisa de Routledge et al. (2010) sugere que diante de lembretes de morte, a presença de sentido de vida amorteceu os efeitos da ansiedade diante da consciência de finitude. De acordo com Abeyta et al. (2019), o fortalecimento da autoestima amortece a ansiedade existencial, promove o pertencimento social e o sentido na vida.

Por outro lado, a realidade da finitude humana pode desencadear uma ansiedade de morte e interromper a percepção do sentido de vida (Steger, 2012). A certeza de que a vida terminará com a morte pode justificar o vazio existencial (Mayer, 2022). Por isso, a elaboração do sentido de vida depende tanto de cosmovisões culturais estáveis e seguras quanto de orientações que elevem a autoestima.

É possível que o sentido de vida proteja o indivíduo de consequências psicológicas negativas diante da consciência da inevitabilidade da morte (Juhl, 2019; Pyszczynski et al., 2015). No entanto, se a intensidade e frequência dos

pensamentos de mortalidade desafiam a coerência, enfraquecem o propósito e esvaziam a significância, pode-se chegar à conclusão de que a vida finita é absurda e ausente de sentido (Van Tongeren & Van Tongeren, 2020).

Se por um lado, os lembretes de morte são importantes para que o indivíduo usufrua ao máximo a vida finita, por outro, a ansiedade perante a morte pode produzir sensação de vazio existencial. À medida que a ansiedade diante finitude aumentar, faz-se necessário agir defensivamente reafirmando um sentido para a vida (Mayer, 2022). A elevação da autoestima e a defesa da cosmovisão cultural são fundamentais neste processo. A aceitação neutra do fim da vida, as defesas distais, as ideias de imortalidade simbólica e literal podem contribuir para minimizar o terror do indivíduo diante da morte e para produzir a presença de sentido existencial.

Os adultos emergentes podem enfrentar uma autoestima mais baixa que os outros estágios da vida e, conseqüentemente, ter uma ansiedade face a morte elevada (Petee et al., 2015). A adultez emergente é uma etapa do processo de desenvolvimento entre a adolescência e a vida adulta em que as próprias demandas como, autonomia e independência, podem produzir níveis altos de ansiedade (Arnett, 2014). Por isso, a identificação da presença de sentido neste momento da vida pode auxiliar na compreensão da realidade que enfrentam e, em seguida, apontar sugestões para a promoção da saúde e o bem-estar psicológico.

5 Adultos Emergentes

O campo da Psicologia do Desenvolvimento Humano é ativo e trata de demandas individuais e sociais que atendem às interpelações e ressignificações na atualidade. O estudo dos processos psicológicos nas etapas da vida a partir do contexto social, cultural e biológico tem contribuído para a promoção da saúde e do bem-estar individual e comunitário. As recentes mudanças históricas desafiam a Psicologia do Desenvolvimento na busca por perspectivas teórico-metodológicas que explicam os fenômenos psíquicos (Pizzinato A. et al., 2021).

A conceituação e investigação a respeito da adulez emergente reflete o empenho psicológico em atender as necessidades das novas exigências no processo de desenvolvimento humano. A família, o mercado de trabalho e o aumento da expectativa de vida, por exemplo, foram intensamente afetados pelas transformações e revoluções nas últimas décadas. A proposta de mais uma etapa no processo de desenvolvimento humano é o resultado do empenho de uma linha psicológica atenta e comprometida em produzir respostas às indagações do contexto em que está inserida.

O termo “adulto emergente” foi utilizado pelo teórico Jeffrey Arnett para justificar as recentes mudanças no processo de desenvolvimento. Nas transições geracionais até a década de 80, a adolescência precedia a vida adulta, pois, geralmente, os jovens já se casavam e assumiam a independência financeira. As recentes transformações históricas e socioculturais, principalmente, nos países desenvolvidos e industrializados, possibilitaram o surgimento de uma fase que antecede a vida adulta.

Para Arnett (2014), o surgimento da idade adulta emergente resulta de quatro transformações que aconteceram no mundo durante as décadas de 1960 e 1970: a **Revolução Tecnológica**, que produziu computadores e máquinas para substituir os empregos nas indústrias. Esta mudança exige maior qualificação profissional e, conseqüentemente, um prolongamento no período de estudos daqueles que desejam maior remuneração; a **Revolução Sexual** (decorrente da Revolução Tecnológica), em que a criação da pílula anticoncepcional e a flexibilização dos padrões morais para a relação sexual, torna o casamento postergável; a **Revolução Feminista**, que diminui a pressão para o casamento precoce da mulher que era, aproximadamente, aos 20 anos. Ao redefinir o *status* da mulher solteira, amplia-se a possibilidade de carreira acadêmica e profissional; e o **Movimento Juvenil**, que estabelece a vida adulta como uma fase de obrigações que oferecem segurança e estabilidade, mas sinaliza o fim da independência, da espontaneidade e da liberdade. O cônjuge e os filhos podem ser identificados como parte de uma estrutura de aprisionamento.

A adulez emergente pode ser marcada pela ansiedade e insegurança decorrentes da pressão de uma fase que antecede a vida adulta. É um período propenso para possíveis paradoxos, já que a idade permite experimentar a liberdade, mas os jovens ainda dependem financeiramente dos pais. O pêndulo pode se movimentar entre o entusiasmo e o desconforto, as possibilidades e as confusões, as novas liberdades e os novos medos (Arnett, 2014). De acordo com Seidl-de-Moura (2018), a adulez emergente decorre da dificuldade de superar o conflito entre produtividade e autocentração. De acordo com Schwartz (1994), a autocentração refere-se à independência de pensamento e de ação, criatividade e exploração. O prolongamento da permanência na casa dos pais e as dificuldades

para assumir os compromissos produzem um período que intermedia a adolescência e a vida adulta. Esta mudança resultou em um novo estágio desenvolvimental que compreende a idade aproximada dos 18 aos 29 anos.

Ao justificar a delimitação da idade adulta emergente, Arnett (2014) argumenta que esta fase não pode ser identificada como um prolongamento da adolescência. Os adultos emergentes, geralmente, são mais independentes e livres do controle dos pais. Por outro lado, os jovens de 18 a 29 anos também não atingiram a idade adulta jovem. A transição histórica associada ao *status* da adulez como, por exemplo, casamento, paternidade e independência financeira pode não ter se consolidado. A partir destes pressupostos, Arnett (2014) argumenta que a idade adulta emergente é uma etapa inédita no processo de desenvolvimento e, por isso, requer um novo termo e uma nova maneira de pensar.

O início da adulez emergente ocorre, aproximadamente, aos 18 anos. O fim do ensino médio e ingresso na universidade podem marcar este período de transição. O final da idade adulta emergente pode ser flexível, pois depende das condições para assumir os compromissos da vida adulta. A faixa conservadora é dos 18 aos 25 anos, no entanto, internacionalmente, o período mais apropriado é dos 18 aos 29 anos, devido à elevação da idade média para casamento nos países desenvolvidos. Nos países em desenvolvimento, a evasão escolar, o ingresso precoce no trabalho não qualificado e o compromisso com o sustento familiar são barreiras para vivenciar a adulez emergente (Arnett et al, 2018). Por outro lado, as classes média, média alta e alta destes países em desenvolvimento se assemelham às nações desenvolvidas em relação à idade adulta emergente (Dutra-Thomé & Koller, 2014).

As trajetórias de níveis socioeconômicos mais elevados permitem que os pais sustentem seus filhos em casa por mais tempo. Por outro lado, as trajetórias de níveis socioeconômicos baixos dependem de emprego para contribuir com o sustento familiar. Outro dado relacionado é que, em muitos países desenvolvidos, a idade média da mãe quando tem o primeiro filho é de 30 anos. Esta média no Brasil é de 22 anos (Dutra-Thomé & Koller, 2016).

Os desafios dos adultos emergentes podem elevar o estresse, a ansiedade e a depressão a níveis maiores que em outras fases do processo de desenvolvimento (Czyżowska, 2021). Dados epidemiológicos dos Estados Unidos indicam que a prevalência de transtornos mentais durante a adultez emergente é superior em relação às demais fases da vida (Handal et al., 2015; Kessler, et al., 2005). Estudos no Japão mostram que a ocorrência de transtornos na faixa de 18 a 34 anos são mais frequentes que em outras etapas (Ishikawa et al., 2018).

5.1 Sentido de Vida dos Adultos Emergentes

O crescimento de investigações nos últimos anos tem como objetivo elaborar propostas para minimizar os riscos de transtornos mentais e promover o bem-estar dos adultos emergentes. Os jovens que saem da adolescência em direção à vida adulta podem enfrentar inseguranças e medos que provêm das responsabilidades a serem assumidas. A orientação quanto a busca e presença do sentido de vida pode ser uma importante ferramenta para o estabelecimento da segurança necessária diante das demandas (Czyżowska, 2021).

Os resultados de uma pesquisa com 120 adultos emergentes na Polônia demonstraram que a presença do sentido de vida era capaz de inibir os sintomas depressivos e o estresse. No entanto, a busca dos participantes pelo sentido de vida

era maior que a presença de sentido. Os estudos, então, concluíram que o elevando nível de busca de sentido pode estar relacionado a *déficits* de bem-estar (Czyżowska, 2021).

Por outro lado, a adultez emergente é uma fase que prolonga a exploração de alternativas para a construção da identidade e, desta forma, é comumente ligada à busca de sentido (Hill et al., 2016). Por esta razão, é possível que a busca de sentido não esteja negativamente associada ao bem-estar nesta fase. A pesquisa de DeZutter et al. (2014) com 8.492 adultos emergentes americanos percebeu que a busca de sentido pode decorrer de dois fatores: a) um processo de identificação ou construção do sentido, e b) um refinamento do sentido já identificado.

Vale-Dias e Veras (2020) investigaram a respeito do sentido de vida de jovens brasileiros e portugueses. A amostra brasileira possuía 300 sujeitos e a portuguesa, 298 participantes. A média de idade era de aproximadamente 20 anos. Os resultados indicaram que, quanto mais religiosos, mais presença de sentido de vida para os jovens das duas nacionalidades.

5.2 Religiosidade e Espiritualidade dos Adultos Emergentes

Apesar da religião e espiritualidade serem identificadas como relevante para a presença de sentido, estudos indicam que a religiosidade e a espiritualidade dos adultos emergentes decrescem quando comparada aos adultos acima de 40 anos. O *Pew Research Center* (2018) realizou uma pesquisa sobre religiosidade em 106 países e identificou que jovens adultos (18 a 39 anos) de 46 nações são menos propensos a responder que a religião é muito importante. O Brasil está em 28º lugar e Portugal em 16º lugar na lista de menos propensão religiosa dos jovens adultos em relação aos respondentes mais velhos.

Nos dias 22 e 23 de junho de 2022, o Instituto de Pesquisas Data Folha entrevistou 2.556 pessoas, em 181 cidades brasileiras, a respeito da religião dos eleitores. Os jovens de 16 a 24 anos correspondiam a 15% dos entrevistados (Data Folha, 2022). Em São Paulo, os sem religião correspondiam a 30%, evangélicos 27%, os católicos a 24% e outras religiões 19%. No Rio de Janeiro, os sem religião correspondiam a 34%, os evangélicos 32%, católicos 17% e demais religiões 17% (G1, 2022).

Outras pesquisas brasileiras confirmam o aumento do desinteresse dos jovens pela religião. O Brasil é um país laico e o catolicismo é a principal religião entre os jovens de 18 a 34 anos, com 34,3% de adeptos ao passo que os sem religião correspondem a 32,14%. Os jovens católicos se concentram no Nordeste, os evangélicos no Norte e os ateus estão mais presentes no Sul e Sudeste do país (Debeluck & Timm, 2015). Um estudo, com 892 jovens de 18 a 25 anos no Brasil, apontou que 37,2% dos participantes não professam religião. A pesquisa também mostrou que 28,4% dos respondentes se declaram evangélicos e 21% católicos (Sena, 2018).

Ao observar os valores religiosos e espirituais, percebe-se que alguns jovens portugueses têm encontrado no retorno às práticas religiosas, o consolo para a insegurança no mercado de trabalho. Por outro lado, a ênfase na liberdade e no prazer dificultam a convivência em igrejas com regras rígidas. O catolicismo é arraigado nas gerações anteriores e, de alguma forma, há um estímulo para que os jovens desenvolvam a religiosidade e a espiritualidade. No entanto, nas últimas décadas, é crescente a porcentagem de jovens agnósticos, ateus e sem religião (Coutinho, 2019).

Uma pesquisa acerca da religiosidade dos jovens foi realizada por duas importantes universidades europeias, *St Mary's University* e *Institut Catholique de Paris*. O objetivo era informar o resultado no Sínodo dos Bispos de 2018, em Roma, com o tema Jovens, Fé e Discernimento Vocacional. A Figura 3 apresenta o gráfico com a percentagem de jovens não religiosos nos diversos países da Europa. Em Portugal, 42% dos jovens entre 16 e 29 anos não se identificavam com nenhuma religião. Os jovens católicos totalizaram 53%, mas apenas a metade frequentava a missa (Bullivant, 2018).

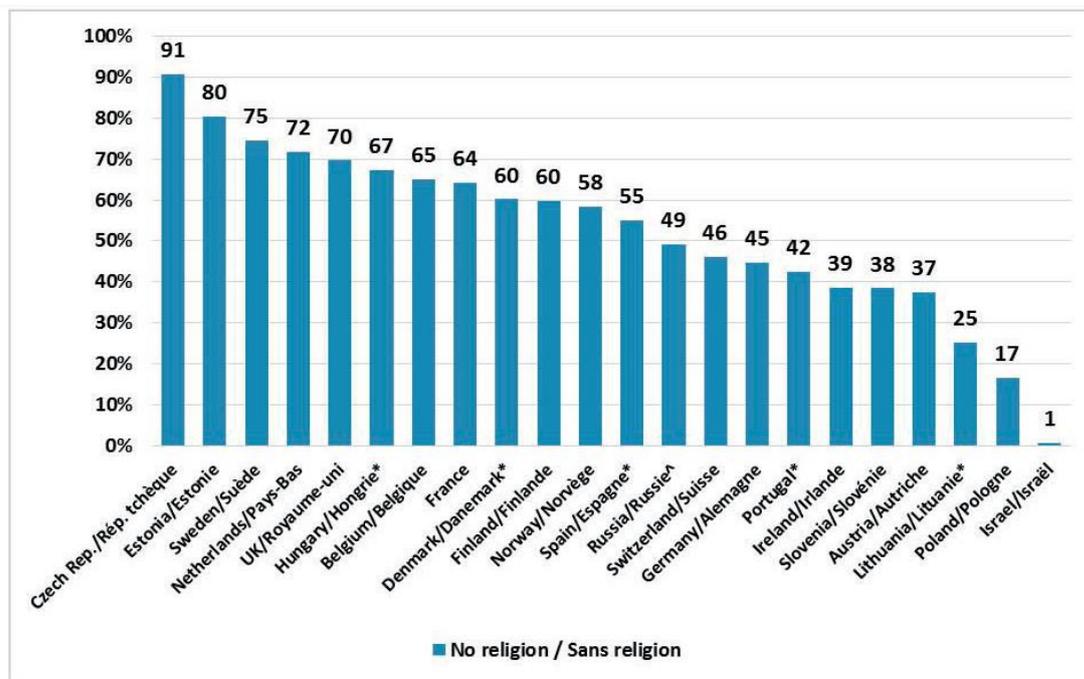


Figura 3

Gráfico de Porcentagem de Jovens Não Religiosos em Países da Europa

A afirmação de pertencimento a uma religião pode fundamentar-se mais na tradição e nos aspectos socioculturais do que numa declaração de crença intrínseca. O adulto emergente pode afirmar ser católico (não praticante) ou evangélico

(desigrejado), a partir de uma cosmovisão de religiosidade extrínseca. Desta forma, a fé não interfere na formação dos valores, nas práticas e no estabelecimento de um sentido de vida (Guimarães, 2022).

5.3 Materialismo dos Adultos Emergentes

Os valores materialistas são opostos aos fundamentos das principais religiões do mundo. A religião e a espiritualidade intrínseca podem se relacionar positivamente com o sentido de vida. No entanto, o materialismo como valor extrínseco possui, geralmente, uma relação negativa com o sentido de vida. A pesquisa a respeito dos valores materialistas na adultez emergente ainda é incipiente, no entanto, algumas investigações demonstram a possibilidade de crescimento do materialismo nos anos de faculdade (Jiang, 2020).

O estudo longitudinal de Jaspers e Pieters (2016), com 4.297 holandeses entre 16 e 90 anos, estabeleceu 9 ondas para identificar o materialismo ao longo da vida. Os autores observaram que durante a adolescência, o materialismo decresceu, no entanto, aumentou na adultez emergente. Estes dados revelam que o interesse financeiro pode tornar-se cada vez mais dominante à medida que o indivíduo se aproxima da vida adulta (Jiang, 2020).

Quando o tema são os valores materialistas dos adultos emergentes no Brasil, é possível identificar alguns dados interessantes. Enquanto os pais são atraídos pelos bens duráveis como, por exemplo, carros, casas e eletrodomésticos, os filhos adultos emergentes preferem os bens não duráveis como experiências e os produtos de alta tecnologia que se tornam obsoletos rapidamente (Sena, 2018). No entanto, ambos podem estar inseridos num contexto materialista onde o *status* e a

felicidade são determinados pela aquisição de tais bens, quer sejam duráveis ou não duráveis (Eastman & Liu, 2012).

Uma pesquisa longitudinal, realizada em 1996 e em 2005, universitários portugueses demonstrou que a melhor condição de vida e o acesso aos bens essenciais e não essenciais contribuíram para atenuar o desejo de consumo. De maneira geral, os jovens se tornaram menos atraídos pelos bens duráveis como, por exemplo, carros e apartamentos. O investimento foi redirecionado para os bens não duráveis como entretenimentos, viagens e tecnologia. (Santos & Neves, 2008).

5.4 Ansiedade Perante a Morte dos Adultos Emergentes

Muitos adultos emergentes não estão com as carreiras profissionais estabilizadas e possuem um nível de instabilidade maior que as outras faixas etárias. De acordo com Arnett (2004), a adultez emergente pode ser marcada pelo início de uma independência e autonomia que precisa maturar para a vida adulta. À medida que não se consolida, este processo pode ser desgastante psicologicamente e afetar a autoestima. Estudos indicam que os adultos emergentes podem possuir a autoestima mais baixa em comparação com a maioria dos estágios de desenvolvimento (Athulya et al., 2016; Peteet et al., 2015; Robins & Trzesniewski 2005).

Conforme abordado anteriormente, a autoestima pode ser uma fonte importante para inibir os pensamentos de morte (Van Kessel et al., 2020). Ao identificar a suscetibilidade dos adultos emergentes quanto à baixa autoestima, é plausível concluir que podem ser vulneráveis à ansiedade face à morte. Segundo a pesquisa de Handal et al. (2015), os adultos emergentes podem experimentar um aumento no nível de angústia em relação às demais fases da vida.

Os adultos emergentes não pertencem a um grupo com risco iminente de morte e, talvez, esta seja a justificativa para a escassez de material sobre ansiedade diante da morte nesta fase do desenvolvimento. Por outro lado, a baixa autoestima e as angústias que atingem um elevado percentual dos adultos emergentes podem ser fatores para a investigação quanto à ansiedade perante a morte (Pashak et al., 2020). O enfrentamento da pandemia da Covid 19 com o risco iminente de morte pode ter influenciado a percepção dos adultos emergentes a respeito da ansiedade de morte.

A investigação do sentido de vida dos adultos emergentes em dois países, a saber, Brasil e Portugal, corrobora para a compreensão de possíveis semelhanças e diferenças a partir de contextos socioculturais distintos.

6 Brasil e Portugal – Diferenças e Semelhanças

O sentido de vida é um tema que não se restringe a uma fase do processo de desenvolvimento, a um contexto sociocultural específico ou a uma abordagem científica. Este é um tema universal que pode ser estabelecido a partir de cosmovisões pessoais e provenientes das relações familiares, sociais e culturais. Por isso, a investigação transcultural contribui para compreender o sentido de vida dos adultos emergentes inseridos em realidades distintas.

De acordo com Janone (2022), a comunidade brasileira representa 30% de todos os estrangeiros que vivem numa situação regular em Portugal. Este é o maior número da história e não contabiliza os brasileiros com cidadania portuguesa. O número elevado de desemprego no Brasil, desde 2016, pode ser uma das justificativas do êxodo de brasileiros a Portugal. Por outro lado, moram no Brasil, aproximadamente, 500.000 portugueses com bi cidadania ou descendentes (Ramos, 2021).

O vínculo entre brasileiros e portugueses ultrapassa o idioma e a apreciação por comidas, vinhos e futebol. A parceria entre os dois países na área econômica, empresarial, tecnológica e os intercâmbios entre universitários é crescente e medidas têm sido tomadas. Por exemplo, um acordo previdenciário garante, gratuitamente, o atendimento aos brasileiros no sistema de saúde pública em Portugal (Peron, 2021).

Apesar das diversas semelhanças culturais que unem as duas nações, os aspectos que as diferenciam precisam ser destacados. A população brasileira é, aproximadamente, 20 vezes maior que a portuguesa (Countrymeters, 2022). O

território português é 92 vezes menor que o brasileiro (Rodrigues, 2017). A taxa de desemprego dos portugueses é menor que a dos brasileiros (Fonseca, 2022; Agência EFE, 2022). O Brasil é a 10^a economia mundial e Portugal a 42^a (CNN, 2022; Costa, 2022). Apesar da economia pujante, a desigualdade social e a deficiência na educação são alguns dos obstáculos que impedem o Brasil de se tornar uma grande potência (MEC, 2019). Por outro lado, a UNESCO reconhece o investimento e qualidade do ensino português como um dos 40 melhores do mundo (Alama, 2022).

A Tabela 2 compara alguns dos principais aspectos entre Brasil e Portugal. A respeito do índice de desenvolvimento humano (IDH), o Brasil encontra-se na 84^a posição e Portugal na 38^a (ONU News, 2022b). A discrepância na segurança pública é enorme. Enquanto Portugal ocupa a 6^a colocação como país mais seguro no mundo, o Brasil está na 130^a posição (Global Peace Index, 2022). O rendimento mínimo em Portugal é, aproximadamente, 3 vezes maior que o brasileiro (Agência Senado, 2022; Patrício, 2022). Por fim, tanto a economia brasileira como a portuguesa apresentam sinais de recuperação após 2 anos e meio de pandemia (Anhesini, 2022; ONU News, 2022a).

Tabela 2

Quadro Comparativo entre Brasil e Portugal

	Brasil	Portugal
História	Colonizado	Colonizador
Língua	Português	Português
Território	8 516 000 km ²	92 212 km ²
Número de habitantes	217 milhões	10,1 milhões
Taxa de desemprego	9,3%	6,1%
Ranking economia no mundo	9 ^a	42 ^a

Índice de Desenv. Humano (IDH)	84 ^a	38 ^o
Segurança Pública	130 ^o	6 ^o
Rendimento mínimo	R\$1.212,00	R\$ 3.595,50

1 euro = ± 5.52 reais (fevereiro 2023)

As diferenças e semelhanças entre Brasil e Portugal não estão restritas às questões históricas ou dimensões geográficas, populacionais e econômicas. Alguns aspectos culturais que contribuem para a construção da cosmovisão do indivíduo podem contribuir para comparar os dois países. A abordagem Hofstede é uma ferramenta metodológica importante para mapear a diferença entre culturas. Esse processo pode ocorrer através da observação de algumas dimensões como, individualismo, orientação a longo prazo, distância do poder, evitação de incertezas e indulgência. A comparação cultural entre Brasil e Portugal pode ser identificada no gráfico exposto na Figura 4.

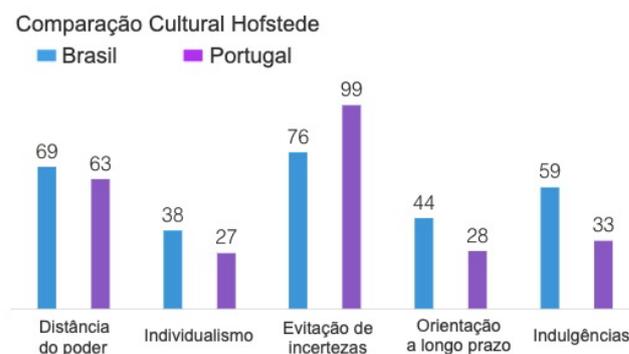


Figura 4

Comparação Cultural Hofstede

A **distância do poder** é definida pela aceitação dos membros menos poderosos acerca da distribuição desigual do poder no país. As pontuações do Brasil e de Portugal mostram que ambas as sociedades acreditam no respeito às

autoridades e reconhecem como aceitável a verticalização do poder. O de *status* de poder é um importante símbolo social (The Hofstede Centre, 2022).

O **individualismo** aborda o grau de interdependência entre os membros de uma sociedade. A questão central é se a autoimagem definida com ênfase no pronome **eu** ou **nós**. Nas sociedades individualistas, os indivíduos cuidam de si mesmos e da família direta. As sociedades coletivistas são identificadas pelo pertencimento e compromisso a longo prazo com **grupos**. A lealdade é uma regra fundamental na sociedade coletivista. A pontuação dos portugueses sugere a ênfase cultural coletivista sensivelmente mais elevada que o Brasil (The Hofstede Centre, 2022).

A **evitação de incertezas** diz respeito à escolha entre tentar controlar o futuro ou apenas deixá-lo acontecer. Este processo pode produzir ansiedade. As diferentes culturas desenvolvem estratégias, crenças e instituições para evitar o medo produzido pela incerteza futura. O Brasil tem uma elevada pontuação nesta dimensão, no entanto, a pontuação da sociedade portuguesa é ainda mais alta. Nestes países, as leis e os processos burocráticos são valorizados (mesmo que não funcione) com o propósito de tornar o mundo um lugar mais seguro (The Hofstede Centre, 2022).

A **orientação a longo prazo** descreve a relação da sociedade com o tempo. A forma de lidar com o passado interfere no enfrentamento dos desafios do presente e do futuro. As sociedades normativas estão firmadas nas tradições e encaram as transformações sociais com desconfiança. As sociedades pragmáticas incentivam os esforços das mudanças do presente como plataforma de preparação para o futuro. O Brasil obteve pontuação intermediária e Portugal prefere o pensamento normativo (The Hofstede Centre, 2022).

Por fim, a **indulgência** refere-se ao controle dos impulsos e desejos. O controle relativamente fraco é denominado **indulgência** e o controle relativamente forte é chamado de **restrição**. O Brasil obteve uma alta pontuação para a realização dos desejos e impulsos quanto a aproveitar a vida e se divertir. Por outro lado, Portugal obteve uma pontuação relativamente baixa e, deste caso, acontece uma tendência ao cinismo, ao pessimismo e ao tempo de lazer não ser uma prioridade (The Hofstede Centre, 2022).

As dimensões culturais podem ser fundamentais para o estabelecimento de valores que direcionam o comportamento da sociedade. De acordo com Seidl-de-Moura (2021), por exemplo, o coletivismo pode aumentar a aderência no cumprimento às recomendações sanitárias relativas ao Covid-19. A sociedade portuguesa com a dimensão de coletivismo sensivelmente maior atendeu as instruções das autoridades durante a pandemia (Costa, 2021).

Ao abordar acerca da sociedade brasileira como indulgente e a portuguesa como restritiva, pode-se utilizar a música para ressaltar as diferenças culturais. A melancolia e, muitas vezes, a ênfase do fado na tristeza pode simbolizar o caráter restritivo da sociedade portuguesa. Por outro lado, o samba brasileiro tende a transmitir alegria e felicidade como característica de uma sociedade indulgente (Paulo, 2015).

A religião é uma característica marcante nas culturas brasileira e portuguesa. Apesar da predominância do catolicismo romano nos dois países, as peculiaridades no processo histórico podem ter produzido características diferentes na atualidade. A coerência cronológica sugere que os aspectos religiosos sejam abordados, primeiramente, pelo país colonizador, ou seja, Portugal.

No final do século V, a relação entre a política e a igreja era tema central na Europa. O papa Gelásio I (492-486) definiu a “Doutrina das Duas Espadas”. Nela, os papas lidavam apenas com a espada espiritual e os reis possuíam a espada temporal. A tensão ou harmonia entre os poderes eclesiástico e político permaneceu durante a idade média e entre os poderes papais e reais vigentes em cada época (Coutinho, 2018).

O reinado de D Afonso Henriques em Portugal começa num contexto de supremacia papal. Neste momento, inicia-se a secularização da política portuguesa consolidada pelos reis que sucederam D Afonso Henriques. Durante a dinastia de Avis (1385-1581), o poder real português fez uma aliança com o papa Leão X e estruturou o Padroado Régio. A partir deste momento, Portugal desenvolve ordens religiosas reformistas como, por exemplo, os Jesuítas em 1540 (Santos, 2012).

O espírito iluminista de Marquês de Pombal (1699-1782) o fez retomar o projeto de secularização e laicidade do governo. O estado deve ser forte, centralizado, racionalizado e livre da tutela religiosa. O marco deste momento foi a expulsão dos jesuítas em 1759. (Coutinho, 2018).

A implantação de um governo laico se intensificou na transição do reinado para a república. Em 1910, medidas como a supressão de orações em eventos acadêmicos e a instituição da lei do divórcio demarcam o período (Catroga, 2010). Após um período de intensa polarização, o estado retoma uma estreita associação com Igreja no início do século XX e a secularização se desintensifica. A união da Igreja Católica com o Estado e a manutenção da laicidade concomitantes produziram um regime denominado de catolaicista (Cruz, 1999).

No final do século XX, a Igreja Católica estava plenamente separada do Estado, mas consolidada no tecido social e com raízes profundamente estabelecidas

através dos últimos oito séculos (Dix, 2010). A paróquia e a comunidade estabeleciam a centralidade do grupo e dos relacionamentos. A importância da religião era perceptível na vida comunitária e na consciência das pessoas. O controle dos padres quanto à vida religiosa e moral da sociedade protelou as mudanças sociais e garantiu a permanência da tradição e das normas (Coutinho, 2019).

O acelerado processo de emigração, o êxodo rural na década de 1960, a mudança política portuguesa em 1974 e o ingresso na Comunidade Econômica Europeia em 1986 causaram profundas mudanças na cultura portuguesa. O desenvolvimento econômico, o aumento da educação e a elevação do poder de compra produziram uma individualização na sociedade. Este processo marca o declínio da religiosidade tradicional e a ascensão da espiritualidade não institucionalizada, do ateísmo e do agnosticismo (Coutinho, 2019).

Tabela 3

Religiões em Portugal e Quantidade de Adeptos em Números Absolutos e em Porcentagem

Religião Portugal	Pessoas	Porcentagem
Católica	7.281,887	88,32%
Sem religião	615.332	7,46%
Outra Cristã	163.338	1,98%
Protestante	75.571	0,92%
Ortodoxo	56.550	0,69%
Outra não Cristã	28.596	0,35%
Mulçumana	20.640	0,25%
Judaica	3.061	0,04
Total	8.244.975	100,00

Os dados indicam que a religião Católica é predominante em Portugal. O número de sem religião na segunda posição reflete a crescente secularização da

sociedade (Censos, 2011). A pesquisa do *Pew Research Center* (2018) com 24 mil pessoas na Europa Ocidental identificou os portugueses como os mais cristãos e os que mais frequentam a igreja no continente. A investigação também revelou que o número de sem religião em Portugal praticamente dobrou (15%) quando comparada ao censo de 2011.

A religião brasileira segue o padrão estabelecido pelo colonizador. A dominação portuguesa no Brasil atuava na esfera econômica, política e religiosa. O Padroado Régio permitia que Portugal construísse igrejas e nomeasse bispos em terras brasileiras. A hegemonia religiosa durante quatro séculos no Brasil (1500-1900) está diretamente vinculada ao poder do colonizador. De acordo com Braga (2022), as religiões de matrizes indígenas e africanas sofriam pressões para se tornarem inviabilizadas, no entanto, resistiram ao tempo e estão inseridas na cultura popular brasileira. O budismo e o xintoísmo chegaram ao Brasil através da migração japonesa.

A primeira onda de igrejas protestantes no Brasil aconteceu no início do século XIX. As igrejas Metodista, Presbiteriana e Batista são algumas deste segmento reformado. O movimento pentecostal inaugura a segunda onda no século XX e está representado por igrejas como a Assembleia de Deus e Deus é Amor. A terceira onda é denominada de movimento Neopentecostal e tem a Igreja Universal do Reino de Deus como a maior representante (Alder, 2016). O movimento Neopentecostal define que a fé é o meio para a riqueza e a saúde plena. Esta teologia é rejeitada pelas igrejas da primeira e da segunda onda (Sena, 2007).

De acordo com o último censo no Brasil, realizado em 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2012), os católicos romanos correspondiam a 64%, os evangélicos, 22% e os sem religião, 8%. As demais

religiões totalizavam 6% da população. A pandemia iniciada em março 2020 impediu a realização do censo e a atualização dos dados.

Uma pesquisa do Instituto DataFolha em 2019 investigou a religião de 2.948 pessoas em todo o Brasil (Balloussier, 2020). Os resultados demonstraram uma diminuição de 14% dos católicos, aumento de 11% dos evangélicos e de 2% dos sem religião em relação ao levantamento do IBGE (2012). De acordo com Alves (2018), o Brasil experimenta uma transição religiosa e o número de evangélicos pode ultrapassar o de católicos até o ano de 2032.

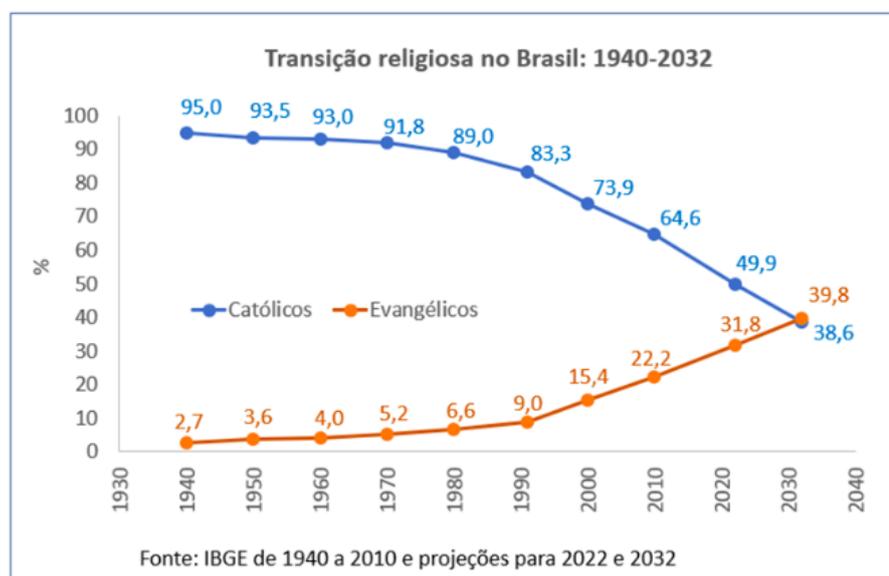


Figura 5

Transição Religiosa no Brasil: 1940-2032

O número de adultos emergentes ateus, agnósticos e sem religião é crescente no Brasil e em Portugal. A religião tem se tornado cada vez mais distante de uma geração influenciada pela cultura secularista. As crenças e os valores, a partir desta perspectiva, podem influenciar na busca e presença do sentido da vida. Os caminhos inicialmente semelhantes da religião no Brasil e em Portugal com relação ao catolicismo e o crescimento evangélico brasileiro podem contribuir para

compreensão dos resultados sobre o sentido de vida, religiosidade, espiritualidade, materialismo e ansiedade perante a morte nos dois países.

A comparação entre os adultos emergentes do Brasil, país em desenvolvimento, e Portugal, país desenvolvido, pode fornecer dados para verificação dos estudos supracitados. Os aspectos socioculturais no Brasil e em Portugal são importantes para compreender a presença e a busca do sentido de vida dos adultos emergentes durante a pandemia. A percepção da religiosidade, espiritualidade, materialismo e ansiedade face à morte pode contribuir para explicar o sentido de vida dos jovens durante a pandemia do COVID 19.

7 O Contexto da Pandemia do COVID 19

A Psicologia do Desenvolvimento destaca que a compreensão dos processos psíquicos envolve a análise do contexto em que o indivíduo está inserido (Seidl-de-Moura, 2005). Na abordagem sociocultural de Vygotsky (1984), o ser humano transforma e é transformado a partir das interações no meio social e cultural. A investigação acerca do sentido de vida, religiosidade, espiritualidade, materialismo, ansiedade face à morte dos adultos emergentes ocorre no período mais difícil da história moderna. De acordo com a ONU (2020), o novo coronavírus provocou a maior catástrofe após a Segunda Guerra Mundial.

Em 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial de Saúde (OMS) foi notificada acerca de diversos casos de pneumonia em Wuhan, na China. De modo célere e descontrolado, o vírus do COVID-19 migrou para diversos países. Diante deste cenário sem solução à curto prazo, adotou-se como prevenção imediata o isolamento social da população (Scorsolini-Comin, 2020).

No dia 11 de março de 2020, a OMS anunciou que o vírus do COVID 19 havia produzido um surto global da doença e provocado uma pandemia. A maioria das pessoas infectadas experimentou problemas leves e moderados. Os idosos e os indivíduos portadores de doenças cardiovasculares, diabetes, doenças respiratórias crônicas e câncer poderiam desenvolver complicações e morrer. Os principais sintomas eram, dores de cabeça, febre, tosse e outros.

A realidade era a sociedade em isolamento, os meios de comunicação focados na pauta da pandemia e, diariamente, a informação de infectados e mortos. Escolas, universidades, igrejas, empresas e lojas foram impedidas de funcionar.

Houve perda de emprego, diminuição dos rendimentos, projetos de vida interrompidos, enfim, um caos indescritível instaurado na terra.

Por outro lado, agências sanitárias, pesquisadores, laboratórios, profissionais de saúde e autoridades somavam esforços diante de um surto inédito e descontrolado. Diante deste cenário, as informações desencontradas, o jogo de interesses políticos e os controversos tratamentos sem suporte científico elevaram a tensão social. O que restava à impotente população era se proteger, chorar os seus mortos (sem cerimônia fúnebre) e aguardar alguma solução. Os dados da OMS informam que de janeiro de 2020 a dezembro de 2021, morreram do COVID 19 (de forma direta ou indireta) 14,9 milhões de pessoas no mundo (ONU News, 2022a).

Os cientistas desenvolveram a vacina contra o Sars-Cov-2 (o vírus que causa o COVID 19) em apenas 10 meses. Este processo levaria em média 10 anos, no entanto, a dedicação dos pesquisadores, o acúmulo de conhecimento, o elevado aparato tecnológico e o alto investimento possibilitaram a produção da vacina em tempo recorde (Gallagher, 2020). À medida que a sociedade se vacinava, ocorria a flexibilização das medidas sanitárias de isolamento.

A truculência do período evidencia que, além da crise sanitária e financeira, os efeitos psicológicos negativos seriam inevitáveis tanto durante como após a pandemia. Através de um dossiê científico, a Organização Mundial da Saúde ressaltou que a ansiedade e a depressão aumentaram 25% no mundo durante o primeiro ano de pandemia. A Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) sugere que um terço das pessoas que sofreram com o COVID 19 foi, posteriormente, diagnosticado com algum transtorno neurológico ou mental (ONU News, 2022b).

De acordo com a Organização Mundial de Saúde, o Brasil é o segundo colocado das Américas com mais pessoas depressivas, o equivalente a 5,8% da

população. Em relação à ansiedade, o Brasil é o país com maior prevalência do mundo, com 9,3% da população (Pacheco, 2021). Diante da atual crise sanitária, estes números cresceram, exponencialmente. Durante a primeira onda da pandemia, Goularte et al., (2021) investigaram a saúde mental de 1.996 brasileiros. Os níveis moderados e graves de ansiedade alcançaram 81,9 % e de depressão, 68%.

O Serviço de Saúde Nacional (SNS) de Portugal divulgou que os maiores problemas de saúde mental em decorrência da pandemia são ansiedade, depressão, *burnout*, perturbação obsessiva-compulsiva e perturbação de *stress* pós-traumático (SNS, 2022). Uma pesquisa realizada com 6079 portugueses, durante a primeira onda da pandemia, indicou que cerca de 25% apresentavam sintomas moderados a graves de ansiedade, depressão e *stress* pós-traumático. Estes resultados se equivalem a outros estudos a nível mundial (SNS, 2021).

Entre novembro de 2021 e fevereiro de 2022, Aguiar et al. (2022) realizaram uma investigação com 929 participantes acima dos 18 anos. As pesquisas demonstraram que 26,9% dos respondentes apresentam sintomas de ansiedade e 7,0%, sintomas depressivos. A maioria dos entrevistados com crise de ansiedade justificou a pandemia como a causa de seus sintomas (Aguiar et al., 2022).

Uma pesquisa realizada entre abril e junho de 2020 sobre os efeitos da pandemia no Brasil e em Portugal, investigou o estresse peritraumático. Esse estresse é identificado no decorrer de uma situação traumática. No Brasil, 1.839 pessoas participaram e, em Portugal, 413 indivíduos. Os brasileiros com estresse nos níveis intermediário e severo correspondiam a 63,8% dos respondentes. Os mesmos níveis de estresse foram encontrados em 24,3% dos portugueses que participaram (Scorsolini-Comin, 2020).

As pesquisas demonstram que o estresse e a ansiedade estiveram em níveis alarmantes no Brasil durante os meses seguintes a março de 2020. Segundo pesquisa da Kantar Ibope Media (2020), no início da pandemia, o Brasil era o segundo país mais preocupado com a pandemia no mundo, principalmente, pelos possíveis impactos econômicos. De acordo com Scorsolini-Comin, (2020), os embates a respeito das medidas sanitárias, inflamados pela polarização política, podem ter produzido um ambiente propício para a elevação do estresse.

Em Portugal, os políticos assumiram a liderança e as responsabilidades pelos possíveis erros cometidos. A sociedade portuguesa acolheu e seguiu as instruções das autoridades. De acordo com o primeiro-ministro português, António Costa (2022), o bom senso da população foi decisivo na gestão da pandemia do COVID 19.

A saúde mental dos jovens durante e após a pandemia do COVID 19 tem deixado em alerta profissionais da saúde de diversos países. De acordo com o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), os impactos na saúde mental de crianças, adolescentes e jovens podem ser profundos e permanecer durante anos.

A Unicef-Gallup (2021) realizou uma pesquisa com 20 mil participantes de 21 países e comparou a saúde psicológica entre os adolescentes e jovens (15 a 24 anos) e os adultos acima de 40 anos. O número de adolescentes e jovens que relatou sentimentos de ansiedade e depressão foi superior em relação aos adultos. O constante sentimento de ansiedade e preocupação atingia 36% dos adolescentes e jovens e 30% dos adultos. Os que se sentiam deprimidos entre os jovens eram 19% e entre os adultos, 15%.

Hubner et al. (2020), realizaram um estudo com 654 estudantes universitários no estado de São Paulo. A pesquisa identificou que 87.92% dos

respondentes vivenciaram sofrimento psíquico durante os dois primeiros meses da pandemia. Os estudantes que relataram estresse leve ou moderado somavam 52.90% e os demais (35.02%) foram identificados com índices de estresse severo.

Um estudo avaliou os dois anos da pandemia da COVID-19 em Portugal (março de 2020 a março de 2022). Esta pesquisa identificou que os jovens, em particular as mulheres, com menos de 30 anos foram os mais afetados com menores sentimentos de bem-estar e de satisfação com a vida. Os níveis de depressão, ansiedade e estresse durante o período da pandemia também foram maiores entre os jovens (Monteiro et al., 2022).

O Projeto House-Colégio F3, da Universidade de Lisboa, investigou a saúde mental de 1.143 alunos no primeiro ano do ensino superior. A pesquisa aconteceu em diversas universidades de Portugal entre no março e maio de 2021. De acordo com os dados, 65,9% dos respondentes afirmaram sentir-se tristes ou deprimidos, pelo menos uma vez por mês. Os que sentiam tristeza ou depressão diariamente correspondia a 12,9% (Matos, 2022).

As provas das devastações e rupturas causadas pela pandemia do COVID 19 são irrefutáveis. A crise existencial atinge adultos e jovens em todo o mundo (Wong, et al., 2022). O isolamento prolongado, as lembranças de morte, a dificuldade de perceber coerência, propósito e significância em tudo que acontecia podem ter desestruturado a noção de sentido de vida diante do caos. Um estudo longitudinal realizado por WanderWeele et al. (2020) investigou o sentido de vida antes e durante a pandemia. A primeira fase do estudo com 1.100 participantes acima de 18 anos ocorreu em janeiro de 2020, ou seja, no período pré-pandemia. A segunda fase, com 3020 respondentes ocorreu entre maio e junho de 2020, no meio

da pandemia. O estudo concluiu que, o sentido de vida diminuiu significativamente com a pandemia.

Estudos confirmam que maior presença de sentido na vida pode estar associada a menor ansiedade e menor estresse durante a pandemia do COVID 19 (Trzebinski et al., 2020). Em razão disso, os recursos provenientes do sentido, da fé, da coragem e da criatividade podem transformar o pior dos tempos em um período de crescimento e maturidade (Marano, 2021; Wong & Worth, 2017). O sofrimento pode produzir a alegria mais profunda, a harmonia interior e a felicidade fundamentada na tranquilidade (Carreno et al, 2022; Chen et al., 2022). Através da adversidade, o indivíduo pode se tornar mais altruísta e desenvolver a gratidão existencial (Al-Refae et al., 2022; Kotera & van Gordon, 2022).

A dor, a falta de sentido, o isolamento e a ansiedade da certeza de morte podem ser superados através de valores, virtudes e relacionamentos. O momento global de profundas incertezas desafia o ser humano a buscar novas formas de lidar com o sofrimento, a dor e a morte (Claude-H. & Mayer, 2022). Por isso, Tongeren e Tongeren (2022) propuseram um modelo psicológico para lidar com a pandemia da COVID 19 baseado em três pressuposições: (a) o sofrimento revela preocupações existenciais, (b) a ansiedade existencial prejudica a capacidade de encontrar sentido, e (c) cultivar sentido é a principal maneira de a sofrimento, a ansiedade existencial e promover o amadurecimento.

O sentido de vida é um caminho para a integridade, a saúde e o flores em tempos de pandemia. De acordo com Tongeren e Tongeren (2022), o sofrimento não precisa ser eliminado para que o sentido de vida seja cultivado e o bem-estar floresça. Mais ainda, a presença de sentido de vida pode ser um importante recurso para diminuir o sofrimento humano.

8 Objetivos e Hipóteses

Objetivo: Verificar o poder preditivo de religiosidade, espiritualidade, materialismo e ansiedade perante a morte sobre presença e busca de sentido de vida dos adultos emergentes brasileiros e portugueses.

Objetivos específicos

- Identificar o quanto a religiosidade explica o sentido de vida de adultos emergentes brasileiros e portugueses;
- Averiguar a espiritualidade como preditora do sentido de vida de adultos emergentes brasileiros e portugueses;
- Verificar o quanto as crenças materialistas explicam o sentido de vida de adultos emergentes brasileiros e portugueses;
- Identificar a ansiedade perante a morte como preditora o sentido de vida de adultos emergentes brasileiros e portugueses;
- Comparar a predição da religiosidade no sentido de vida entre adultos emergentes brasileiros e portugueses;
- Comparar a predição da espiritualidade no sentido de vida entre adultos emergentes brasileiros e portugueses;
- Comparar a predição do materialismo no sentido de vida entre adultos emergentes brasileiros e portugueses;
- Comparar a predição da ansiedade perante a morte no sentido de vida entre adultos emergentes brasileiros e portugueses

Hipótese 1: Religiosidade aumenta a presença de sentido (Wong, 2022)

Hipótese 2: Religiosidade diminui a busca de sentido (Fizzotti, 1998)

Hipótese 3: Espiritualidade amplia a presença de sentido (Zhang et al., 2020)

Hipótese 4: Espiritualidade inibe a busca de sentido (Aquino, 2015).

Hipótese 5: Materialismo revela ausência de presença de sentido (Dittmar & Isham, 2022)

Hipótese 6: Materialismo aumenta a busca de sentido (Santos & Neves, 2008)

Hipótese 7: Ansiedade perante a morte diminui a presença de sentido (Arndt et al., 2013)

Hipótese 8: Ansiedade perante a morte eleva a busca de sentido (Van Tongeren & Van Tongeren, 2020)

9 Método

A investigação fez uso da abordagem quantitativa e foi dividida em dois estudos, a saber, Brasil e Portugal. Os estudos tiveram como objetivo verificar o poder preditivo de religiosidade, espiritualidade, materialismo e ansiedade perante a morte sobre presença e busca de sentido de vida. Além disso, também foram realizadas análises comparativas entre os dois estudos a fim de investigar as diferenças de relações entre as variáveis estudadas. O método qualitativo restringiu-se à análise de uma pergunta quanto ao sentido de vida dos respondentes. As adaptações e a divulgação da pesquisa em Portugal ocorreram sob a coordenação do coorientador professor Samuel Lins.

9.1 Análise Quantitativa dos Dados

Inicialmente, foi realizada uma limpeza dos bancos de dados para excluir quaisquer erros de computação e para manter apenas aqueles participantes que responderam os questionários por completo. Em seguida, foram calculadas as médias para as principais variáveis do estudo (Presença de Sentido, Busca de Sentido, Religiosidade, Espiritualidade, Materialismo e Ansiedade Perante a Morte).

Para a caracterização das amostras, foram empregadas análises descritivas (e.g. sexo, idade, religião etc.), enquanto análises inferenciais foram realizadas para a realização de análises de normalidade dos dados, análises fatoriais exploratórias e confirmatórias, correlações r de Pearson, regressões lineares múltiplas, testes-t de Student, e uma MANOVA.

A primeira análise conduzida para cada uma das amostras foi a análise fatorial exploratória para avaliar a estrutura interna do instrumento de Religiosidade e Espiritualidade. A análise foi realizada no *Software Factor*, baseando-se na matriz de correlações policóricas com a Análise Paralela como método de retenção de fatores, o *Robust Diagonally Weighted Least Squares* como método de extração de fatores e *Robust Promin* como método de rotação. Os índices *Comparative Fit Index (CFI)*, *Tucker Lewis Index (TLI)* e *Root Mean Square Error of Approximation (RMSEA)* foram utilizados para avaliar os níveis de ajuste e resíduo dos modelos.

Para avaliar a distribuição de normalidade dos dados coletados, foram realizados testes de Shapiro-Wilk e Kolmogorov-Smirnov. Em seguida, foram realizadas análises de correlação *r* de Pearson entre as seis variáveis principais e testes-t de *Student* entre religiosos e não religiosos para as mesmas variáveis. Essas análises utilizaram técnicas de Bootstrapping devido à desvios de normalidade e para a geração de resultados mais robustos.

Para avaliar em que grau as correlações do Brasil se diferenciavam das correlações de Portugal, foram realizadas transformações *Z* de Fisher. As regressões lineares múltiplas foram utilizadas para verificar o quanto das variâncias de Presença de Sentido e Busca de Sentido eram explicadas pelas outras quatro variáveis (religiosidade, espiritualidade, materialismo e ansiedade perante a morte).

Por fim, a análise de MANOVA foi aplicada para investigar diferenças entre homens e mulheres, brasileiros e portugueses e a interação de sexo e nacionalidade nos níveis das seis variáveis do estudo (presença de sentido, busca de sentido, religiosidade, espiritualidade, materialismo e ansiedade perante a morte).

9.2 Instrumentos

9.2.1 Escala de Sentido de Vida (ESV): A Escala de Sentido de Vida é um instrumento com 10 itens que avaliam dois fatores: presença de sentido e busca do sentido. Os itens são respondidos em escala de 7 pontos, sendo (1) para totalmente falso e (7) para totalmente verdadeiro. Três estudos estabeleceram a forma final e a estrutura fatorial da ESV. Este instrumento possui amplo reconhecimento e aceitação internacional para avaliar tanto a presença de sentido como a busca sentido. A Escala de Sentido de Vida já foi adaptada para países como, China (Chan, 2014), Austrália (Schutte et al., 2016), Argentina (Góngora & Castro Solano, 2015) e Japão (Steger et al., 2008).

9.2.1.1 Validação da Escala de Sentido de Vida no Brasil: A Escala de Sentido de Vida foi validada no contexto brasileiro através de uma ampla amostra (3.034 participantes). Esta coleta foi realizada por Damásio e Koller (2015) e os resultados apresentaram propriedades psicométricas favoráveis tanto para presença de sentido como para busca de sentido. Neste estudo, no Brasil, o fator presença de sentido apresentou índice ômega de McDonald 0,91 e o fator busca do sentido apresentou 0,87.

9.2.1.2 Validação da Escala de Sentido de Vida em Portugal: A validação da Escala de Sentido de Vida em Portugal aconteceu a partir de 323 universitários. A realização da coleta foi feita por Vaz Portugal (2017). Os resultados obtidos através da análise fatorial exploratória e da análise fatorial confirmatória apoiaram os do estudo original, indicando que a estrutura fatorial do questionário era de dois fatores. As duas subescalas identificadas foram a presença do sentido da vida e a busca do sentido da vida. Os coeficientes de precisão demonstram uma elevada consistência interna, a Presença do Sentido da Vida com

um alfa de 0,92, e a Busca do Sentido de Vida com um alfa de *Cronbach* com a de 0,91. Estes resultados revelam que a adaptação portuguesa do Escala de Sentido de Vida apresenta uma medida fidedigna da busca e presença do Sentido de Vida.

9.2.2 Escala de Não-Religiosidade e Não-Espiritualidade: A Escala Não-Religiosidade e Não-Espiritualidade propõe avaliar tanto os respondentes Religiosos/Espirituais como os Não-Religiosos/Não Espirituais. A Escala possui 17 itens e a análise fatorial suportou a solução de dois fatores: religiosidade institucional (8 itens) e espiritualidade individualizada (9 itens). As respostas seguem a sequência numérica de (1) concordo totalmente e (5) discordo totalmente.

9.2.2.1 Validação da Escala de Não-Religiosidade e Não-Espiritualidade no Brasil: A versão original de língua inglesa foi traduzida por três tradutores bilíngues nativos do Brasil. A tradução reversa ocorreu através de dois tradutores bilíngues para a harmonização e retradução da versão final. Este instrumento é importante para acessar o crescente número de jovens ateus, agnósticos e que praticam a fé desvinculados da religião institucional (Debeluck & Timm, 2015). O fator Espiritualidade apresentou índice ômega de McDonald e Alfa de *Cronbach* de 0,93 enquanto o fator Religiosidade apresentou valores 0,95 para ambos os índices.

9.2.2.2 Validação da Escala de Não-Religiosidade e Não-Espiritualidade em Portugal: A Escala aplicada em Portugal utilizou a adaptação feita para o português brasileiro. Três investigadores portugueses da área de Psicologia Social adaptaram a escala do português do Brasil para o português de Portugal.

9.2.3 Escala de Materialismo: Esse instrumento avalia o nível de materialismo em uma escala que mede a importância atribuída aos bens materiais

(1 = discordo totalmente; 5 = concordo totalmente). Esta escala é unidimensional composta por nove itens e amplamente utilizada em estudos transculturais (Ger & Belk, 1996; Griffin et al., 2004; Schaefer et al., 2004).

9.2.3.1 Escala de Materialismo no Brasil: A adaptação da escala para o contexto de consumidores brasileiros foi realizada por Ponchio et al., (2007) e obteve alfa de *Cronbach* de 0,84. A análise fatorial suportou a solução unidimensional. A escala apresentou ômega de McDonald de 0,79 neste estudo.

9.2.3.2 Escala de Materialismo em Portugal – A Escala de Ponchio et al., (2007) foi utilizada em Portugal por Lins (2015). Para isso, foi necessário adaptar do português brasileiro para o português de Portugal. A versão de Lins (2015) foi utilizada para recolher os dados. O valor do alfa de *Cronbach* ($\alpha = .84$) foi satisfatório.

9.2.4 Questionário de Ansiedade Perante a Morte: O Questionário de Ansiedade Perante a Morte foi elaborado para medir as atitudes em relação à morte e ao morrer. A consistência interna do questionário determinada pelo coeficiente Alfa foi de 0,83 ($n = 230$) e a confiabilidade teste-reteste foi de 0,87.

9.2.4.1 Questionário de Ansiedade Perante a Morte no Brasil: O instrumento foi adaptado no Brasil por Cótica (2011). A análise de confiabilidade demonstrou alto nível de consistência, com o índice alfa de *Cronbach* de 0,87. A estrutura de 1 fator foi suportada.

9.2.4.2 Questionário de Ansiedade Perante a Morte em Portugal: Adaptado por Barros (1998), o questionário aplicado em Portugal possui 11 itens que descrevem atitudes perante a morte. As respostas seguem a sequência numérica de 1 (Discordo totalmente) e 5 (Concordo totalmente). Para a população portuguesa a consistência interna do Questionário de Ansiedade Perante a Morte

foi de .89. No estudo de Nascimento (2007), a autora encontra evidências na amostra portuguesa sobre a adequada estrutura fatorial por meio de uma análise fatorial confirmatória. Em relação à fidedignidade da escala, o instrumento apresentou um ômega de McDonald de 0,87 para um único fator e índices 0,83, 0,74 e 0,68 para os fatores Perda, Sofrimento e Solidão respectivamente.

9.3 Análise Qualitativa dos Dados

O método qualitativo foi aplicado para corroborar com os resultados quantitativos. Os dados analisados decorreram da questão aberta: “*o que lhe vem à mente quando pensa sobre sentido de vida*”. A análise textual, utilizada pelo Iramuteq (Ratinaud, 2009), permite verificar, através de análises lexicográficas, o vocabulário encontrado nos discursos, apontando a frequência, a média, a quantidade e hápax das palavras.

A partir dessa análise, o programa gerou a Classificação Hierárquica Descendente (CHD), sendo possível identificar os segmentos de texto que tenham vocabulário semelhante entre si, bem como aqueles que se diferem (Camargo & Justos, 2018). Dessa forma, um dendrograma organiza as palavras de acordo com um grupo conglomerado de termos, que possuem um valor de qui-quadrado (χ^2). Quanto mais elevado o valor, mais forte a associação com a classe de palavras.

Procurou-se identificar se o grupo de palavras estava associado a grupos específicos do estudo, de acordo com a sua disposição em relação as variáveis do estudo, presença e busca de sentido de vida, religiosidade e espiritualidade, materialismo e ansiedade perante a morte. Tal disposição foi dividida em dois grupos, maior e menor, em relação a mediana. Após essa etapa, o programa gerou

a nuvem de palavras, indicando a frequência das palavras no corpus textual analisados.

9.4 Procedimentos de Coleta

Para os estudos em Portugal e no Brasil, foi utilizada a ferramenta *SurveyMonkey*. As aplicações dos instrumentos aconteceram virtualmente através de divulgação nas redes sociais *Facebook*, *Instagram*, *Whatsapp* e *email* entre os meses de janeiro e julho de 2021. A pesquisa foi realizada durante o isolamento social decorrente da pandemia do COVID 19, por isso, as plataformas virtuais se tornaram o meio viável para acessar os respondentes.

9.5 Procedimentos Éticos

A pesquisa seguiu as normas da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP, Conselho Nacional de Saúde, Ministério da Saúde, Brasil) e do Código de Ética Profissional dos Psicólogos, e atendeu às exigências estabelecidas pela Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética da PUC-Rio (Protocolo 05/2021). Todos os participantes receberam informações *online* e escrita sobre objetivos da pesquisa, responsabilidade, método empregado e direito a recusar o consentimento. Na primeira página do *site*, onde os instrumentos estavam disponíveis, foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que atestava o anonimato dos participantes, a confidencialidade de suas respostas e a sua livre deliberação em participar da pesquisa.

O respondente foi informado que o seu nome seria mantido em sigilo, que a participação no estudo era voluntária, que poderia desistir a qualquer momento de

participar sem sofrer danos, e que, ao responder o questionário, autorizaria a publicação dos resultados em eventos e publicações científicas. Também constava no Termo que não seria pago valor algum aos participantes e que a participação na pesquisa não causaria danos e que não ofereceria riscos físicos e/ou psicológicos.

10 Análise Quantitativa e Discussão dos Resultados

10.1 Análise Quantitativa do Estudo no Brasil

10.1.1 Participantes

Participaram dessa pesquisa 434 adultos emergentes brasileiros, sendo 70,5% mulheres e 29,5% homens, com média de idade de 23,1 anos (DP = 3,25).

A Tabela 4 apresenta as características sociodemográficas da amostra brasileira.

Tabela 4

Tabela de Frequências das Variáveis Sociodemográficas Estudadas na Amostra Brasileira

Sexo	Frequência	Porcentagem
Masculino	128	29,5
Feminino	306	70,5
Classe social		
Muito baixa	3	0,7
Baixa	32	7,4
Média Baixa	99	22,8
Média	163	37,6
Média Alta	106	24,4
Alta	24	5,5
Muito Alta	7	1,6
Com quem mora atualmente?		
Com ambos os pais	183	42,2
Com o pai	15	3,5
Com a mãe	81	18,7
Fora de casa dos pais	71	16,4
Outro (especifique)	84	19,4
Religião		
Católico romano	77	17,7
Protestante	151	34,8
Espírita	20	4,6
Afro	6	1,4
Testemunha de Jeová	1	0,2
Sem religião	71	16,4
Ateu	23	5,3
Agnóstico	44	10,1
Outro (especifique)	41	9,4

10.1.2 Análise dos Dados no Brasil

A Análise Fatorial Exploratória indicou uma adequada estrutura fatorial de dois fatores para a escala de Religiosidade de Espiritualidade, Bartlett = 5370,8; $p < 0,001$; KMO = 0,962; CFI = 0,998, TLI = 0,997, RMSEA (95% IC) = 0,79 (0,53-0,83). A tabela 5 apresenta as cargas fatoriais dos itens em seus respectivos fatores.

Tabela 5

Cargas Fatoriais da Escala de Religiosidade e Espiritualidade na Amostra Brasileira para Análise Fatorial Exploratória

Itens	Cargas fatoriais	
	Religiosidade	Espiritualidade
Religiosidade1	0,95	-0,04
Religiosidade2	0,99	-0,15
Religiosidade3	0,86	0,07
Religiosidade4	-0,44	-0,42
Religiosidade5	0,67	0,31
Religiosidade6	0,85	0,06
Religiosidade7	-0,68	-0,12
Religiosidade8	0,73	-0,09
Espiritualidade9	0,09	0,76
Espiritualidade10	0,15	0,51
Espiritualidade11	-0,16	0,98
Espiritualidade12	0,10	0,71
Espiritualidade13	0,18	0,45
Espiritualidade14	-0,10	0,93
Espiritualidade15	0,37	0,50
Espiritualidade16	0,07	0,92
Espiritualidade17	0,39	0,44

Em seguida, a análise fatorial confirmatória para a escala de Religiosidade e Espiritualidade demonstrou adequados índices de ajuste e resíduo para a estrutura de dois fatores CFI = 0,998, TLI = 0,998, RMSEA (95% IC) = 0,35 (0,25-0,45). Os valores das cargas fatoriais estão apresentados na Tabela 6.

Tabela 6

Cargas Fatoriais da Escala de Religiosidade e Espiritualidade na Amostra Brasileira para Análise Fatorial Confirmatória

Itens	Cargas fatoriais	
	Religiosidade	Espiritualidade
Religiosidade1	0,91	
Religiosidade2	0,87	
Religiosidade3	0,93	
Religiosidade4	-0,79	
Religiosidade5	0,91	
Religiosidade6	0,89	
Religiosidade7	-0,80	
Religiosidade8	0,62	
Espiritualidade9		0,83
Espiritualidade10		0,63
Espiritualidade11		0,84
Espiritualidade12		0,79
Espiritualidade13		0,59
Espiritualidade14		0,83
Espiritualidade15		0,81
Espiritualidade16		0,85
Espiritualidade17		0,77

Os testes Shapiro-Wilk e Kolmogorov-Smirnov indicaram que nenhuma das variáveis apresentaram distribuição normal dos dados. Esses resultados podem ser vistos na tabela 7.

Tabela 7

Testes de Normalidade para as Variáveis do Estudo no Brasil

	Kolmogorov-Smirnov			Shapiro-Wilk		
	Estatística	gl	p	Estatística	gl	p
Presença de Sentido	0,086	434,0	<0,001	0,951	434,0	<0,001
Busca de Sentido	0,075	434,0	<0,001	0,963	434,0	<0,001
Religiosidade	0,122	434,0	<0,001	0,890	434,0	<0,001
Espiritualidade	0,120	434,0	<0,001	0,915	434,0	<0,001
Materialismo	0,058	434,0	<0,001	0,986	434,0	<0,001
Ansiedade Perante a Morte	0,053	434,0	<0,001	0,978	434,0	<0,001

Nota. gl = Graus de Liberdade

Por esse motivo, as análises subsequentes utilizaram técnicas de Bootstrapping para a correção de normalidade e maior robustez das estatísticas

realizadas. A análise de Correlação r de Pearson com procedimento de Bootstrap apontou a existência de diversas correlações esperadas teoricamente. Por exemplo, houve uma correlação significativa e positiva entre Presença de Sentido e Espiritualidade ($r = 0,48$; $p = 0,01$). Os resultados de todas as correlações podem ser vistos na Tabela 8.

Além dessas análises de correlação, também foram realizadas correlações de Pearson com Bootstrap para as mesmas variáveis, mas, dessa vez, separadamente para religiosos e não religiosos. Os resultados podem ser vistos na tabela 9.

Em relação às diferenças de médias entre religiosos e não religiosos, os testes t de Student indicaram diversas diferenças, como pode ser visto na Tabela 10. As simulações de Bootstrap corroboraram todos os resultados dos testes t .

Tabela 8*Análises de Correlação de Pearson com procedimentos de Bootstap para todas as seis variáveis principais na amostra Brasileira*

	Espiritualidade	Presença de Sentido	Busca de Sentido	Materialismo	Ansiedade Perante a Morte
Religiosidade	0,80** (0,77 - 0,84)	0,55** (0,46 - 0,62)	-0,14* (-0,23 - 0,13)	-0,05 (-0,15 - 0,04)	-0,28** (0,36 - 0,20)
Espiritualidade		0,48** (0,38 - 0,55)	-0,015(-0,021 - 0,03)	-0,07 (-0,17 - 0,02)	-0,24** (-0,34 - 0,14)
Presença de Sentido			-0,32** (-0,42 - -0,23)	-0,07 (-0,16 - 0,01)	-0,31** (-0,40 - -0,22)
Busca de Sentido				0,09 (-0,01 - 0,18)	0,26** (0,17 - 0,34)
Materialismo					0,19** (0,10 - 0,28)

Nota: * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$. Em parênteses, intervalos de confiança gerados por procedimento de bootstrap com intervalo de confiança de 95%**Tabela 9***Análises de Correlação de Pearson com procedimentos de Bootstap para todas as seis variáveis principais na amostra Brasileira entre religiosos e não religiosos*

	Religiosidade	Espiritualidade	Presença de Sentido	Busca de Sentido	Materialismo	Ansiedade Perante a Morte
1. Religiosidade		0,50** (0,35 - 0,67)	0,22** (0,06 - 0,39)	0,06 (-0,13 - 0,24)	0,17* (-0,02 - 0,35)	-0,01 (-0,17 - 0,18)
2. Espiritualidade	0,71** (0,65 - 0,77)		0,25** (0,15 - 0,42)	0,19* (0,02 - 0,34)	0,09 (-0,10 - 0,28)	0,08 (-0,07 - 0,23)
3. PresençaSentido	0,44** (0,33 - 0,55)	0,33** (0,21 - 0,44)		0,04 (-0,15 - 0,25)	0,06 (-0,12 - 0,23)	-0,09 (-0,26 - 0,09)
4. BuscaSentido	-0,20** (-0,30 - -0,09)	-0,06 (-0,18 - 0,05)	-0,50** (-0,59 - -0,42)		0,09 (-0,10 - 0,26)	0,15** (-0,01 - 0,34)
5. Materialismo	-0,12** (-0,24 - 0,01)	-,013* (0,27 - -0,03)	-0,13* (-0,24 - -0,03)	0,09 (-0,02 - 0,20)		0,10 (-0,07 - 0,29)
6. Ansiedade Perante a Morte	-0,28** (-0,37 - -0,17)	-0,30** (-0,36 - -0,16)	-0,33** (-0,42 - 0,22)	0,30** (0,19-0,39)	0,23** (0,14 - 0,35)	

Nota: * $p < 0,05$ ** $p < 0,01$. Acima da diagonal princial, não religiosos e abaixo religiosos. Em parênteses, intervalos de confiança gerados por procedimento de bootstrap com intervalo de confiança de 95%

Tabela 10*Diferenças entre religiosos e não religiosos nas seis variáveis principais na amostra brasileira*

	Religiosos <i>M(DP)</i>	Não religiosos <i>M(DP)</i>	<i>t</i>	<i>gl</i>	<i>p</i>	<i>d</i> de Cohen	95% Intervalo de Confiança da diferença	
							Inferior	Superior
Religiosidade	3,75 (1,13)	1,52 (0,63)	26,1	417,9	< 0,001	2,19	-2,40	-2,06
Espiritualidade	4,03 (0,91)	2,36 (0,99)	16,7	245,7	< 0,001	1,73	-1,85	-1,48
Presença de Sentido	5,04 (1,43)	3,55 (1,33)	9,87	432	< 0,001	1,03	-1,71	-1,15
Busca de Sentido	3,97 (1,76)	4,14 (1,67)	0,96	432	> 0,05	0,06	-0,17	0,52
Materialismo	2,65 (0,72)	2,65 (0,69)	-0,13	432	> 0,05	0,02	-0,15	0,13
Ansiedade Perante a Morte	3,96 (1,55)	4,51 (1,37)	3,16	432	< 0,001	0,37	0,26	0,84

Como a tabela indica, para Presença de Sentido, os religiosos ($M = 5,04$; $DP = 1,43$) tiveram níveis estatisticamente superiores do que os não religiosos ($M = 3,55$; $DP = 1,33$; $t(432) = 9,87$; $p < 0,001$; d de Cohen = 1,03). Em relação à Busca de Sentido, não houve diferenças estatisticamente significativas entre religiosos ($M = 3,97$; $DP = 1,76$) e não religiosos ($M = 4,14$; $DP = 1,67$; $t(432) = 0,96$; $p = 0,52$; d de Cohen = 0,06). Os religiosos ($M = 3,75$; $DP = 1,13$) apresentaram níveis estatisticamente superiores do que os não religiosos ($M = 1,52$; $DP = 0,63$) em Religiosidade, $t(417,9) = 26,1$; $p < 0,001$; d de Cohen = 2,19. Em Espiritualidade, os religiosos ($M = 4,03$; $DP = 0,91$) apresentaram níveis estatisticamente mais elevados do que os não religiosos ($M = 2,36$; $DP = 0,99$; $t(245,7) = 16,7$; $p < 0,001$; d de Cohen = 1,73). Para Materialismo, o teste também indicou não haver diferenças significativas entre religiosos ($M = 2,65$; $DP = 0,72$) e não religiosos ($M = 2,65$; $DP = 0,69$; $t(432) = 0,13$; $p = 0,80$; d de Cohen = 0,02). Finalmente, em Ansiedade Perante a Morte, os religiosos ($M = 3,96$; $DP = 1,55$) apresentaram níveis estatisticamente inferiores do que os não religiosos ($M = 4,51$; $DP = 1,37$; $t(432) = 3,16$; $p < 0,001$; d de Cohen = 0,37).

10.1.3 Discussão dos Resultados das Correlações e dos Testes t no Brasil

10.1.3.1 Religiosidade e Presença de Sentido de Vida

Através da análise de correlação, o estudo identificou que, em média, os respondentes com maiores marcadores de religiosidade possuem uma maior presença de sentido de vida (Tabela 8). A correlação das variáveis entre religiosos e não religiosos revelou que os religiosos possuem maior presença de sentido que os não religiosos (Tabela 9). De acordo com o teste t, os religiosos possuem níveis

mais altos de presença de sentido que os não religiosos (Tabela 10). Estes resultados coincidem com estudos de Reker e Wong (1988). De acordo com os autores, os valores religiosos podem ser identificados como importante fonte para o estabelecimento do sentido da vida. Isso ocorre pela religião estimular a técnica logoterápica da derreflexão que leva o indivíduo à busca pelo sentido de vida em um “tu” que transcenda a si mesmo (Aquino, 2019; Marshall & Marshall, 2017).

10.1.3.2 Religiosidade e busca de sentido de vida

Os dados indicaram que quanto maior a religiosidade, menor a busca pelo sentido da vida (Tabela 8). Na correlação entre religiosos e não religiosos, a busca de sentido também está negativamente relacionada à religiosidade. Não houve relação entre não religiosos e busca de sentido (Tabela 9). O teste t não demonstrou diferença nos níveis de busca de sentido entre religiosos e não religiosos (Tabela 10). A explicação para esse padrão é explicada por Baumeister (1991). Para ele, a religião possibilita o acesso a um conjunto de dogmas com profundo senso de sentido. Desta forma, à medida que religiosidade promove a presença de sentido, conseqüentemente, a busca pelo sentido da vida tende a ser menor (Emmons, 2005; Wong, 2020).

10.1.3.3 Espiritualidade e Presença de Sentido de Vida

Os resultados apontaram uma relação positiva entre espiritualidade e presença de sentido (Tabela 8). Na análise de correlação entre religiosos e não religiosos, é possível identificar que ambos os grupos relacionaram espiritualidade positivamente com a presença de sentido (Tabela 9). O resultado do teste t identificou que os religiosos possuem níveis mais altos de espiritualidade que os

não religiosos (Tabela 10). Mesmo diante deste resultado do teste t, as correlações apresentam resultados que coincidem com a teoria, a saber, que a espiritualidade não está limitada à institucionalização e, por isso, abarca a religiosidade e outras práticas que envolvem, por exemplo, a arte, a música, a natureza e a divindade (Cragun et al., 2015). Se a religiosidade precisa ser compreendida a partir de uma tradição institucional, a espiritualidade, por outro lado, pode ser considerada mais abrangente, pois ocorre dentro e fora dos limites de uma instituição (Zinnbauer & Pargament, 2000). Os estudos confirmam a associação positiva entre a presença de sentido de vida e espiritualidade (Steger & Frazier, 2005; Zhang et al., 2020). A espiritualidade pode ser uma fonte que diminui o “vazio existencial” e promove o bem-estar psicológico (Braam & Koenig, 2019; Jaiswal et al., 2020). O desenvolvimento da espiritualidade, então, possibilita uma vida com coerência, propósito e significância, ou seja, sentido de vida (Heintzelman & King, 2014; Steger, 2012).

10.1.3.4 Espiritualidade e busca de sentido de vida

O estudo não encontrou correlação entre a espiritualidade e a busca de sentido (Tabela 8). Também não ocorreu relação entre busca de sentido e espiritualidade para os religiosos (Tabela 9). Estes resultados divergem das pesquisas anteriores. De acordo com Scales et al. (2014), o aumento da espiritualidade, eleva a presença de sentido de vida e, por isso, possivelmente, diminui a busca. O crescimento da secularização e da utilização de critérios racionais para responder às questões existenciais podem justificar a ausência de correlação entre a espiritualidade e a busca de sentido (Andel-Manderloot, 2002).

No entanto, ocorre uma limitação do estudo quanto à ausência de correlação entre a espiritualidade e a busca de sentido.

10.1.3.5 Materialismo e presença de sentido de vida

Estudos anteriores sugerem que quanto maior a presença de sentido, menor o materialismo (Kashdan et.al, 2007; Zhao et al., 2019). No entanto, a correlação entre as variáveis não foi significativa (Tabela 8). Os não religiosos também não apresentaram uma associação significativa entre materialismo e presença de sentido (Tabela 9). Por outro lado, os religiosos relacionaram negativamente o materialismo com a presença de sentido (Tabela 9). As crenças materialistas, geralmente, têm origens em metas extrínsecas (Abeyta et al., 2019). Por isso, indivíduos com uma religiosidade intrínseca (contrário de uma religiosidade extrínseca que possui forte influência do contexto na religiosidade dos indivíduos), possivelmente, evitam estabelecer o materialismo como uma fonte para a presença de sentido de vida (Allport & Ross, 1967).

10.1.3.6 Materialismo e busca de sentido de vida

A maioria dos teóricos identificam o materialismo como uma fonte ineficaz na busca pelo sentido da vida (Abeyta et al., 2019; Chaplin, 2015; Dorn, 2014). Nesse contexto, os achados da presente pesquisa corroboram com essas teorias, uma vez que não foram encontradas correlações entre as variáveis materialismo e busca de sentido (Tabela 8). A relação do materialismo com a busca de sentido entre religiosos e não religiosos também foi ausente (Tabela 5). Os adultos emergentes religiosos e não religiosos brasileiros também não apresentaram associação significativa entre materialismo e busca de sentido.

10.1.3.7 Ansiedade perante a morte e presença de sentido de vida

Os respondentes com menor ansiedade de morte possuíam maior presença de sentido (Tabela 8). Os adultos emergentes religiosos menos ansiosos perante a morte foram identificados com mais presença de sentido. Por outro lado, a relação entre ansiedade diante da morte e presença de sentido não foi significativa para os não religiosos (Tabela 9). A explicação para esse resultado se dá pela presença de sentido na vida agir como um amortecedor sobre os efeitos da ansiedade perante a morte (Boyras et al., 2014; Rogers et al., 2019). Assim, vida com coerência, propósito e significância pode transformar o sofrimento e o medo em elementos que aumentam a saúde psicológica (Frankl 1969, 2004). Portanto, a religiosidade pode interferir positivamente na diminuição da ansiedade de morte e, conseqüentemente, promover maior sensação de propósito, satisfação e sentido na vida (Shirkavand et al., 2018; Unterrainer et al., 2014; Wong, 2022).

10.1.3.8 Ansiedade perante a morte e busca de sentido de vida

O resultado revelou que quanto maior a ansiedade de morte, maior a busca pelo sentido de vida (Tabela 8). A mesma relação negativa entre ansiedade perante a morte e busca de sentido foi identificada nos respondentes religiosos (Tabela 9). O resultado do teste t demonstrou que os adultos emergentes não religiosos obtiveram níveis mais altos de ansiedade perante a morte que os religiosos (Tabela 10). Em concordância com as teorias de manejo de ansiedade, as ameaças provenientes de catástrofes podem alterar as crenças a respeito da mortalidade e alterar a ansiedade diante da consciência da finitude (Melo, 2017). Como posto por

Mayer (2022), a busca pelo sentido da vida é uma defesa diante da ansiedade perante a morte.

10.1.4 Análise e discussão dos resultados da regressão no Brasil

Em relação ao modelo de predição da variável Presença Sentido, as variáveis Religiosidade, Espiritualidade, Materialismo e Ansiedade Perante a Morte foram colocadas como variáveis preditoras. O método utilizado para a regressão foi o Enter. O modelo de regressão se demonstrou significativo $F(2,431) = 107,2$; $p < 0,001$; $R^2_{adj} = 0,33$ com índice de multicolinearidade adequado ($VIF < 10$) e sem a presença de casos extremos (menos de 5% de casos com acima de 2 desvios-padrão). As variáveis que entraram no modelo foram Ansiedade Perante a Morte (Beta = -0,17) e Religiosidade (Beta = 0,55). Esses resultados podem ser encontrados na tabela 7.

Já para o modelo de predição com Busca de Sentido sendo a variável desfecho, o modelo também se demonstrou significativo $F(3,430) = 15,9$; $p < 0,001$; $R^2_{adj} = 0,094$ e, mais uma vez, sem elevada multicolinearidade ($VIF < 10$) e sem casos extremos (menos de 5% de casos com acima de 2 desvios-padrão). Nesse modelo, as variáveis preditoras foram Ansiedade Perante a Morte (Beta = 0,28), Religiosidade (Beta = -0,35) e Espiritualidade (Beta = 0,40).

Tabela 11

Tabela de Regressão Prevendo Presença e Busca de Sentido na Amostra Brasileira

	Presença de Sentido	Busca de Sentido
Modelo 1	Beta	Beta
Religiosidade	0,46***	-0,36***
Espiritualidade	0,12	0,40***
Materialismo	-0,03	0,09
Ansiedade Perante a Morte	-0,16***	0,27***
Modelo 2	Beta	Beta
Religiosidade	0,55***	-0,35***
Espiritualidade	0,12	0,40***
Ansiedade Perante a Morte	-0,17***	0,28***
R ²	0,33	0,09

Nota: *** < 0,001

10.1.4.1 A Religiosidade Prediz Presença de Sentido de Vida (H1)

Por meio da regressão, foi identificado que religiosidade explicou a presença de sentido de vida dos adultos emergentes brasileiros (Tabela 11). Os resultados sugerem um alinhamento com as investigações teóricas e confirmam a Hipótese 1. Segundo Allport (1961), o sentido de vida pode ser orientado a partir de estruturas maiores como a religião. Para Frankl (2004), a religião pertence à dimensão noética e é elementar para a presença de sentido. Por fim, Wong (2020) destaca que a religião pode ser uma importante fonte para presença de sentido de vida. Portanto, uma vez que a religiosidade é compreendida como uma promotora de reflexões e comportamentos que visam algo para além da vida, o sentido de vida tende a ser positivamente impactado.

10.1.4.2 A Religiosidade não Explica a Busca de Sentido de Vida (H2)

A diminuição da religiosidade explica o aumento da busca de sentido e confirmou a Hipótese 2 (Tabela 11). De acordo com Fizzotti (1998), o que justifica a busca é o desejo de encontrar sentido na vida. A partir do momento que o

indivíduo encontra, no sistema religioso, a presença de sentido, possivelmente, a busca pelo sentido da vida diminui.

É importante destacar que a busca de sentido talvez não esteja negativamente associada ao bem-estar na adultez emergente. Esta é uma fase que prolonga a exploração de alternativas para a construção da identidade e, desta forma, comumente ligada à busca de sentido (Hill et al., 2016). De acordo com Dezutter et al. (2014), a busca de sentido pode ter origem tanto no processo de identificação ou construção do sentido quanto no refinamento do sentido já identificado.

10.1.4.3 A Espiritualidade Explica Presença de Sentido de Vida (H3)

A regressão revelou que a espiritualidade não explica a presença de sentido de vida dos adultos emergentes brasileiros e, por isso, não confirmou a Hipótese 3 (Tabela 11). Uma possibilidade é que a forte correlação entre religiosidade e espiritualidade (-0.80) indica que os dois fatores possuem um intenso compartilhamento (Tabela 8). Desta forma, a variância compartilhada que decorre da correlação entre religiosidade e espiritualidade faz com que apenas religiosidade apresente um coeficiente significativo com a presença de sentido. Este efeito - nomeado multicolinearidade - indica que, quando duas variáveis preditoras apresentarem alto grau de relação, apenas uma variável apresentará efeito significativo, pois todo o efeito explicativo da segunda variável já está incluído no efeito da primeira (Damásio et al., 2016).

10.1.4.4 A Espiritualidade não Prediz a Busca de Sentido de Vida (H4)

Os dados da regressão não confirmaram a hipótese 4, pois demonstraram que a espiritualidade predisse a busca de sentido (Tabela 11). As investigações teóricas

sugerem que a busca de sentido decorre da insatisfação ou do conflito existencial e está negativamente relacionada a presença de sentido de vida (Aquino, 2015). Neste aspecto, os achados não coincidiram com a literatura e não confirmaram a Hipótese 4, a saber, que a espiritualidade não prediz busca de sentido de vida. Por outro lado, a busca de sentido entre os adultos emergentes pode ser um processo de exploração de alternativas na construção da identidade (Hill et al., 2016). Ao se tratar de um contexto sociocultural como o da pandemia do COVID-19, a espiritualidade pode ter se tornado uma preditora da busca pelo sentido com o propósito de alcançar algum nível de bem-estar em um período tão ameaçador para a saúde mental (Hubner et al., 2020).

10.1.4.5 O Materialismo não Explica a Presença de Sentido (H5)

O materialismo não explicou a presença de sentido e confirmou a hipótese 5 (Tabela 11). De acordo com Richins e Dawson (1992), as crenças materialistas resultam da utilização das posses para expressar sucesso e da associação entre felicidade e bens materiais. O materialismo pode impedir o acesso à presença do sentido e prejudicar bem-estar psicológico a satisfação com a vida (Belk, 1985; Dittmar & Isham, 2022).

10.1.4.6 O Materialismo Prediz a Busca de Sentido de Vida (H6)

O materialismo também não explicou a busca pelo sentido da vida (Tabela 11). A hipótese 6 não foi confirmada pelos resultados. As crenças materialistas dos adultos emergentes possuem uma ênfase experiencial como, por exemplo, viagens, intercâmbios e entretenimentos (Santos & Neves, 2008; Sena, 2018). A ausência de

predição pode decorrer do contexto sociocultural marcado pelo prolongado isolamento social na pandemia do COVID-19.

10.1.4.7 A Ansiedade Perante a Morte não Prediz Presença de Sentido (H7)

A diminuição da ansiedade de morte predisse a elevação da presença de sentido de vida (Tabela 11). Estes resultados convergem com os pressupostos teóricos anteriores e confirmam a hipótese 7. De acordo com Juhl (2019), é possível que o sentido de vida proteja o indivíduo de consequências psicológicas negativas diante da consciência da inevitabilidade da morte. A vida significativa tem a possibilidade de transformar o sofrimento, a dor e a perda em elementos que contribuem para elevar o bem-estar psicológico (Frankl 1969, 2004; Steger, 2009). Os indivíduos com presença de sentido de vida podem possuir lembretes de morte que aumentam a consciência da finitude e amortecem os efeitos da ansiedade (Arndt et al., 2013; Rogers et al., 2019; Vail et al., 2012; Vess, 2013). Elementos que contribuem para a presença de sentido de vida - como valores, virtudes e relacionamentos - promovem a saúde mental em situações adversas e contribuem para superar a ansiedade diante da morte (Wong, 2022).

10.1.4.8 Ansiedade Perante a Morte Prediz Busca de Sentido (H8)

A análise de regressão demonstrou que a elevação da ansiedade de morte prediz a busca pelo sentido de vida e confirmou a hipótese 8 (Tabela 11). De acordo com Mayer (2022), o vazio existencial pode aguçar a ansiedade de morte. Na mesma direção, Frankl (1977, 2006) afirma que o “vácuo” existencial é uma das fontes para a ausência de sentido. A intensidade e frequência dos pensamentos de

morte podem produzir a dedução de que a vida é absurda e sem sentido (Van Tongeren & Van Tongeren, 2020).

10.2 Análise Quantitativa do Estudo em Portugal

10.2.1 Participantes

Participaram da pesquisa 615 portugueses, sendo 67,5% mulheres e 32,5% homens, com média de idade de 19,7 anos ($DP = 2,61$). A Tabela 12 apresenta as características sociodemográficas da amostra portuguesa.

Tabela 12

Tabela de Frequências das Variáveis Sociodemográficas Estudadas na Amostra Portuguesa

Sexo	Frequência	Porcentagem
Masculino	200	32,5
Feminino	415	67,5
Classe social		
Muito baixa	0	0,00
Baixa	11	1,8
Média Baixa	128	20,8
Média	343	55,8
Média Alta	122	19,8
Alta	8	1,23
Muito Alta	3	0,5
Com quem mora atualmente?		
Com ambos os pais	361	57,85
Com o pai	18	2,88
Com a mãe	94	15,06
Fora de casa dos pais	86	13,78
Outro (especifique)	65	10,42
Religião		
Católico romano	309	49,50
Protestante	8	1,30
Espírita	10	1,60
Sem religião	123	19,71
Ateu	90	14,42
Agnóstico	68	10,90
Outro (especifique)	16	2,60

10.2.2 Análise dos Dados em Portugal

Para avaliar a estrutura fatorial da amostra portuguesa, foi realizada uma Análise Fatorial Exploratória. A análise indicou uma adequada estrutura fatorial de dois fatores para a escala de Religiosidade e Espiritualidade, $Bartlett = 7097,7$; $p < 0,001$; $KMO = 0,951$; $CFI = 0,993$, $TLI = 0,989$, $RMSEA (95\% IC) = 0,76 (0,50-0,80)$. A tabela 13 apresenta as cargas fatoriais dos itens em seus respectivos fatores.

Tabela 13

Cargas Fatoriais da Escala de Religiosidade e Espiritualidade na Amostra Portuguesa para Análise Fatorial Exploratória

Itens	Cargas fatoriais	
	Religiosidade	Espiritualidade
Religiosidade1	0,91	-0,03
Religiosidade2	0,86	-0,06
Religiosidade3	0,85	0,02
Religiosidade4	-0,61	-0,04
Religiosidade5	0,78	0,08
Religiosidade6	0,91	-0,04
Religiosidade7	-0,69	0,03
Religiosidade8	0,20	0,01
Espiritualidade9	0,13	0,72
Espiritualidade10	0,29	0,40
Espiritualidade11	-0,14	0,84
Espiritualidade12	0,04	0,68
Espiritualidade13	0,05	0,58
Espiritualidade14	-0,14	0,76
Espiritualidade15	0,14	0,62
Espiritualidade16	-0,04	0,75
Espiritualidade17	-0,12	0,53

Posteriormente, a análise fatorial confirmatória na amostra portuguesa da escala de Religiosidade e Espiritualidade apresentou adequados índices de ajuste e resíduo para a estrutura de dois fatores $CFI = 0,994$, $TLI = 0,995$, $RMSEA (95\% IC) = 0,34 (0,26-0,42)$. Os valores das cargas fatoriais estão apresentados na Tabela 14.

Tabela 14

Cargas Fatoriais da Escala de Religiosidade e Espiritualidade na Amostra Portuguesa para Análise Fatorial Confirmatória

Itens	Cargas fatoriais	
	Religiosidade	Espiritualidade
Religiosidade1	0,95	
Religiosidade2	0,78	
Religiosidade3	0,99	
Religiosidade4	-0,97	
Religiosidade5	0,98	
Religiosidade6	0,98	
Religiosidade7	-0,97	
Religiosidade8	0,12	
Espiritualidade9		0,96
Espiritualidade10		0,76
Espiritualidade11		0,93
Espiritualidade12		0,92
Espiritualidade13		0,74
Espiritualidade14		0,80
Espiritualidade15		0,89
Espiritualidade16		0,90
Espiritualidade17		0,72

Na amostra portuguesa, os testes Shapiro-Wilk e Kolmogorov-Smirnov sugeriram que nenhuma das variáveis apresentaram distribuição normal dos dados.

Esses resultados estão apresentados na tabela 15.

Tabela 15

Testes de Normalidade para as Variáveis do Estudo em Portugal

	Kolmogorov-Smirnov			Shapiro-Wilk		
	Estatística	gl	p	Estatística	gl	p
Presença de Sentido	0,064	615,0	<0,001	0,986	615,0	<0,001
Busca de Sentido	0,055	615,0	<0,001	0,975	615,0	<0,001
Religiosidade	0,139	615,0	<0,001	0,905	615,0	<0,001
Espiritualidade	0,064	615,0	<0,001	0,969	615,0	<0,001
Materialismo	0,051	615,0	<0,001	0,989	615,0	<0,001
Ansiedade Perante a Morte	0,084	615,0	<0,001	0,958	615,0	<0,001

Nota. gl = Graus de Liberdade

A partir desses resultados, as análises posteriores utilizaram técnicas de reamostragem (Bootstrapping) para maior robustez dos resultados e para correção de não-normalidade dos dados. A análise de Correlação de Pearson com procedimento de Bootstrap indicou correlações significativas conforme hipotetizado. Por exemplo, houve uma correlação significativa e positiva entre Busca de Sentido e Ansiedade Perante a Morte ($r = 0,27$; $p = 0,01$). Os resultados de todas as correlações podem ser vistos na Tabela 16.

Assim como na amostra brasileira a tabela 17, foi realizada uma análise de correlação separadamente para religiosos e não religiosos.

Os testes t de Student indicaram diferenças significativas entre religiosos e não religiosos para as variáveis do estudo, como pode ser visto na Tabela 18. Novamente, as simulações de Bootstrap corroboraram todos os resultados dos testes t.

Tabela 16*Análises de Correlação de Pearson com procedimentos de Bootstap para todas as seis variáveis principais na amostra Portuguesa*

	Espiritualidade	Presença de Sentido	Busca de Sentido	Materialismo	Ansiedade Perante a Morte
Religiosidade	0,60** (0,54 - 0,65)	0,20** (0,15 - 0,30)	0,001 (-0,08 - 0,08)	-0,01 (-0,10 - 0,06)	0,13* (0,004 - 0,22)
Espiritualidade		0,09* (0,01 - 0,18)	0,15** (0,06 - 0,23)	0,03 (-0,09 - 0,11)	0,13** (0,04 - 0,22)
Presença de Sentido			-0,28** (-0,36 - -0,20)	0,04 (-0,04 - 0,12)	-0,06 (-0,14 - 0,01)
Busca de Sentido				0,01 (-0,05 - 0,05)	0,27** (0,19 - 0,35)
Materialismo					0,14** (0,06 - 0,23)

Nota: * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$. Em parênteses, intervalos de confiança gerados por procedimento de bootstrap com intervalo de confiança de 95%**Tabela 17***Análises de Correlação de Pearson com procedimentos de Bootstap para todas as seis variáveis principais na amostra Portuguesa entre religiosos e não religiosos*

	Religiosidade	Espiritualidade	Presença de Sentido	Busca de Sentido	Materialismo	Ansiedade Perante a Morte
1. Religiosidade		0,31** (0,20 - 0,41)	-0,04 (-0,16 - 0,08)	0,04 (-0,8 - 0,17)	0,09 (-0,10 - 0,20)	0,09 (-0,02 - 0,19)
2. Espiritualidade	0,55** (0,47 - 0,63)		-0,05 (-0,18 - 0,07)	0,21** (0,11 - 0,31)	-0,02 (-0,15 - 0,11)	0,06 (-0,09 - 0,20)
3. Presença de Sentido	0,17** (0,05 - 0,29)	0,06 (-0,07 - 0,17)		-0,26** (-0,38 - -0,14)	0,19** (0,06 - 0,32)	-0,06 (-0,21 - 0,10)
4. Busca de Sentido	-0,02 (-0,17 - 0,09)	0,12* (0,02 - 0,25)	-0,31* (-0,43 - -0,20)		-0,15 (-0,30 - -0,01)	0,19** (0,07 - 0,32)
5. Materialismo	-0,04 (-0,19 - 0,03)	0,06 (-0,07 - 0,15)	-0,08 (-0,19 - 0,01)	0,14* (0,03 - 0,26)		0,03 (-0,11 - 0,15)
6. Morte TOTAL	0,03 (-0,12 - 0,12)	0,10 (-0,04 - 0,22)	-0,11* (-0,23 - 0,01)	0,33** (0,23 - 0,43)	0,23** (0,14 - 0,35)	

Nota: * $p < 0,05$ ** $p < 0,01$. Acima da diagonal principal, não religiosos e abaixo religiosos. Em parênteses, intervalos de confiança gerados por procedimento de bootstrap com intervalo de confiança de 95%

Tabela 18*Diferenças entre religiosos e não religiosos nas seis variáveis principais na amostra portuguesa*

	Religiosos <i>M (DP)</i>	Não religiosos <i>M (DP)</i>	<i>t</i>	<i>gl</i>	<i>p</i>	<i>d</i> de Cohen	95% Intervalo de Confiança da diferença	
							Inferior	Superior
Religiosidade	2,57 (0,87)	1,33 (0,42)	23,1	507,5	< 0,001	1,78	-1,34	-1,12
Espiritualidade	2,79 (0,89)	2,01 (0,80)	11,2	613	< 0,001	0,93	-0,91	-0,63
Presença de Sentido	4,15 (1,30)	3,64 (1,37)	4,81	613	< 0,001	0,41	-0,72	-0,31
Busca de Sentido	4,29 (1,55)	4,23 (1,64)	0,55	613	> 0,05	0,03	-0,32	0,18
Materialismo	2,57 (0,61)	2,58 (0,66)	0,07	613	> 0,05	0,01	-0,10	0,09
Ansiedade Perante a Morte	5,04 (1,43)	4,67 (1,33)	3,33	613	> 0,05	0,25	-0,59	-0,15

De acordo com a tabela, para Presença de Sentido, os religiosos ($M = 4,15$; $DP = 1,30$) apresentaram níveis estatisticamente superiores do que os não religiosos ($M = 3,64$; $DP = 1,37$; $t(613) = 4,81$; $p < 0,001$; d de Cohen = $0,41$). Em relação à Busca de Sentido, não houve diferenças estatisticamente significativas entre religiosos ($M = 4,29$; $DP = 1,55$) e não religiosos ($M = 4,23$; $DP = 1,64$; $t(613) = 0,55$; $p > 0,05$; d de Cohen = $0,03$). Para Religiosidade, os religiosos ($M = 2,57$; $DP = 0,87$) apresentaram níveis estatisticamente superiores do que os não religiosos ($M = 1,33$; $DP = 0,42$; $t(507,5) = 23,1$; $p < 0,001$; d de Cohen = $1,78$). Em Espiritualidade, os religiosos ($M = 2,79$; $DP = 0,89$) apresentaram níveis estatisticamente mais elevados do que os não religiosos ($M = 2,01$; $DP = 0,80$; $t(613) = 11,5$; $p < 0,001$; d de Cohen = $0,93$). Para Materialismo, o teste também indicou não haver diferenças significativas entre religiosos ($M = 2,57$; $DP = 0,61$) e não religiosos ($M = 2,58$; $DP = 0,66$; $t(613) = 0,07$; $p > 0,05$; d de Cohen = $0,01$). Finalmente, em Ansiedade Perante a Morte, os religiosos ($M = 5,04$; $DP = 1,43$) apresentaram níveis estatisticamente superiores do que os não religiosos ($M = 4,67$; $DP = 1,33$; $t(613) = 3,33$; $p < 0,001$; d de Cohen = $0,25$).

10.2.3 Discussão dos Resultados das Correlações e dos Testes *t* em Portugal

10.2.3.1 Religiosidade e Presença de Sentido de Vida

A correlação demonstrou que quanto maior a religiosidade, maior a presença de sentido (Tabela 16). Os adultos emergentes religiosos revelaram relação da religiosidade com a presença de sentido. Os não religiosos,

contrariamente, não indicaram relação da religiosidade com a presença de sentido (Tabela 17). Os testes t apresentaram níveis de presença de sentido mais elevados para os religiosos do que para os não religiosos (Tabela 18). Os recursos religiosos como, por exemplo, a oração e a fé podem ser utilizados na elaboração de uma realidade significativa (Marano, 2021; Wong & Worth, 2017). O resultado está em acordo com os estudos de Vale-Dias e Veras (2020), a saber, a religiosidade se relaciona positivamente com a presença de sentido de vida.

10.2.3.2 Religiosidade e Busca de Sentido de Vida

Ao contrário dos estudos anteriores em que indivíduos com menor religiosidade apresentam maior busca pelo sentido da vida (Fizzotti, 1998; Wong 2020), os respondentes demonstraram ausência de correlação entre religiosidade e busca de sentido (Tabela 16). Na mesma direção, não ocorreu relação entre busca de sentido e religiosidade tanto para religiosos quanto para não religiosos (Tabela 17). O teste t não encontrou diferença nos níveis de busca de sentido entre religiosos e não religiosos (Tabela 18).

Esses achados podem ser compreendidos sob a luz da percepção de que adultos emergentes que afirmam pertencer a uma religião podem adotar um sistema de crenças secularizado. A religiosidade em determinadas circunstâncias atende apenas à tradição cultural e, por isso, não interfere, intrinsecamente, na cosmovisão e nos valores do indivíduo (Guimarães, 2022).

10.2.3.3 Espiritualidade e Presença de Sentido de Vida

Apesar da correlação não ser tão elevada, os dados demonstraram que quanto maior a espiritualidade, maior a presença de sentido (Tabela 16).

Identificou-se, porém, a ausência de relação da espiritualidade tanto com os religiosos quanto com os não religiosos (Tabela 17). O teste t revelou que os religiosos possuem níveis mais altos de espiritualidade que os não religiosos (Tabela 18). Os resultados dialogam com a fundamentação teórica quanto à possibilidade de acesso à presença do sentido através da relação com o sagrado (Villani et al., 2019). Diversos estudos confirmam que quanto maior a espiritualidade, maior a presença de sentido de vida (Frankl, 1946/2004; Kaufman, 2020; Zhang et al., 2020).

A espiritualidade pode ser responsável pelo desenvolvimento da saúde mental e, desta forma, promover ao indivíduo um sentido de vida fundamentado numa percepção espiritual transcendente (Jaiswal et al., 2020 Heintzelman & King, 2014; Steger, 2012). A espiritualidade pode ser individualizada e, necessariamente, não institucionalizada como a religião (Cragun et al., 2015). Desta forma, a espiritualidade pode estar vinculada a práticas como, por exemplo, arte, música e poesia (Sponville 2007; Zhang et al., 2020).

10.2.3.4 Espiritualidade e Busca de Sentido de Vida

Os dados revelam uma correlação positiva entre a espiritualidade e a busca de sentido de vida (Tabela 16). Os religiosos e não religiosos demonstraram que quanto maior a espiritualidade, maior a busca de sentido de vida (Tabela 17). De acordo Scales et al. (2014), quanto maior a espiritualidade, menor a busca de sentido na vida. Por outro lado, a adulez emergente é um período de exploração das alternativas para o estabelecimento da identidade e a busca de sentido faz parte deste processo (Hill et al., 2016).

Esses achados podem ser explicados pela possível presença da autotranscendência, ou seja, os indivíduos buscam por algo superior a si mesmo e isso pode ocorrer através da espiritualidade. A pandemia do COVID-19 pode ter proporcionado a oportunidade para os adultos emergentes portugueses desenvolverem o autodesapego e avaliar a si mesmos a partir de uma perspectiva externa para o sentido da vida (Wong, 2020).

10.2.3.5 Materialismo e Presença de Sentido de Vida

Não houve relação entre materialismo e presença de sentido de vida (Tabela 16). A relação do materialismo a presença de sentido entre os religiosos também é ausente. Por outro lado, se identificou uma relação positiva do materialismo com a presença de sentido entre os não religiosos (Tabela 17).

Espera-se que, quanto maior o materialismo, menor a presença de sentido, afinal, o materialismo é prejudicial ao bem-estar psicológico e a satisfação com a vida (Dittmar & Isham, 2022; Wang et al., 2017). O materialismo prejudica o sentido de vida uma vez que pode ser fonte de possessividade, falta de generosidade e inveja (Belk, 1985).

De acordo com Agostinho (2000), a fé envolve desprendimento do que é temporal e perecível e um envolvimento com o eterno. Desta forma, a relação positiva das crenças materialistas e a presença de sentido pode embasar-se nas teorias precedentes. Por outro lado, esperava-se uma relação negativa entre materialismo e presença de sentido dos religiosos. Por isso, o resultado não confirma estudos anteriores (Kashdan et.al, 2007; Zhao et al., 2019).

10.2.3.6 Materialismo e Busca de Sentido de Vida

Não há correlação entre o materialismo e busca de sentido (Tabela 16). A análise entre religiosos e não religiosos também apresentou ausência na relação do materialismo com a busca de sentido (Tabela 17). Se o materialismo pode ser identificado como uma meta extrínseca, por dedução, os respondentes materialistas tenderiam a estar numa busca de sentido (Abeyta et al., 2019).

Os estudos apontam que há uma correlação positiva entre o materialismo e uma busca qualitativamente inferior pelo sentido da vida (Choi et al., 2017; Goodman et al., 2016; Mead & Willians, 2022b). Teóricos sugerem que um dos propósitos do materialismo é utilizar as posses para julgar o próprio sucesso (Richins & Dawson, 1992). A Pandemia do COVID 19 impediu o convívio social dos grupos que, geralmente, utilizavam os encontros para expor os bens materiais que promoviam status pelo produto consumido. O contexto social marcado por medo, angústia e ansiedade pode justificar a alteração do resultado.

10.2.3.7 Ansiedade Perante a Morte e Presença do Sentido de Vida

Os adultos emergentes portugueses não correlacionaram a ansiedade perante a morte durante a pandemia com a presença de sentido de vida. (Tabela 16). Os não religiosos também não relacionaram ansiedade diante da morte com a presença do sentido de vida. Os religiosos, por outro lado, revelaram que quanto maior a ansiedade diante da morte, menor a presença de sentido (Tabela 17). Apenas os dados dos religiosos coincidem com os estudos anteriores a saber, a elevação da ansiedade perante a morte produz uma menor presença de sentido de vida (Steger, 2012; Van Tongeren & Van Tongeren, 2020). Os não religiosos podem ser influenciados pelo conceito de que a vida não tem sentido em si e a

maneira de superar a ansiedade de morte é através da aceitação da realidade absurda (Mayer, 2022).

10.2.3.8 Ansiedade Perante a Morte e Busca de Sentido de Vida

A ansiedade perante a morte está positivamente relacionada com a busca de sentido de vida (Tabela 16). Os religiosos e não religiosos portugueses demonstraram que quanto maior a ansiedade diante da morte, maior a busca de sentido de vida (Tabela 17). De acordo com Mayer (2022), a angústia diante do sofrimento tende a produzir uma busca pelo sentido da vida.

A autoestima baixa pode ser uma característica da adulez emergente e uma barreira para o flolescimento da presença de sentido (Athulya et al., 2016; Peteet et al., 2015; Robins & Trzesniewski 2005). Tendo isso em vista, a busca de sentido fundamentada na elevação da autoestima e na defesa da cosmovisão cultural pode minimizar a ansiedade perante a morte e estimular a busca pelo sentido de vida.

10.2.4 Análise e Discussão dos Resultados da Regressão em Portugal

Para as análises de regressão sobre Presença Sentido, as variáveis Religiosidade, Espiritualidade, Materialismo e Ansiedade Perante a Morte, foram colocadas como variáveis predictoras. O método utilizado para regressão foi o Enter. O modelo de regressão se demonstrou significativo $F(2,612) = 15,2$; $p < 0,001$; $R^2_{adj} = 0,044$ com índice de multicolinearidade adequado ($VIF < 10$) e sem a presença de casos extremos (menos de 5% de casos com acima de 2 desvios-padrão). Nesse modelo, as variáveis predictoras foram Religiosidade (Beta = -0,21) e Ansiedade Perante a Morte (Beta = -0,09).

Em relação ao modelo de predição com Busca de Sentido sendo a variável predita, o modelo também se demonstrou significativo $F(3,611) = 21,9$; $p < 0,001$; $R^2_{adj} = 0,93$ e, novamente, sem elevada multicolinearidade ($VIF < 10$) e sem casos extremos (menos de 5% de casos com acima de 2 desvios-padrão). Para esse modelo, as variáveis predictoras foram Ansiedade Perante a Morte ($Beta = 0,25$), Religiosidade ($Beta = -0,14$) e Espiritualidade ($Beta = 0,20$). Ambas as regressões são encontradas na tabela 19.

Tabela 19

Tabela de Regressão Prevendo Presença e Busca de Sentido na Amostra Portuguesa

	Presença de Sentido	Busca de Sentido
Modelo 1	Beta	Beta
Religiosidade	0,24***	-0,14***
Espiritualidade	-0,04	0,20***
Materialismo	-0,06	-0,04
Ansiedade Perante a Morte	-0,09*	0,26***
Modelo 2	Beta	Beta
Religiosidade	0,21***	-0,14***
Espiritualidade	0,06	0,20***
Ansiedade Perante a Morte	-0,10*	0,25***
Modelo 3	Beta	Beta
Religiosidade	0,21***	-
Ansiedade Perante a Morte	-0,09*	-
R^2_{adj}	0,05	0,9

Nota: * $<0,05$ *** $<0,001$

10.2.4.1 A Religiosidade Prediz Presença de Sentido de Vida (H1)

A regressão identificou que a religiosidade prediz presença de sentido de vida (Tabela 19). O resultado confirmou a hipótese 1 e está em consonância com teorias anteriores, conforme demonstrou Reker e Wong (1988), ao afirmar que os valores religiosos funcionam como fonte para o estabelecimento do sentido da vida. Os estudos de Baumeister (1991) concluíram que os dogmas religiosos podem

estabelecer um profundo senso de sentido. De acordo com Wong (2020), a religião pode ser uma importante fonte para a presença de sentido de vida.

10.2.4.2 A Religiosidade não Explica a Busca de Sentido de Vida (H2)

Os resultados revelaram que menor religiosidade prediz maior busca de sentido (Tabela 19). Os resultados confirmaram a hipótese 2. Segundo Damásio e Koller (2013), por vezes, a busca de sentido decorre da insatisfação ou do conflito existencial. De acordo com Abeyta e Routledge, (2018), a religião propõe responder as principais inquições existenciais como, por exemplo, “Por que estou aqui?” e “O que acontece após a morte?”. Desta forma, os adultos emergentes que buscam respostas aos conflitos existenciais na religiosidade podem encontrar um sentido para a vida.

10.2.4.3 A Espiritualidade Explica Presença de Sentido de Vida (H3)

A regressão apontou que a espiritualidade não predisse a presença de sentido de vida (Tabela 19). O resultado não confirmou a hipótese 3. Os fatores religiosidade e espiritualidade possuem uma significativa correlação ($r = 0.60$; $p < 0,001$). Provavelmente, ocorreu uma variância compartilhada a partir da correlação entre religiosidade e espiritualidade. Sendo assim, somente a religiosidade apresenta um coeficiente significativo com a presença de sentido. Este efeito é denominado de multicolinearidade e sugere que quando duas variáveis preditoras demonstrarem elevado grau de relação, apenas uma variável revelará efeito significativo, pois todo o efeito explicativo da segunda variável já está incluído no efeito da primeira (Damásio et al., 2016).

10.2.4.4 A Espiritualidade não Prediz a Busca de Sentido de Vida (H4)

A espiritualidade foi identificada como preditora da busca de sentido (Tabela 19). Estes resultados divergem da hipótese 4. As investigações anteriores relacionam negativamente a espiritualidade com a busca de sentido e o bem-estar psicológico (Arslan, 2021; Koenig, 2012; Mayer & Fouch, 2021). Por outro lado, a adultez emergente é uma fase preponderante para a busca do sentido e a espiritualidade pode ser uma alternativa que oferece propósito, coerência e significância (Czyżowska, 2021). A pesquisa de Duzetter et al. (2014) demonstrou que a busca de sentido para os adultos emergentes americanos envolvia um processo de identificação, construção do sentido ou um refinamento do sentido já identificado. Durante a Pandemia da COVID 19, a espiritualidade pode ter se enquadrado como preditora da busca pelo sentido da vida, até mesmo pelo contexto de sofrimento e angústia psíquica decorrente do contexto social.

10.2.4.5 O Materialismo não Explica a Presença de Sentido (H5)

O materialismo não predisse a presença de sentido, portanto, a hipótese 5 foi confirmada (Tabela 19). As crenças materialistas comumente estão vinculadas a mal-estar psicológico, autoestima baixa, insatisfação, possessividade e falta de generosidade (Belk, 1985; Richins & Dawson, 1992; Wang et al., 2017). Por isso, esperava-se uma relação negativa entre materialismo e presença sentido de vida (Kashdan et.al, 2007; Zhao et al., 2019). No entanto, o resultado não coincide com os achados teóricos precedentes e isso pode ser justificado a partir do contexto sociocultural caótico provocado pela pandemia do COVID-19 (ONU News, 2022b). O isolamento social, a incerteza financeira e a instabilidade empregatícia dos respondentes ou dos pais, podem ter alterado o resultado esperado quanto ao

materialismo e presença de sentido. As restrições de lazer, viagens e ambientes como, por exemplo, *shoppings* e lojas podem ter alterado o comportamento de compras e a avaliação dos adultos emergentes quanto aos próprios valores materialistas.

10.2.4.6 O Materialismo Prediz a Busca de Sentido de Vida (H6)

O materialismo não predisse a busca de sentido (Tabela 19). Os resultados não confirmaram a hipótese 6. Apesar das crenças materialistas promoverem uma busca de sentido qualitativamente extrínseca e inferior, a tendência seria uma predição entre os fatores (Goodman et al., 2016; Mead & Willians, 2022b). As alterações sociais para conter a proliferação do COVID-19 produziu o fechamento de hotéis, aeroportos, teatros, cinemas, boates e bares. Uma das ênfases materialistas dos adultos emergentes são as experiências como viagens e entretenimentos (Santos & Neves, 2008; Sena, 2018). O bloqueio a estes produtos em decorrência do isolamento pode ser parte do motivo pela não predição do materialismo em relação à busca de sentido. Se não é possível acessar os bens de consumo comumente utilizados como fonte de prazer e felicidade pelos adultos emergentes, provavelmente, a direção alternativa é a tentativa de buscar sentido em outras fontes.

10.2.4.7 A Ansiedade Perante a Morte não Prediz a Presença de Sentido (H7)

A investigação apontou que a ansiedade de morte não predisse a presença de sentido na vida e confirmou a hipótese 7 (Tabela 19). Os estudos anteriores sugerem que a compreensão da morte como uma parte inevitável e natural pode

estar associada a níveis mais altos de sentido, propósito, bem-estar e satisfação com a vida (Boyraz et al., 2014; Wong et al., 1994). A saliência de morte contribui para amortecer a ansiedade, promover o bem-estar e sentido de vida (Schimel et al., 2019). Por outro lado, a realidade da finitude humana pode desencadear numa ansiedade perante a morte, produzir um vazio existencial e interromper a percepção da presença de sentido na vida (Steger, 2012; Mayer, 2022). Neste caso, a hipótese do pensamento de morte funciona de maneira inversa à saliência de morte e ameaça as estruturas psicológicas protetoras provenientes da cosmovisão cultural e da autoestima.

10.2.4.8 A Ansiedade Perante a Morte Prediz Busca de Sentido (H8)

A ansiedade perante a morte predisse a busca pelo sentido de vida e confirmou a hipótese 8 (Tabela 19). O vazio existencial e a dificuldade de perceber a presença de sentido pode justificar a necessidade de busca de sentido para os que estão sofrendo de ansiedade diante da morte (Mayer, 2022; Steger, 2012). O contexto global de pandemia do COVID-19, provavelmente, alterou a ansiedade dos adultos emergentes diante da morte. De acordo com pesquisa empírica realizada em 21 países, os jovens relataram maior sentimento de ansiedade e depressão que os adultos (Unicef-Gallup, 2021). A pandemia do COVID-19 é considerada a maior catástrofe global dos últimos setenta anos (ONU, 2020). A elevada e crescente quantidade de óbitos e a cobertura midiática sem precedentes na história, provavelmente, forneceram os elementos para a elevação da ansiedade perante a morte.

10.3 Análise Quantitativa entre Brasil e Portugal

Nos capítulos anteriores foram apresentados os resultados específicos de cada país investigado. Neste capítulo, serão apresentados resultados relativos às comparações entre os dois países para as variáveis estudadas.

10.3.1 Análise e Discussão dos Dados entre Brasil e Portugal

O total de participantes foi de 434 brasileiros (41,1%) e 615 portugueses (58,6%), sendo 68,7% mulheres e 31,3% homens, com média de idade de 21,1 anos ($DP = 3,34$). O estudo identificou que, aproximadamente, 70% dos respondentes brasileiros e portugueses afirmaram pertencer às classes sociais a partir da média em direção a muito alta. É importante considerar que Portugal é um país desenvolvido enquanto o Brasil, em desenvolvimento. Estes dados sociodemográficos permitem afirmar que a maioria dos participantes pode ser identificada como adultos emergentes (Arnett et al., 2018; Dutra-Tomé & Koller, 2014).

Em relação às diferenças das forças das correlações entre as amostras brasileira e portuguesa, destacam-se as seguintes: Presença de Sentido e Religiosidade, q de Cohen = 0,43; Presença de Sentido e Espiritualidade, q de Cohen = 0,43; Presença de Sentido e Ansiedade Perante a Morte, q de Cohen = 0,25; Religiosidade e Espiritualidade, q de Cohen = 0,42.

Em relação às correlações separadas para religiosos e não religiosos, as seguintes diferenças de correlação são apontadas para religiosos: Presença de Sentido e Religiosidade, q de Cohen = 0,26; Religiosidade e Espiritualidade, q de Cohen = 0,27. Para não religiosos, as seguintes diferenças são apresentadas: Presença de Sentido e Religiosidade, q de Cohen = 0,20; Presença de Sentido e

Espiritualidade, q de Cohen = 0,19; Presença de Sentido e Busca de Sentido, q de Cohen = 0,15; Religiosidade e Espiritualidade, q de Cohen = 0,26.

A MANOVA foi realizada para investigar em que medida homens e mulheres brasileiros e portugueses se diferenciavam em Presença de Sentido, Busca de Sentido, Religiosidade, Espiritualidade, Materialismo e Ansiedade Perante a Morte. O resultado geral da MANOVA indicou haver efeitos principais de sexo $F(6,1040) = 10,1$; $p < 0,001$; $\eta_p = 0,055$, país $F(6,1040) = 44,4$, $p < 0,001$, $\eta_p = 0,20$ e a interação sexo e país $F(6,1040) = 2,95$; $p < 0,001$; $\eta_p = 0,017$.

Para sexo, os testes post-hoc de Bonferroni indicaram haver diferenças significativas para Presença de Sentido ($M_{\text{homem}} = 4,49$; $DP_{\text{homem}} = 1,48$; $M_{\text{mulher}} = 4,10$; $DP_{\text{mulher}} = 1,46$), $F(1,1045) = 16,2$, $p < 0,001$, $\eta_p = 0,015$, Busca de Sentido ($M_{\text{homem}} = 3,91$; $DP_{\text{homem}} = 1,77$; $M_{\text{mulher}} = 4,27$; $DP_{\text{mulher}} = 1,60$), $F(1, 1045) = 16,5$; $p < 0,001$; $\eta_p = 0,016$, Espiritualidade ($M_{\text{homem}} = 2,76$; $DP_{\text{homem}} = 1,27$; $M_{\text{mulher}} = 2,98$; $DP_{\text{mulher}} = 1,14$), $F(1, 1045) = 10,0$; $p = 0,002$; $\eta_p = 0,009$ e Ansiedade Perante a Morte ($M_{\text{homem}} = 4,26$; $DP_{\text{homem}} = 1,52$; $M_{\text{mulher}} = 4,65$; $DP_{\text{mulher}} = 1,48$), $F(1, 1045) = 23,3$; $p < 0,001$; $\eta_p = 0,022$.

Entre países, as análises de Bonferroni indicaram que houve diferenças estatisticamente entre Presença de Sentido ($M_{\text{brasil}} = 4,60$; $DP_{\text{brasil}} = 1,55$; $M_{\text{portugal}} = 3,94$; $DP_{\text{portugal}} = 1,35$), $F(1, 1045) = 41,1$; $p < 0,001$; $\eta_p = 0,038$, Busca de Sentido ($M_{\text{brasil}} = 4,03$; $DP_{\text{brasil}} = 1,75$; $M_{\text{portugal}} = 4,25$; $DP_{\text{portugal}} = 1,60$), $F(1, 1045) = 9,57$; $p = 0,002$; $\eta_p = 0,09$, Religiosidade ($M_{\text{brasil}} = 3,08$; $DP_{\text{brasil}} = 1,43$; $M_{\text{portugal}} = 2,02$; $DP_{\text{portugal}} = 0,94$), $F(1, 1045) = 166,5$; $p < 0,001$; $\eta_p = 0,137$ e Espiritualidade ($M_{\text{brasil}} = 3,53$; $DP_{\text{brasil}} = 1,21$; $M_{\text{portugal}} = 2,44$; $DP_{\text{portugal}} = 0,93$), $F(1, 1045) = 204,3$; $p <$

0,001; $\eta_p = 0,164$ e Ansiedade Perante a Morte ($M_{\text{brasil}} = 4,08$; $DP_{\text{brasil}} = 1,52$; $M_{\text{portugal}} = 4,86$; $DP_{\text{portugal}} = 1,40$), $F(1, 1045) = 61,1$; $p < 0,001$; $\eta_p = 0,055$.

Em relação à interação entre sexo e país, as análises post-hoc indicaram que houve diferenças entre homens brasileiros e portugueses para Presença de Sentido, ($M_{\text{homem brasileiro}} = 4,84$; $DP_{\text{homem brasileiro}} = 1,52$; $M_{\text{homem português}} = 4,20$; $DP_{\text{homem português}} = 1,40$), $F(1, 1045) = 14,7$; $p < 0,001$; $\eta_p = 0,014$, Busca de Sentido ($M_{\text{homem brasileiro}} = 3,62$; $DP_{\text{homem brasileiro}} = 1,84$; $M_{\text{homem português}} = 4,10$; $DP_{\text{homem português}} = 1,71$), $F(1, 1045) = 9,90$; $p = 0,002$; $\eta_p = 0,009$, Religiosidade ($M_{\text{homem brasileiro}} = 3,08$; $DP_{\text{homem brasileiro}} = 1,51$; $M_{\text{homem português}} = 1,97$; $DP_{\text{homem português}} = 0,93$), $F(1, 1045) = 78,9$; $p < 0,001$; $\eta_p = 0,052$, Espiritualidade ($M_{\text{homem brasileiro}} = 3,37$; $DP_{\text{homem brasileiro}} = 1,42$; $M_{\text{homem português}} = 2,33$; $DP_{\text{homem português}} = 0,9$), $F(1, 1045) = 68,0$; $p < 0,001$; $\eta_p = 0,056$ e Ansiedade Perante a Morte ($M_{\text{homem brasileiro}} = 3,80$; $DP_{\text{homem brasileiro}} = 1,61$; $M_{\text{homem português}} = 4,57$; $DP_{\text{homem português}} = 1,38$), $F(1, 1045) = 22,9$; $p < 0,001$; $\eta_p = 0,022$.

Entre mulheres brasileiras e portuguesas houve diferenças entre Presença de Sentido ($M_{\text{mulher brasileira}} = 4,50$; $DP_{\text{mulher brasileira}} = 1,56$; $M_{\text{mulher portuguesa}} = 3,81$; $DP_{\text{mulher portuguesa}} = 1,32$), $F(1, 1045) = 33,6$; $p < 0,001$; $\eta_p = 0,031$, Religiosidade ($M_{\text{mulher brasileira}} = 3,08$; $DP_{\text{mulher brasileira}} = 1,40$; $M_{\text{mulher portuguesa}} = 2,04$; $DP_{\text{mulher portuguesa}} = 0,94$), $F(1, 1045) = 141,0$; $p < 0,001$; $\eta_p = 0,119$, Espiritualidade ($M_{\text{mulher brasileira}} = 3,60$; $DP_{\text{mulher brasileira}} = 1,09$; $M_{\text{mulher portuguesa}} = 2,49$; $DP_{\text{mulher portuguesa}} = 0,93$), $F(1, 1045) = 195,7$; $p < 0,001$; $\eta_p = 0,157$, Materialismo ($M_{\text{mulher brasileira}} = 2,66$; $DP_{\text{mulher brasileira}} = 0,70$; $M_{\text{mulher portuguesa}} = 2,51$; $DP_{\text{mulher portuguesa}} = 0,61$), $F(1, 1045) = 10,8$; $p = 0,001$; $\eta_p = 0,010$ e Ansiedade Perante a Morte ($M_{\text{mulher brasileira}} = 4,20$; DP_{mulher}

brasileira = 1,47; $M_{\text{mulher portuguesa}} = 5,00$; $DP_{\text{mulher portuguesa}} = 1,39$), $F(1, 1045) = 47,7$; $p < 0,001$; $\eta_p = 0,044$.

Por fim, os resultados indicaram que houve diferenças significativas entre homens e mulheres brasileiros em Presença de Sentido ($M_{\text{mulher brasileira}} = 4,50$; $DP_{\text{mulher brasileira}} = 1,56$; $M_{\text{homem brasileiro}} = 4,84$; $DP_{\text{homem brasileiro}} = 1,52$), $F(1, 1045) = 6,72$; $p = 0,010$; $\eta_p = 0,006$, Busca de Sentido ($M_{\text{mulher brasileira}} = 4,20$; $DP_{\text{mulher brasileira}} = 1,68$; $M_{\text{homem brasileiro}} = 3,62$; $DP_{\text{homem brasileiro}} = 1,83$), $F(1, 1045) = 16,1$; $p = 0,001$; $\eta_p = 0,015$, Espiritualidade ($M_{\text{mulher brasileira}} = 3,60$; $DP_{\text{mulher brasileira}} = 1,09$; $M_{\text{homem brasileiro}} = 3,37$; $DP_{\text{homem brasileiro}} = 1,42$), $F(1, 1045) = 7,99$; $p < 0,005$; $\eta_p = 0,008$ e Ansiedade Perante a Morte ($M_{\text{mulher brasileira}} = 4,20$; $DP_{\text{mulher brasileira}} = 1,47$; $M_{\text{homem brasileiro}} = 3,81$; $DP_{\text{homem brasileiro}} = 1,61$), $F(1, 1045) = 10,4$; $p = 0,006$; $\eta_p = 0,010$.

Homens e mulheres portuguesas em Presença de Sentido ($M_{\text{mulher portuguesa}} = 3,81$; $DP_{\text{mulher portuguesa}} = 1,32$; $M_{\text{homem português}} = 4,20$; $DP_{\text{homem português}} = 1,40$), $F(1, 1045) = 10,2$; $p = 0,001$; $\eta_p = 0,010$, Materialismo ($M_{\text{mulher portuguesa}} = 2,51$; $DP_{\text{mulher portuguesa}} = 0,60$; $M_{\text{homem português}} = 2,70$; $DP_{\text{homem português}} = 0,67$), $F(1, 1045) = 10,2$; $p = 0,001$; $\eta_p = 0,010$ e Ansiedade Perante a Morte ($M_{\text{mulher portuguesa}} = 5,00$; $DP_{\text{mulher portuguesa}} = 1,39$; $M_{\text{homem português}} = 4,57$; $DP_{\text{homem português}} = 1,38$), $F(1, 1045) = 13,5$; $p < 0,001$; $\eta_p = 0,013$. A Tabela 20 apresenta as estatísticas descritivas de todos os subgrupos para todas as sete variáveis.

Tabela 20

Estatísticas Descritivas para as Variáveis do Estudo Separadas por Sexo e País

	País	Sexo	Média	Desvio-Padrão	N
Presença de Sentido	Brasil	Masculino	4,80	1,53	128
		Feminino	4,41	1,55	306
		Total	4,53	1,55	434
	Portugal	Masculino	4,18	1,40	200
		Feminino	3,79	1,30	415

		Total	3,91	1,35	615
Busca de Sentido	Total	Masculino	4,42	1,48	328
		Feminino	4,05	1,45	721
		Total	4,17	1,47	1049
	Brasil	Masculino	3,54	1,83	128
		Feminino	4,23	1,65	306
		Total	4,02	1,74	434
	Portugal	Masculino	4,12	1,71	200
		Feminino	4,33	1,53	415
		Total	4,26	1,59	615
Religiosidade	Total	Masculino	3,89	1,78	328
		Feminino	4,29	1,58	721
		Total	4,16	1,65	1049
	Brasil	Masculino	2,98	1,52	128
		Feminino	3,06	1,40	306
		Total	3,04	1,44	434
	Portugal	Masculino	1,98	0,93	200
		Feminino	2,02	0,93	415
		Total	2,01	0,93	615
Espiritualidade	Total	Masculino	2,37	1,29	328
		Feminino	2,46	1,26	721
		Total	2,43	1,27	1049
	Brasil	Masculino	3,27	1,43	128
		Feminino	3,59	1,10	306
		Total	3,49	1,22	434
	Portugal	Masculino	2,34	0,96	200
		Feminino	2,47	0,91	415
		Total	2,43	0,93	615
Materialismo	Total	Masculino	2,70	1,25	328
		Feminino	2,94	1,14	721
		Total	2,87	1,18	1049
	Brasil	Masculino	2,57	0,73	128
		Feminino	2,69	0,70	306
		Total	2,71	0,71	434
	Portugal	Masculino	2,71	0,67	200
		Feminino	2,52	0,61	415
		Total	2,58	0,63	615
Ansiedade Perante a Morte	Total	Masculino	2,65	0,70	328
		Feminino	2,59	0,66	721
		Total	2,61	0,67	1049
	Brasil	Masculino	3,78	1,60	128
		Feminino	4,27	1,46	306
		Total	4,13	1,52	434
	Portugal	Masculino	4,56	1,38	200

	Feminino	5,02	1,39	415
	Total	4,87	1,40	615
Total	Masculino	4,26	1,53	328
	Feminino	4,70	1,40	721
	Total	4,57	1,44	1049

Adicionalmente, testes t de Student foram realizados para avaliar as diferenças entre 1) homens brasileiros e mulheres portuguesas e 2) entre homens portugueses e mulheres brasileiras nas sete variáveis investigadas. Para homens brasileiros e mulheres portuguesas, houve diferenças estatisticamente significativas para Presença de Sentido ($M_{\text{homem brasileiro}} = 4,84$; $DP_{\text{homem brasileiro}} = 1,52$; $M_{\text{mulher portuguesa}} = 3,81$; $DP_{\text{mulher portuguesa}} = 1,32$), $t(241,9) = 7,67$; $p < 0,001$; d de Cohen = 0,72, Busca de Sentido ($M_{\text{homem brasileiro}} = 3,62$; $DP_{\text{homem brasileiro}} = 1,84$; $M_{\text{mulher portuguesa}} = 4,32$; $DP_{\text{mulher portuguesa}} = 1,54$), $t(209,9) = -4,06$; $p < 0,001$; d de Cohen = 0,41, Religiosidade ($M_{\text{homem brasileiro}} = 3,08$; $DP_{\text{homem brasileiro}} = 1,51$; $M_{\text{mulher portuguesa}} = 2,04$; $DP_{\text{mulher portuguesa}} = 0,95$), $t(177,7) = 7,34$; $p < 0,001$; d de Cohen = 0,82, Espiritualidade ($M_{\text{homem brasileiro}} = 3,37$; $DP_{\text{homem brasileiro}} = 1,42$; $M_{\text{mulher portuguesa}} = 2,49$; $DP_{\text{mulher portuguesa}} = 0,93$), $t(181,1) = 6,83$; $p < 0,001$; d de Cohen = 0,73 e Ansiedade Perante a Morte ($M_{\text{homem brasileiro}} = 3,80$; $DP_{\text{homem brasileiro}} = 1,61$; $M_{\text{mulher portuguesa}} = 5,00$; $DP_{\text{mulher portuguesa}} = 1,39$), $t(214,2) = -7,88$; $p < 0,001$; d de Cohen = 0,80.

Já para homens portugueses e mulheres brasileiras, as diferenças foram entre Presença de Sentido ($M_{\text{homem português}} = 4,20$; $DP_{\text{homem português}} = 1,40$; $M_{\text{mulher brasileira}} = 4,50$; $DP_{\text{mulher brasileira}} = 1,55$), $t(460,6) = -2,31$; $p = 0,021$; d de Cohen = 0,20, Religiosidade ($M_{\text{homem português}} = 1,97$; $DP_{\text{homem português}} = 0,92$; $M_{\text{mulher brasileira}} = 3,08$; $DP_{\text{mulher brasileira}} = 1,40$), $t(530,4) = -11,0$; $p < 0,001$; d de Cohen = 0,93, Espiritualidade ($M_{\text{homem português}} = 2,34$; $DP_{\text{homem português}} = 0,96$; $M_{\text{mulher brasileira}} =$

3,60; $DP_{\text{mulher brasileira}} = 1,09$), $t(471,8) = -14,0$; $p < 0,001$; d de Cohen = 1,22 e Ansiedade Perante a Morte ($M_{\text{homem português}} = 4,57$; $DP_{\text{homem português}} = 1,38$; $M_{\text{mulher brasileira}} = 4,20$; $DP_{\text{mulher brasileira}} = 1,47$), $t(534) = 2,92$; $p = 0,004$; d de Cohen = 0,26. As tabelas 21 e 22 apresentam uma síntese dos resultados encontrados pela MANOVA.

Tabela 21

Síntese dos Resultados do Efeito de Religião nas Variáveis Avaliadas nas Amostras Brasileira e Portuguesa

Variáveis	Brasil	Portugal
	Religiosos/Não Religiosos	Religiosos/Não Religiosos
Presença de Sentido	SIM ^{R+}	SIM ^{R+}
Busca de Sentido	NÃO	NÃO
Religiosidade	SIM ^{R+}	SIM ^{R+}
Espiritualidade	SIM ^{R+}	SIM ^{R+}
Materialismo	NÃO	NÃO
Ansiedade Perante a Morte	SIM ^{NR+}	SIM ^{R+}

Nota: R = Religiosos; NR = Não Religiosos

Tabela 22

Síntese dos Resultados do Efeito de Religião nas Variáveis Avaliadas nas Amostras Brasileira e Portuguesa

Variáveis	Sexo	País	Interação
Presença de Sentido	SIM ^{H+}	SIM ^{Br+}	SIM ^{H Br+}
Busca de Sentido	SIM ^{M+}	SIM ^{Pt+}	SIM ^{M Pt+}
Religiosidade	NÃO	SIM ^{Br+}	NÃO
Espiritualidade	SIM ^{M+}	SIM ^{Br+}	SIM ^{M Br+}
Materialismo	NÃO	NÃO	SIM ^{M Br+}
Ansiedade Perante a Morte	SIM ^{M+}	SIM ^{Pt+}	SIM ^{M Pt+}

Nota: M = Mulher, H = Homem, Br = Brasil, Pt = Portugal

As figuras de 6 a 10 abaixo ilustram as diferenças encontradas pela MANOVA e pelo teste t.

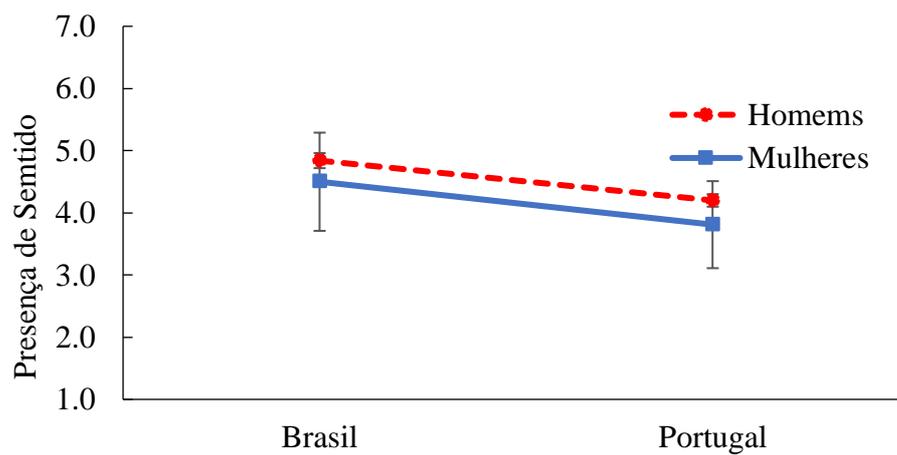


Figura 6

Diferenças de Médias entre Homens e Mulheres Brasileiros e Portugueses em Presença de Sentido

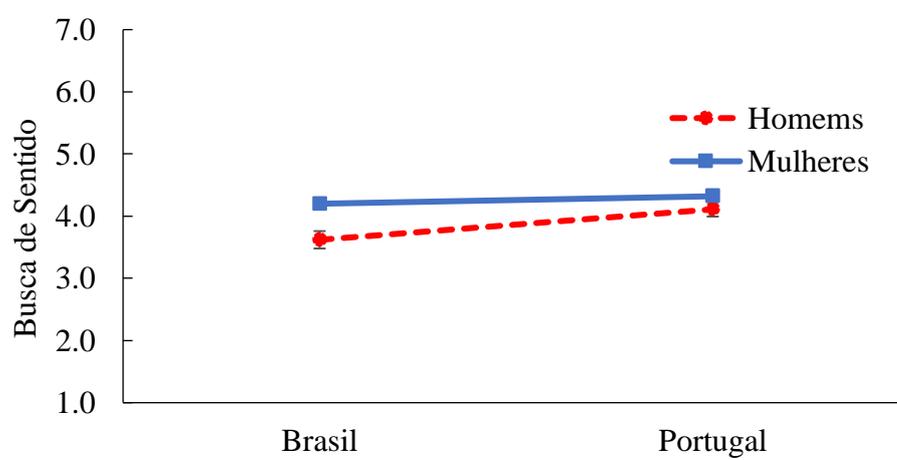
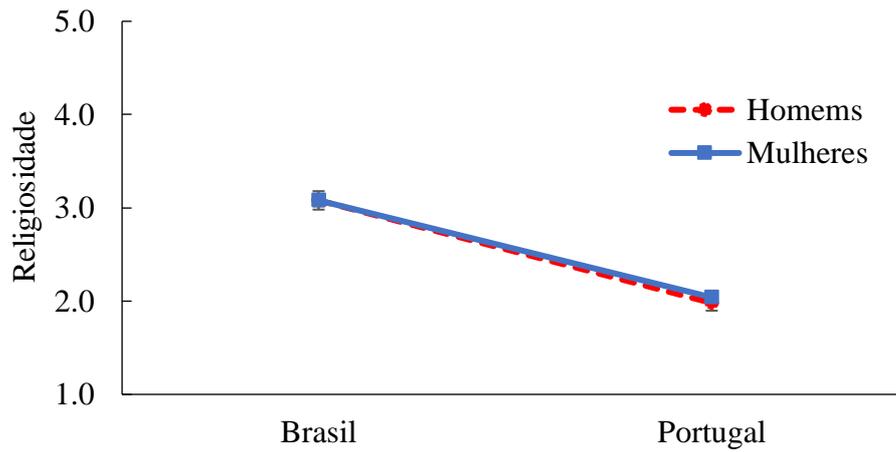
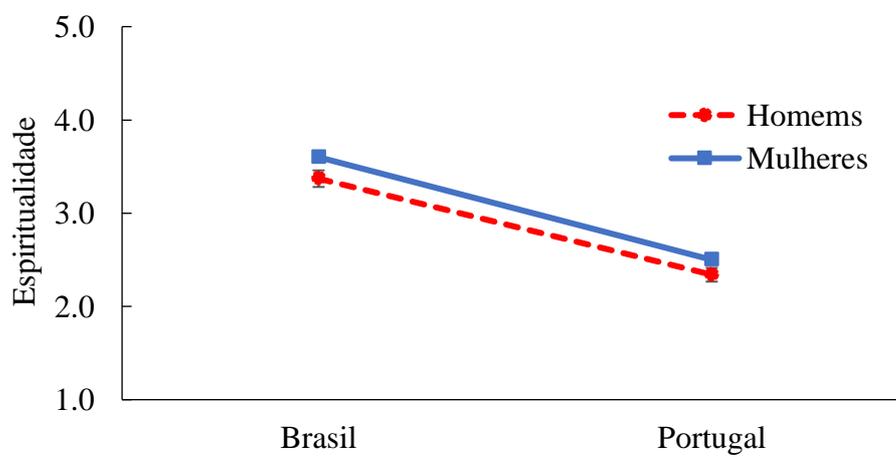


Figura 7

Diferenças de Médias entre Homens e Mulheres Brasileiros e Portugueses em Busca de Sentido

**Figura 8**

Diferenças de Médias entre Homens e Mulheres Brasileiros e Portugueses em Religiosidade

**Figura 9**

Diferenças de Médias entre Homens e Mulheres Brasileiros e Portugueses em Espiritualidade

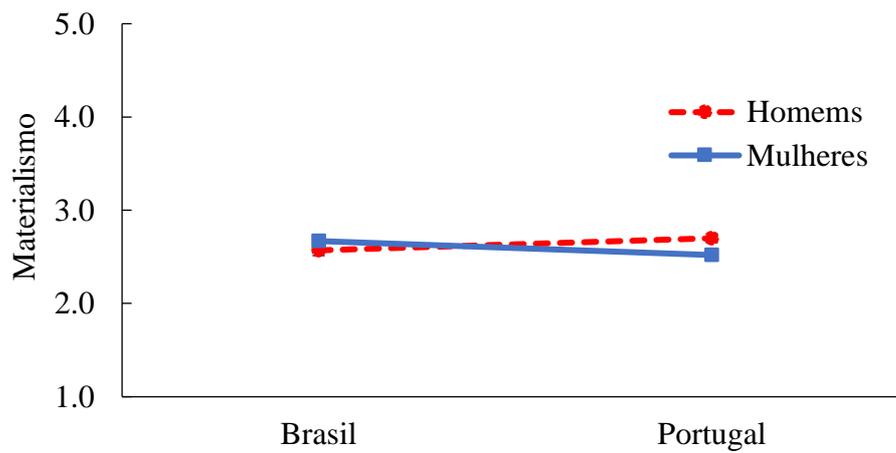


Figura 10

Diferenças de Médias entre Homens e Mulheres Brasileiros e Portugueses em Materialismo

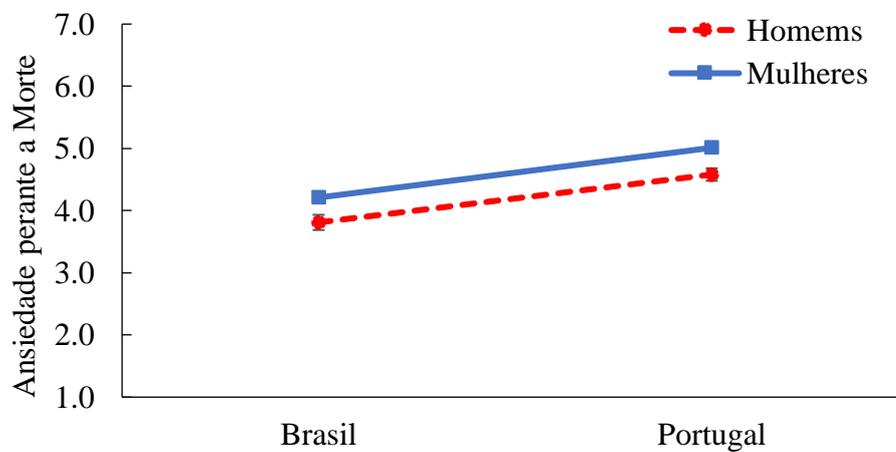


Figura 11

Diferenças de Médias entre Homens e Mulheres Brasileiros e Portugueses em Ansiedade perante a Morte

10.3.1.1 Religiosidade, não Religiosidade e a Presença de Sentido de Vida

Ao observar a religião, 49,5% dos participantes portugueses afirmaram pertencer ao catolicismo romano (Tabela 12). No Brasil, 34,8% responderam ser protestantes, enquanto apenas 17,7% se declararam adeptos do catolicismo romano (Tabela 4). O resultado confirma o que estudos anteriores revelam a respeito do crescimento do protestantismo brasileiro (Alves, 2022; Ballousier, 2020).

Os adultos emergentes não religiosos são identificados nos dados sociodemográficos como sem religião, ateus e agnósticos. Os brasileiros não religiosos correspondem a 31,8% da amostra. Os portugueses que se declararam não religiosos somam 45%, ou seja, quase a metade dos respondentes e uma porcentagem bem superior à dos brasileiros. Estes dados confirmam as pesquisas quanto ao crescente desinteresse dos adultos emergentes em relação a religião (Debeluck & Timm, 2015; Pew Reserch Center, 2018; Sena, 2018).

A pesquisa apontou elevada predição da religiosidade para o sentido de vida dos brasileiros (Tabela 11). Os resultados entre os portugueses também demonstraram uma predição, no entanto, numa intensidade menor (Tabela 16). Desta forma, a religiosidade, possivelmente, explica com mais intensidade a presença de sentido de vida nos adultos emergentes brasileiros. O teste *t* confirma que a religiosidade, a espiritualidade e a presença de sentido de vida dos religiosos brasileiros apresentam índices superiores em relação aos portugueses (Tabelas 10 e 18).

Estes resultados concordam com os estudos quanto à importância da religião para estabelecer a presença de sentido de vida (Allport, 1961; Wong, 2020).

No entanto, segundo Guimarães (2022), a declaração de pertencimento a uma religião pode resultar de uma mera tradição sociocultural e não de uma crença intrínseca. Sendo assim, a confissão de fé, necessariamente, não interfere nos valores que estabelecem o sentido para a vida.

Os dados sugerem uma correlação positiva entre a religiosidade e a presença sentido de vida dos não religiosos brasileiros (Tabela 9). Desta forma, pode-se sugerir que mesmo os sem religião, ateus e agnósticos são influenciados pelos aspectos religiosos no estabelecimento da presença de sentido de vida. Os respondentes não religiosos portugueses, diferentemente dos brasileiros, demonstraram que não há relação entre religiosidade e presença sentido de vida (Tabela 17). Estes dados expõem a possibilidade de uma maior influência do secularismo entre os adultos emergentes não religiosos portugueses (Pew Reserch Center, 2018).

10.3.1.2 Religiosidade, não religiosidade e a busca de sentido de vida

Os dados mostram que, tanto para os adultos emergentes brasileiros como portugueses (Tabelas 11 e 19), o menor envolvimento com a religião explica maior busca pelo sentido da vida. A partir do momento em que os adultos emergentes optam por encontrar sentido na vida desvinculados dos dogmas preestabelecidos pela religião, provavelmente, a busca por outro sentido se intensifica. A crescente secularização pode justificar essa busca em outras dimensões como, por exemplo, a razão, a arte e as bandeiras ideológicas (Andel-Mandersloot, 2002, Cragun et al., 2015).

Para os adultos emergentes não religiosos brasileiros e portugueses, naturalmente, a religiosidade não é uma fonte de busca do sentido da vida (Tabelas

9 e 17). Por outro lado, os respondentes religiosos brasileiros entendem que quanto maior a religiosidade, menor a busca (Tabela 9). A presença de sentido na religiosidade diminui a busca de sentido na vida (Abeyta & Routledge, 2018). Para os portugueses religiosos, não há relação entre a religiosidade e a busca de sentido (Tabela 17). Estes dados podem ser justificados em decorrência da menor propensão religiosa dos participantes portugueses quando comparados aos brasileiros (Pew Reserch Center, 2018).

10.3.1.3 Espiritualidade e a Presença de Sentido de Vida

A espiritualidade não predisse a presença de sentido de vida entre os adultos emergentes do Brasil e de Portugal (Tabelas 11 e 19). A possibilidade é que as variáveis sofreram o efeito da multicolinearidade (Damásio et al., 2016). A espiritualidade de religiosos e não religiosos brasileiros está relacionada positivamente com a presença de sentido (Tabela 9). Diferente da religiosidade institucionalizada, a espiritualidade pode ser individualizada (Cragun et al., 2015). De acordo com Sponville (2007), a espiritualidade não se limita à prática religiosa e é desenvolvida pelos ateus e agnósticos. A relação da espiritualidade com a presença de sentido de não religiosos pode ter como fonte a arte, a música, a poesia e a conexão emocional com outras pessoas (Cragun et al., 2015; Zhang et al., 2020)

Por outro lado, não foi identificada uma relação entre a espiritualidade e a presença sentido de vida dos respondentes religiosos e não religiosos de Portugal. Estes dados sugerem que a secularização dos adultos emergentes portugueses atinge não apenas a relação com a religião institucionalizada, mas também com a espiritualidade (Censos, 2011; Debeluck & Timm, 2015).

10.3.1.4 Espiritualidade e a Busca de Sentido de Vida

Os adultos emergentes brasileiros e portugueses responderam que a espiritualidade explica a busca de sentido na vida (Tabelas 11 e 19). A correlação da espiritualidade com a busca de sentido não ocorreu entre os respondentes brasileiros (Tabela 8). Os participantes portugueses relataram relação positiva entre espiritualidade e busca de sentido de vida (Tabela 16). Tanto os dados do Brasil quanto de Portugal são diferentes dos estudos anteriores. De acordo com Mayer e Fouch (2021), a espiritualidade explica a presença e não a busca de sentido de vida.

Diferente da religiosidade, a espiritualidade tem como característica a individualização e a não institucionalização (Cragun et al., 2015). Os adultos emergentes não religiosos, inseridos no contexto de estresse e tensão na pandemia do COVID-19, podem ter encontrado na espiritualidade uma fonte para a busca do sentido na vida. A busca de sentido nesta fase do processo de desenvolvimento envolve a identificação, a construção e o refinamento do sentido já identificado (Dezutter et al., 2014). De acordo com WanderWeele et al. (2020), o sentido de vida diminuiu significativamente entre os jovens durante a pandemia do COVID-19. Sendo assim, é possível que as inquietações e desconfortos deste período tenham tornado a espiritualidade uma fonte para explicar a busca de sentido dos adultos emergentes não religiosos no Brasil e em Portugal. É importante ressaltar que a vivência de Viktor Frankl no campo de concentração permitiu a reflexão embrionária quanto a busca de sentido em situações adversas. Diante do sofrimento e da morte, o indivíduo precisa encontrar um *para quê* permanecer vivo. O recurso acionado internamente é denominado de poder de resistência do espírito (Frankl, 1989a). Este poder interno está relacionado com o ser humano espiritual e se desenvolve através da espiritualidade.

10.3.1.5 Materialismo e Presença de Sentido de Vida

De acordo com pesquisas recentes, os adultos emergentes tendem a desenvolver o materialismo para adquirir *status* e felicidade (Jiang, 2020; Sena 2018). O estudo identificou, no Brasil e em Portugal, que o materialismo dos adultos emergentes não predisse a presença de sentido de vida (Tabelas 11 e 19). De acordo com Dittmar & Isham (2022), o materialismo pode obstruir a possibilidade de obter a presença de sentido. Quando a aquisição de bens se torna uma prioridade para alcançar satisfação na vida, metas intrínsecas são deslocadas para um plano secundário (Kasser et al., 2007).

10.3.1.6 Materialismo e Busca de Sentido de Vida

Os indivíduos que vivem o vazio existencial podem utilizar as crenças materialistas na busca pelo sentido de vida. Os estudos indicam que o materialismo está relacionado com a busca de sentido (Goodman et al., 2016; Mead & Willians, 2022b). No entanto, o estudo não confirmou a regressão entre as duas variáveis. Também não ocorreu correlação entre o sentido de vida e o materialismo. Os impactos causados pela pandemia do COVID-19, provavelmente, alteraram a relação dos adultos emergentes brasileiros e portugueses quanto ao materialismo e a busca de sentido de vida. Por este motivo, sugere-se a realização de estudos futuros.

10.3.1.7 Ansiedade Perante a Morte e Presença de Sentido

O contexto sociocultural pode elevar o medo e a ansiedade a partir da consciência da finitude (Melo, 2017). A pandemia da do COVID-19 foi a maior

catástrofe humana após a segunda guerra mundial e alterou a saúde psicológica da população mundial (ONU, 2020). O sentimento de depressão e ansiedade foi maior entre os jovens do que nos adultos (Unicef-Gallup, 2021).

De acordo com os estudos realizados anteriormente, a presença de sentido de vida minimiza a ansiedade de morte (Rogers et al., 2019; Vess, 2013, Wong, 2022). A investigação confirmou que menor ansiedade de morte prediz uma maior presença de sentido de vida tanto para os adultos emergentes brasileiros como portugueses (Tabelas 11 e 19). Os relacionamentos, os valores e as virtudes podem contribuir para a estruturação da presença de sentido e, conseqüentemente, minimizar a ansiedade perante a morte (Wong, 2022).

Os religiosos brasileiros possuem menos ansiedade diante da morte que os não religiosos (Tabela 10). Em Portugal, os não religiosos são menos ansiosos perante a morte que os religiosos (Tabela 18). Estes dados sugerem que os adultos brasileiros possuem uma religiosidade intrínseca, ou seja, as crenças sagradas são internalizadas e interferem nos pensamentos e comportamentos (Allport & Ross, 1967).

De acordo com Van Tongeren et al. (2018), as crenças religiosas estabelecem a cosmovisão da vida eterna. Segundo Wong et al. (1994) a dimensão da aceitação de aproximação está relacionada à religiosidade e considera a morte como o início da vida eterna. Desta forma, através de uma religiosidade intrínseca, é possível promover a elevação da autoestima e diminuição da ansiedade diante da morte. A autoestima elevada contribui para o estabelecimento da presença de sentido de vida.

10.3.1.8 Ansiedade Perante a Morte e Busca de Sentido

Os respondentes brasileiros e portugueses relacionaram positivamente a ansiedade de morte com a busca pelo sentido da vida (Tabelas 8 e 16). A ansiedade perante a morte predisse a busca pelo sentido de vida dos adultos emergentes de ambos os países (Tabelas 11 e 19). De acordo com a Teoria da Gestão do Terror, as lembranças de morte podem minimizar a ansiedade quanto à mortalidade. Por outro lado, a hipótese de acessibilidade do pensamento de morte ameaça e enfraquece as estruturas psicológicas protetoras, a saber, cosmovisão cultural e autoestima (Schimel et al., 2019).

A pandemia do COVID-19 inseriu a realidade da morte de maneira abrupta e intensa a uma geração blindada em relação ao tema (Giacioia, 2005). A hipótese de acessibilidade do pensamento de morte pode produzir a ansiedade de morte e obstruir a percepção do sentido da vida (Steger, 2012). A mortandade causada pela pandemia e a convicção da vulnerabilidade humana diante da morte podem justificar o vazio existencial (Mayer, 2022).

A adulez emergente pode ser identificada como uma fase que produz insegurança e ansiedade decorrentes das demandas que antecedem a vida adulta (Arnett, 2014). Isso justifica os adultos emergentes pertencerem à fase em que a saúde psicológica pode ter sido mais afetada durante a pandemia do COVID-19 (Pachak et al., 2020; Unicef-Gallup, 2021).

A alta intensidade e a persistência dos pensamentos de morte podem produzir o vazio existencial (Van Tongeren & Van Tongeren, 2020). De acordo com Czyżowska (2021), os adultos emergentes pertencem à fase da vida em que a busca pelo sentido de vida pode ser maior que a presença. Estes conceitos teóricos

podem, então, justificar a ansiedade de morte como fator que explica a busca pelo sentido de adultos emergentes brasileiros e portugueses durante o período mais difícil dos últimos setenta anos.

11 Análise Qualitativa e Discussão dos Resultados

11.1 Análise e Discussão Qualitativa dos Estudos no Brasil

O corpus geral desse estudo foi constituído por 434 textos separados por 573 segmentos de texto com aproveitamento de 519 St's, representando 90,58%. Emergiram 14027 ocorrências (proposições, palavras, formas ou vocabulários) sendo 1461 palavras distintas e 1349 palavras com uma única ocorrência. O conteúdo analisado foi categorizado em três classes, a classe 1, contendo 275 St's entre os 519 analisados, representando 52,99 %; a classe 2, com 158 St's, ou seja, 30,4% do corpus textual analisado; e a classe 3, com 86 St's dos 519 que foram analisados, o que equivale a 16,57%. As três classes se encontram divididas em uma ramificação do corpus total, sendo as classes 1 e 2 mais próximas e a 3ª classe um pouco mais distante.

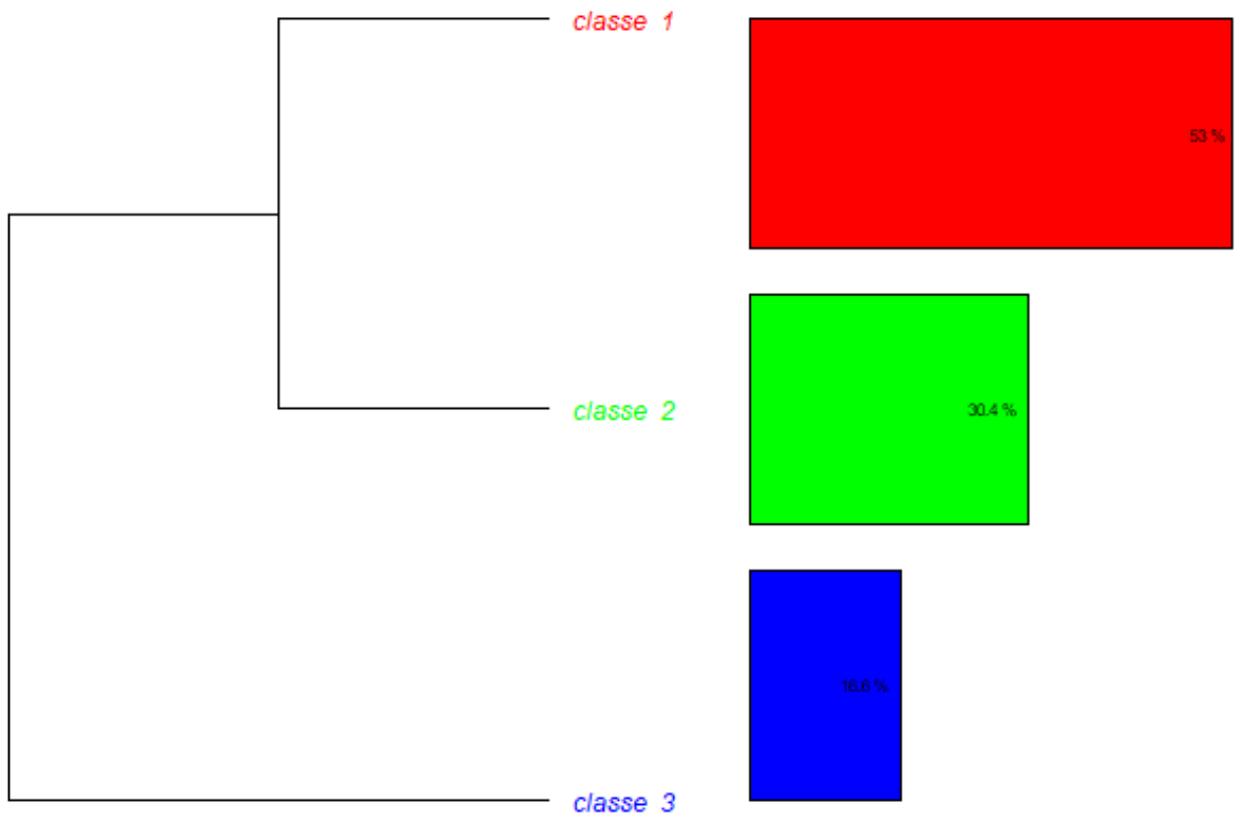


Figura 12

Dendrograma das Classes do Brasil



Figura 13

Dendrograma com Palavras Separadas em Classes do Brasil

A análise apresenta a Nuvem de Palavras demonstrando palavras estruturadas, com tamanhos diferentes, sendo as maiores aquelas que detêm alguma relevância no corpus textual, a partir do indicador de frequência. A Nuvem abaixo representa as palavras provenientes dos discursos dos participantes, de acordo com as evocações mais representativas, tais como: “Sentido”, “Futuro”, “Glorificar”, “Sonho”, “Felicidade”, “Busca”, “Experiência”, “Trabalhar”, “Relação”, “Sentido da vida”, dentre outras.

Corpus do texto 519St – Aproveitamento de 90,58%					
Classe 1 - Ponto de Partida 52,99% - 275St		Classe 2 - Ponto de Partida 30,44% - 275St		Classe 3 - Ponto de Partida 16,57% - 86St	
Palavras	χ^2	Palavras	χ^2	Palavras	χ^2
Não	105,70	Ajudar	36,30	Deus	223,99
Sentido	73,30	Felicidade	35,58	Glorificar	143,4
Pensar	26,59	Família	34,64	Jesus	54,90
Acreditar	23,20	Amor	26,37	Cristão	29,67
Vida	22,33	Compartilhar	21,74	Senhor	24,54
Existir	19,51	Saúde	17,08	Céu	20,30
Propósito	13,95	Oportunidade	13,87	Eternidade	20,30
Existência	13,71	Amigo	13,42	Glória	20,07
Significado	9,05	Liberdade	10,24	Coração	15,19
Missão	7,21	Sonho	9,74	Criador	12,40
Pandemia	4,48	Carreira	6,86	Convicção	5,48
Presença de Sentido de vida- $\chi^2=14,91$ Religiosidade- $\chi^2=42,28$ Espiritualidade- $\chi^2=31,33$		Busca de sentido de vida- $\chi^2=4,32$ Materialismo- $\chi^2=4,73$ Religião Católica- $\chi^2=17,28$		Presença de sentido de vida- $\chi^2=46,12$ Busca de sentido de vida- $\chi^2=10,06$ Religiosidade- $\chi^2=97,29$ Espiritualidade- $\chi^2=84,75$ Ansiedade perante a morte- $\chi^2=16,92$ Religião Protestante- $\chi^2= 105,99$	

Figura 15

Classificação Hierárquica Descendente (CHD) de cada uma das Classes do Brasil

Classe 1 – Temática: **Identificação ou refinamento do conceito de sentido de vida**

A Classe 1 representa a maior classe do estudo, com 257 St's, representando 52,99% do corpus textual e é composta por palavras como: “não” ($\chi^2= 105,7$); “sentido” ($\chi^2=73,33$); “pensar” ($\chi^2=26,59$); “acreditar” ($\chi^2=23,2$); “vida” ($\chi^2=22,33$); “muito” ($\chi^2=21,77$), “existir” ($\chi^2=19,51$), “achar” ($\chi^2=16,91$), “propósito” ($\chi^2=13,95$), “pandemia” ($\chi^2=4,48$). Os relatos dessa classe estão associados a indivíduos com valores abaixo da mediana nas variáveis presença de sentido de vida ($\chi^2=14,91$), religiosidade ($\chi^2=42,28$) e espiritualidade ($\chi^2=31,33$). Além disso, se relaciona com indivíduos que são agnósticos e sem religião.

Classe 1	Relato dos participantes
<p>Identificação ou refinamento do conceito de sentido de vida</p>	<p>Ind.38: “acredito que não nascemos com sentido acho que o sentido_da_vida é a gente quem dá, nós escolhemos o sentido de nossas vidas, penso que as vezes pode ser predeterminado mas cada um pode encontrar e mudar o sentido”</p> <p>Ind.167: “por muito tempo atribui o sentido_da_vida a algo religioso, espiritual, também já achei que a vida não tem nenhum sentido ou propósito hoje, acredito que o sentido_da_vida é buscar alegria e bem_estar, aproveitar cada minuto da experiência na terra, afinal ninguém sabe o que vem depois”</p> <p>Ind.004: “sendo bem sincera mesmo não vejo muito sentido de cara não talvez seja um ciclo completo e temos uma missão a cumprir aqui ou talvez seja apenas um acaso de qualquer forma acredito que estamos sempre em busca de algo que possa dar significado para o caos que vivemos”</p> <p>Ind.239: “correr atrás de um sentido para existir é mais desgastante do que simplesmente viver sem sentido algum querer dar um propósito razão e importância à própria existência não é apenas reflexo do egocentrismo humano como também da insegurança que nos acomete”</p> <p>Ind.257: “minha primeira reação foi parar e pensar não faço ideia depois veio algo como ser feliz fazer quem eu amo feliz mas depois também já pensei que a vida não precisa bem ter um sentido ela só precisa ser aproveitada vivendo da melhor forma e do jeito que a pessoa quiser”</p> <p>Ind.242: “acho que a vida em si não tem muito sentido cada um de nós é responsável por tentar dar sentido à própria existência da forma que for mais conveniente ou agradável”</p>

A associação dos relatos sugere que os respondentes com menor presença de sentido de vida, menor religiosidade e menor espiritualidade, a saber, agnósticos e sem religião demonstram que estão em busca do sentido da vida. Por vezes, as respostas revelam uma tendência ao que Frankl denomina de "vazio" existencial. Por outro lado, de acordo com Dezutter et al. (2014), a busca de sentido na adultez emergente pode estar relacionada com a identificação, a elaboração e o refinamento do sentido.

Ao apontar que a maior busca de sentido está vinculada ao grupo de agnósticos e sem religião, a análise confirma os estudos anteriores que relacionam a religiosidade e a espiritualidade como importantes fontes de presença de sentido de vida e, conseqüentemente, menor busca (Allport, 1961; Vale-Dias e Veras, 2020). Jung (1969) definiu a religião como fonte de equilíbrio, harmonia e plenitude. Segundo Erikson (1950), a religião oferece uma base de sabedoria e maturidade.

Classe 2 – Temática: **Significância e propósito de vida**

A Classe 2 apresenta 158 St's, indicando 30,4% do corpus textual analisado. Algumas palavras dessa classe são: “ajudar” ($\chi^2=36,3$), “felicidade” ($\chi^2=35,58$), “família” ($\chi^2=34,64$), “amor” ($\chi^2=26,37$), “compartilhar” ($\chi^2=21,74$), “saúde” ($\chi^2=17,08$), “oportunidade” ($\chi^2=13,87$), “amigo” ($\chi^2=13,42$), “liberdade” ($\chi^2=10,24$), “carreira” ($\chi^2=5,86$). Estas possuem associação com indivíduos que apresentaram valores acima da mediana em termos de busca de sentido de vida ($\chi^2=4,32$), materialismo ($\chi^2=4,73$), nos relatos de sujeitos católicos ($\chi^2=17,28$).

Classe 2	Relato dos participantes
Significância e propósito de vida	<p>Ind. 31: “o sentido_da_vida para mim é você conseguir ser feliz ser realizado ser rodeado de pessoas que te amam e ajudar quem puder”</p> <p>Ind.318: “ser transformada e aprender a servir melhor o meu deus a cada dia aprender a servir e a amar o meu próximo desenvolver minha coragem para levar a mensagem do evangelho até as pessoas que não a conhecem e também desfrutar da companhia da minha família e dos meus amigos”</p> <p>Ind.136: “acho que o sentido_da_vida é buscar passar pelos ciclos dela e se relacionar cada indivíduo nasce e tem uma história nessas histórias</p>

	<p>temos famílias amigos amores a vida é passar um período e buscar com essas pessoas que amamos”</p> <p>Ind. 278: “amar e ajudar as pessoas a minha volta usando os dons que tenho e as bênçãos que recebo e os aprendizados que recolho pelo caminho tendo fé e esperança que nossas almas são eternas e que tudo isso aqui é passageiro e que vamos para um lugar melhor e vai valer a pena”</p> <p>Ind.33: “penso em ser feliz e compartilhar com os outros minha felicidade em fazer algo que amo e tirar proveito financeiro disso”</p>
--	---

Diferente dos respondentes da Classe 1, os adultos emergentes da Classe 2 sugerem uma busca coerente, propositiva e significativa. O resultado corrobora com os estudos anteriores de Czyżowska (2021), a saber, que esta fase pode enfatizar a identificação, a construção e o refinamento do sentido de vida (Dezzuter, 2014).

A ênfase nos relacionamentos familiares e sociais como no processo de busca pelo sentido de vida sugere a ênfase nos valores intrínsecos. De acordo com Abeyta et al. (2016), as metas intrínsecas se relacionam com atitudes internas que compreendem os laços sociais e o auxílio à comunidade como fontes para satisfazer necessidades psicológicas. Os objetivos intrínsecos estão associados ao funcionamento psicológico positivo. O deslocamento do prazer individual para o investimento em relacionamentos afetivos pode produzir a busca por um sentido de vida mais pleno (Aquino, 2019; Marshall & Marshall, 2017).

O materialismo é considerado um objetivo extrínseco que pode produzir resultados psicológicos negativos (Mead e Willians, 2022a; Kotera et al., 2022). A identificação dos respondentes católicos romanos como materialistas não pode ser confirmada a partir da teoria exposta nos estudos e, por isso, demanda maior investigação.

Classe 3 – Temática: **Religiosidade**

A Classe 3 é a menor do corpus textual analisado, com 86 St's, representando 16,57%. As palavras dessa classe são: “deus” ($\chi^2=223,99$), “glorificar” ($\chi^2=143,4$), “jesus” ($\chi^2= 54,9$), “cristão” ($\chi^2= 29,67$), “senhor” ($\chi^2=24,54$), “céu” ($\chi^2= 20,3$), “eternidade” ($\chi^2=20,3$), “glória” ($\chi^2= 20,07$), “convicção” ($\chi^2=5,48$). O corpus textual está associado com a sujeitos que possuem presença de sentido ($\chi^2=46,12$), religiosidade ($\chi^2=97,29$) e espiritualidade ($\chi^2=84,75$), acima da mediana, entre aqueles que são protestantes ($\chi^2=105,99$). As associações com as variáveis, busca de sentido de vida ($\chi^2=10,06$), materialismo ($\chi^2=4,78$) e ansiedade perante a morte ($\chi^2=16,92$), foram abaixo da mediana.

Classe 3	Relato dos participantes
Religiosidade	<p>Ind.395: “glorificar a deus na pessoa de jesus cristo vivendo de forma agradável a ele em ações pensamentos e comportamentos”</p> <p>Ind.101: “o sentido da vida para mim é glorificar o nome de deus para isso sonho em constituir uma família que honre o nome dele ajudar as pessoas que precisam e me tornar cada dia mais parecida com jesus cristo”</p> <p>Ind.389: “apesar de ter uma teoria cristã do sentido_da_vida, na prática tenho dificuldade em sentir que o sentido é esse mesmo glorificar a deus e gozar dele eternamente”</p> <p>Ind.102: “como cristão mantenho que o sentido_da_vida é glorificar a deus e me alegrar em sua soberana e perfeita vontade”</p> <p>Ind.302: “como cristã sei que o verdadeiro sentido da minha vida é glorificar a deus, ser fiel, amar, perseverar, enfim, mas como ser humano, pecador, algumas vezes surge em minha mente alguns pontos de o porque passo por alguma dificuldade”</p>

A Classe 3 demonstrou que os respondentes protestantes do sexo masculino estão associados com maior religiosidade, maior espiritualidade, maior presença de sentido, menor ansiedade face a morte, menor busca de sentido e menor materialismo. De acordo com a fundamentação teórica, a presença de sentido está positivamente relacionada com religiosidade e espiritualidade (Allport, 1961; Braam & Koenig, 2019; Wong, 2020). Por outro lado, a presença de sentido se relaciona negativamente com busca de sentido (Aquino, 2015; Damásio & Koller, 2013), materialismo (Abeyta et al., 2019; Mead & Willians, 2022b) e ansiedade perante a morte (Mayer, 2022; Wong et. al. 1994).

De acordo com a Classe 3, então, os adultos emergentes brasileiros, protestantes e do sexo masculino revelaram uma maior presença de sentido. É importante ressaltar que as demais variáveis explicam a presença de sentido de vida, conforme os estudos anteriores. A pesquisa não possui base teórica para essa conclusão, por isso, sugere estudos futuros.

11.2 Análise e Discussão Qualitativa dos Estudos em Portugal

Análise dos dados

A análise do material textual foi realizada utilizando o software IraMuteq. O corpus geral foi constituído por 542 textos separados por 615 segmentos de texto com aproveitamento de 491 St's, representando 79,84%. Emergiram 10882 ocorrências (proposições, palavras, formas ou vocabulários) sendo 1120 palavras distintas e 1014 palavras com uma única ocorrência. O conteúdo analisado foi categorizado em quatro classes, a classe 1, contendo 117 segmentos de texto entre os 491 analisados; a 2, com 151 St's entre os 491 analisados; a 3, com 72 segmentos de textos; e, por último, a classe 4 com 151 St's dos 491 analisados. Todas elas se

encontram divididas em duas ramificações do corpus total em análise, sendo as classes 1 e 2 mais próximas, classe 3 relativamente próxima as classes 1 e 2 e a classe 4 mais distante das demais. O total do corpus analisado (542St`s) representa o número de participantes do estudo. Torna-se relevante apontar que a pergunta aberta que trata sobre o sentido de vida, no contexto português, não foi obrigatória, o que pode ter levado 73 participantes a não responderem essa questão, além de outros 9 que foram retirados por não terem a idade compreendida no estudo proposto.

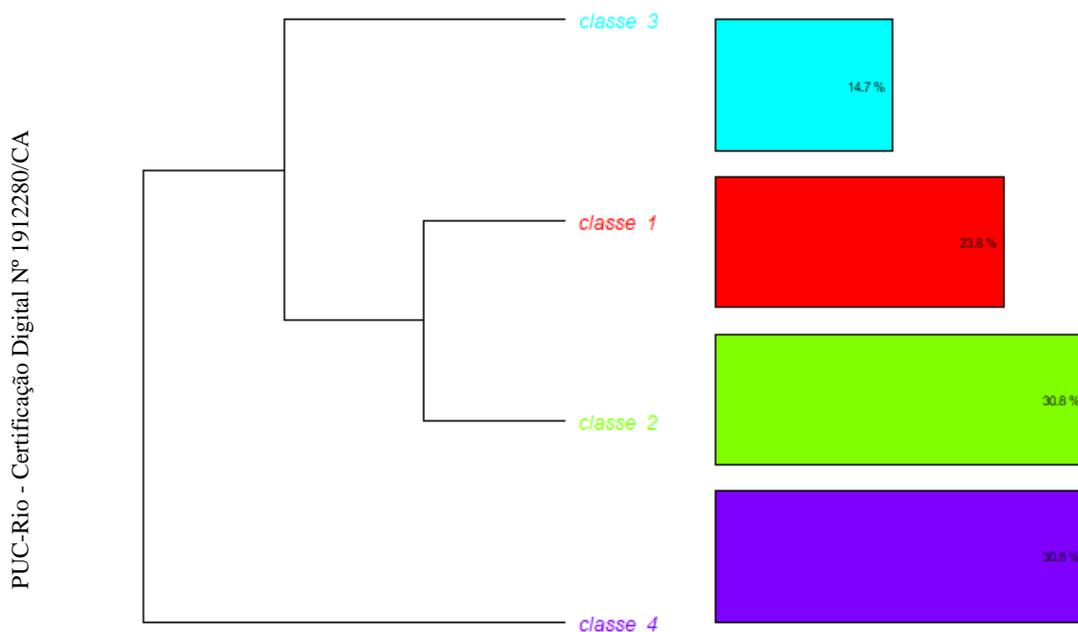


Figura 16

Dendrograma das Classes de Portugal

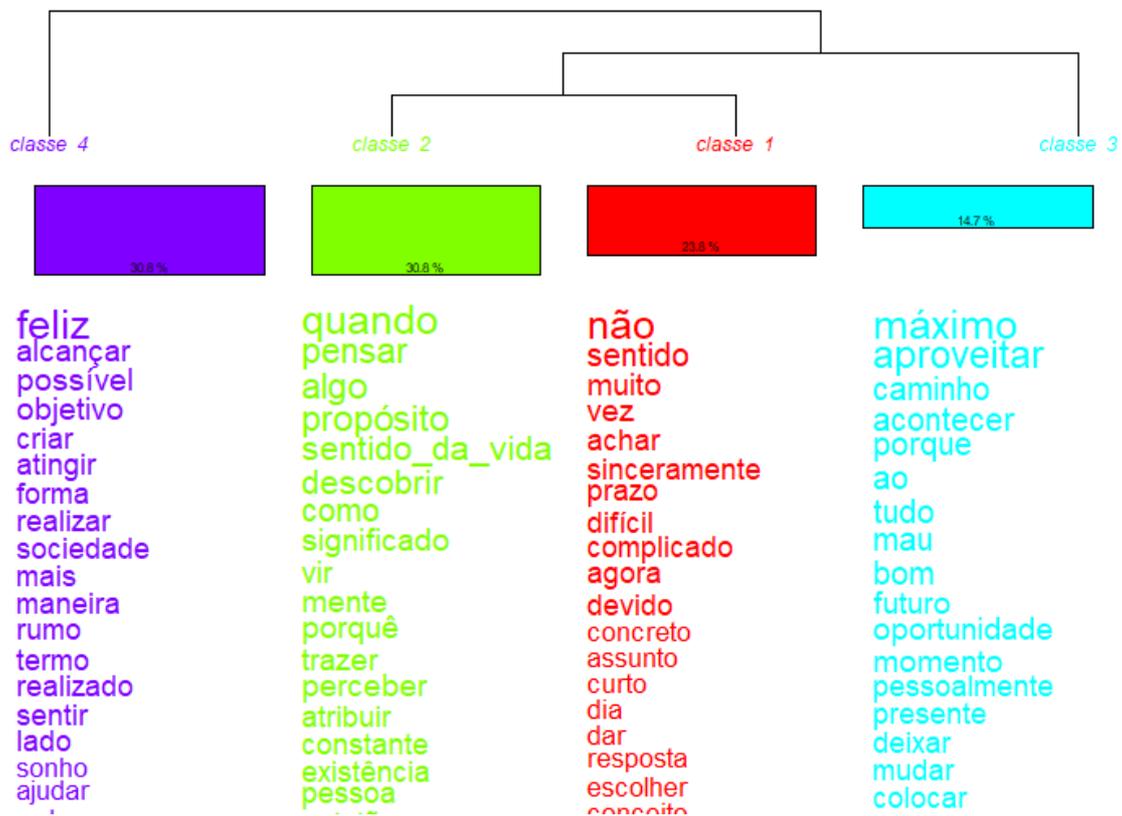


Figura 17

Dendrograma com Palavras Separadas em Classes de Portugal

A análise apresenta a Nuvem de Palavras demonstrando palavras estruturadas, com tamanhos diferentes, apresentando como maiores aquelas que detém alguma relevância no corpus textual, a partir do indicador de frequência. A nuvem abaixo representa as palavras provenientes dos relatos dos participantes, de acordo com as evocações mais representativas, tais como: “Sentido”, “Vida”, “Feliz”, “Não”, “Felicidade”, “Objetivo”, “Querer”, “Algo”, “Propósito”, “Pessoa”, “Viver”, “Pensar”, “Aproveitar”, “Sentir”, “Família”, “Conseguir”, “Alcançar”, “Amigo”, dentre outras.

classes. A seguir serão descritas, operacionalizadas e exemplificadas cada uma dessas classes de acordo com a Classificação Hierárquica Descendente (CHD).

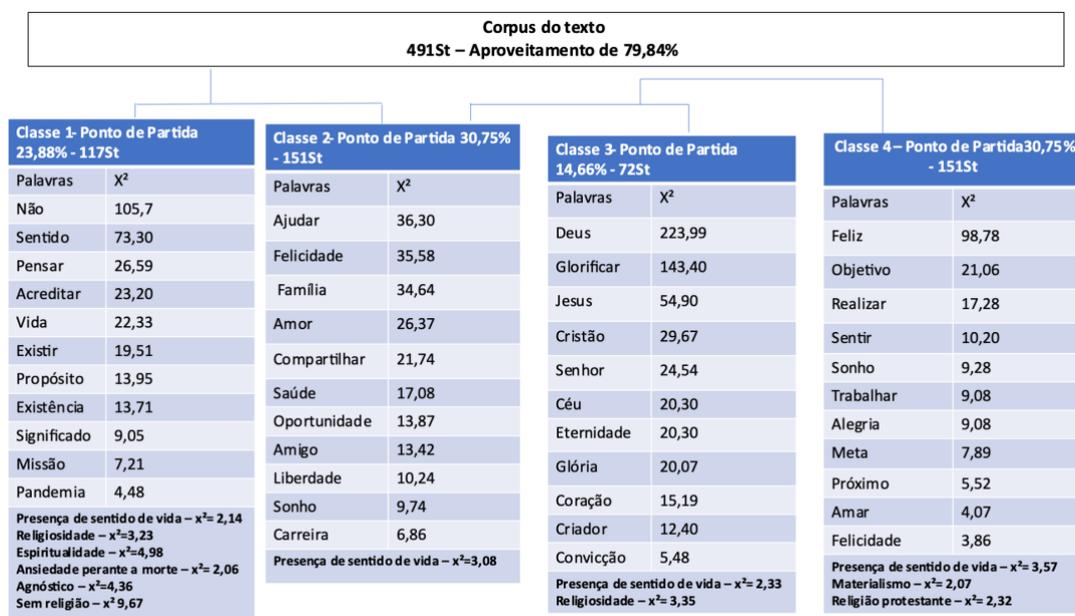


Figura 19

Classificação Hierárquica Descendente (CHD) de cada uma das Classes de Portugal

Classe 1 – Temática da classe: **Identificação de vazio existencial**

A Classe 1 corresponde a 117 St's, o que equivale a 23,83% do corpus analisado. A classe é composta por palavras como: “não” ($\chi^2= 127,28$), “sentido” ($\chi^2= 53,58$), “difícil” ($\chi^2= 16,15$), “complicado” ($\chi^2=16,15$), “agora” ($\chi^2=14,98$), “concreto” ($\chi^2=11,85$), “resposta” ($\chi^2=9,82$), “conceito” ($\chi^2=9,65$), “destino” ($\chi^2= 8,78$), “sentido de vida” ($\chi^2= 4,34$). A classe 1 se relaciona com indivíduos que apresentaram presença de sentido de vida ($\chi^2= 2,14$), religiosidade ($\chi^2= 3,23$), espiritualidade ($\chi^2= 4,98$) e ansiedade perante a morte ($\chi^2=2,06$) com valores

menores que a mediana, em indivíduos sem religião ($\chi^2= 9,67$) e agnósticos ($\chi^2= 4,36$).

Classe 1	Relato dos participantes
Identificação de vazio existencial	<p>Ind. 358: “tento normalmente não pensar muito nessa questão devido a futilidade inerente a dar sentido a algo que já dizia Camus, absurdo e talvez seja esse o sentido.”</p> <p>Ind. 35: “ultimamente sou capaz de dizer inúmeras vezes que a vida não tem sentido reformulo agora a minha frase para dizer que a vida tem o seu sentido eu não o percebo não é palpável e pior ainda é extremamente volátil”.</p> <p>Ind. 457: “acho que a vida não tem um sentido propriamente dito é apenas um conjunto de coincidências e acontecimentos ao acaso que por vezes conseguimos influenciar, sinto que quero fazer o melhor possível em todos os aspectos da minha vivência”.</p> <p>Ind. 598: “a vida não tem sentido é um leque de opções em branco isso é o que a torna preciosa”.</p> <p>Ind. 308: “não acho que faça sentido devíamos estar divertindo, no entanto, estamos fechados em casa a estudar quase nem podemos conhecer colegas novos na faculdade”.</p>

Os participantes sem religião e agnósticos identificaram que a vida não precisa ter um sentido específico. As respostas estão em consonância com a filosofia existencialista de Camus, (1942), a saber, o sentido da vida é o viver em si. A felicidade pode ser experimentada independente da vida ter um sentido (Camus 1942b). No entanto, de acordo com Fizzotti (1998), a ausência de sentido na vida pode produzir depressão, tédio e apatia.

Na logoterapia, a “vontade de sentido” motiva o ser humano a suprir o desejo interno de descobrir o sentido da vida. A dificuldade de encontrar o sentido para a vida tornou-se uma neurose coletiva (Frankl, 1977, 2006). A pandemia do Covid 19 pode ter potencializado a percepção do vazio existencial e produzido duas consequências nos adultos emergentes: fomentado problemas psicológicos ou despertado o desejo de encontrar sentido a partir das situações adversas (Edwards & Van Tongeren, 2019; Frankl, 2004).

Classe 2 – Temática da classe: **Metas extrínsecas - entretenimento**

A Classe 2 é composta por 151 St’s, ou seja, 30,75% do corpus total analisado. A classe se caracteriza por palavras, tais como: “propósito” ($\chi^2=33,51$), “sentido da vida” ($\chi^2=27,09$), “descobrir” ($\chi^2=25,01$), “mente” ($\chi^2=16,83$), “existência” ($\chi^2=11,31$), “morte” ($\chi^2=9,08$), “vida” ($\chi^2=7,89$), “experiência” ($\chi^2=7,48$), “bem-estar” ($\chi^2=4,39$). Os relatos se referem a indivíduos com presença de sentido de vida ($x^2= 3,08$) abaixo do valor da mediana.

Classe 2	Relato dos participantes
Metas extrínsecas - entretenimento	<p>Ind.175: “para mim o sentido da vida é ser feliz e tratar de aproveitar e disfrutar os momentos ao máximo, também é compreender que existem momentos maus e que não devemos evitar senão aprender dos ditos momentos”.</p> <p>Ind.535: “a vida é o que temos mais certo e incerto na vida e por isso o mais valioso e devemos aproveitar ao máximo é o mais incerto porque nunca sabemos quando esta acaba ou muda por completa”.</p> <p>Ind. 369: “me divertir e aproveitar ao máximo fazendo tudo o que achar</p>

	<p>que me deixará mais feliz por não saber o que vem a seguir".</p> <p>Ind. 09: "o sentido da vida é viver, aproveitar ao máximo cada momento".</p> <p>Ind. 101: "acho que o sentido da vida é sermos felizes aproveitarmos cada oportunidade que temos".</p> <p>Ind.602: "aproveitar a vida sem nos preocupar com coisas sem interesse e que nos roubam a vida pois a vida é muito curta e tem que ser vivida ao máximo".</p>
--	--

De acordo com os respondentes portugueses, o sentido da vida consiste em aproveitar os prazeres no presente. A relação do sentido da vida com o máximo de proveito e prazer remonta ao século IV a.C. A filosofia epicurista define o prazer como a fonte superior da felicidade e o acesso a uma vida com sentido. A efetivação deste processo depende do rompimento do medo da morte e dos castigos divinos (Santos, 2019).

Classe 3 – Temática da classe: **Felicidade/bem-estar intra e interpessoal**

A Classe possui 72 St's, correspondendo a 14,66% e é a menor classe analisada. A classe compreende as seguintes palavras: "aproveitar" ($\chi^2=73,86$), "caminho" ($\chi^2=35,24$), "futuro" ($\chi^2=25,41$), "oportunidade" ($\chi^2=19,81$), "momento" ($\chi^2=18,12$), "presente" ($\chi^2=17,23$), "livre" ($\chi^2=6,52$), "divertir" ($\chi^2=6,52$), "vivência" ($\chi^2=4,51$).

Os relatos dessa classe estão associados a indivíduos que apresentaram presença de sentido de vida ($x^2=2,33$) e religiosidade ($x^2=3,35$) em valores maiores que a mediana.

Classe 3	Relatos dos participantes
----------	---------------------------

<p>Felicidade/bem-estar intra/interpessoal</p>	<p>Ind.217: “o sentido da vida é viver da forma mais calma e feliz possível tendo em conta os valores de cada um para que possamos aproveitar as pequenas coisas e vivermos em sociedade da melhor forma possível”.</p> <p>Ind.495: “a primeira coisa que me vem a cabeça quando penso no sentido da vida é ser feliz e ajudar os outros a ser os mais felizes que podem ser para isso serve a evolução da ciência e da sociedade para que a vida das pessoas tenha melhor qualidade possível”.</p> <p>Ind. 328: “penso no quão fugaz é a vida, no quanto a quero aproveitar da melhor forma possível sendo a melhor pessoa possível para todos quanto melhores forem as relações que mantenho com as pessoas, mais feliz serei e é esse o sentido da minha vida”.</p> <p>Ind. 444: “o sentido da vida é ser feliz é viver uma vida plena de bem com o mundo, ajudar quem nos ajuda, ajudar o ambiente e a sociedade, é aproveitar cada dia com quem mais amamos, é tornar a vida de cada indivíduo com um pouco mais de brilho”.</p> <p>Ind. 390: “ser feliz e fazer os outros a minha volta felizes”.</p> <p>Ind. 244: “ser feliz e fazer as pessoas a minha volta felizes.”</p>
---	---

Os indivíduos com maior religiosidade revelam que o sentido de vida envolve a felicidade e o bem-estar adquiridos através da saúde psicológica individual e das relações sociais. Este é o fundamento da *Logoterapia* a partir da filosofia buberiana (Frankl, 2014). O indivíduo restaura a dimensão espiritual que possibilita a relação transcendente do EU-TU. A partir deste processo, surge o exercício da vocação para servir o outro numa relação de espírito e espírito (Wong, 2021).

Classe 4 – Temática da classe: **Propósito, coerência e significância**

A última classe possui 151 St's dentre os 491 segmentos analisados, representando 30,75%. As palavras que correspondem a essa classe são: “feliz” ($\chi^2=98,78$), “objetivo” ($\chi^2=21,06$), “realizar” ($\chi^2=17,28$), “sociedade” ($\chi^2=15,2$), “sentir” ($\chi^2=10,2$), “sonho” ($\chi^2=9,28$), “trabalhar” ($\chi^2=9,08$), “meta” ($\chi^2=7,89$), “próximo” ($\chi^2=5,52$), “amar” ($\chi^2=4,07$). É a classe mais distante das demais e está associada a presença de sentido de vida ($\chi^2=3,57$), materialismo ($\chi^2=2,07$), em indivíduos de religião protestante ($\chi^2=2,32$).

Classe 4	Relatos dos participantes
Propósito, coerência e significância	<p>Ind. 12: “o propósito de viver é sermos felizes e atingir nossos objetivos sejam eles quais for. Cada pessoa dá o sentido que entende dar a sua vida, mas o meu em específico é fazer quem me rodeia sorrir o mais possível e dar alegria aos que amo”.</p> <p>Ind.165: Alcançar os objetivos de vida de forma mais feliz possível e com consciência plena”.</p> <p>Ind.216: “conseguir atingir os meus objetivos de uma forma feliz e acompanhada pelos que mais gosto”.</p> <p>Ind.217: “o sentido_da_vida é viver de forma mais calma e feliz possível tendo em conta os valores de cada um para que possamos aproveitar as pequenas coisas e vivermos em sociedade da melhor forma possível”.</p> <p>Ind. 495: “a primeira coisa que me vem a cabeça quando penso no sentido_da_vida é ser feliz e ajudar os outros a ser mais felizes que podem ser. Para isso serve a evolução da ciência e da sociedade para que a vida das pessoas tenha a melhor qualidade possível”.</p>

Os participantes com maior presença de sentido demonstraram propósito, coerência e significância. É possível identificar o “sentimento de sentido” quanto a si mesmo, ao mundo e ao próprio ajuste dentro do mundo (Steger, 2012; Wong, 1988). Os respondentes também revelaram um senso de objetivos gerais que norteiam a vida (Frankl, 1946/2004). Por fim, as respostas expõem o senso de importância na avaliação da existência que demonstra o quanto a vida precisa ser vivida com qualidade, sucesso e responsabilidade (Steger et al., 2013).

11.3 Discussão dos resultados entre Brasil e Portugal

Os estudos no Brasil e em Portugal identificaram que os participantes agnósticos e sem religião possuem menor presença de sentido de vida e, por isso, podem demonstrar um vazio existencial ou uma tentativa de justificar a ausência de sentido. Este processo pode ter se intensificado durante o estresse ocasionado pela pandemia do COVID-19. Os desgastes psicológicos, provavelmente, diminuíram a autoestima e produziram angústias que afetaram negativamente a percepção quanto ao sentido da vida (Pashal et al., 2020).

Tanto parte dos adultos emergentes brasileiros como portugueses responderam acerca do sentido da vida numa perspectiva de coerência, propósito e significância. Estes elementos dizem respeito aos indivíduos que, mesmo diante da pandemia, estavam focados na manutenção de um objetivo intrínseco e consistente.

Os respondentes brasileiros e portugueses sem religião e agnósticos possuem menor presença de sentido e, conseqüentemente, estão num processo de busca. A ausência de sentido pode potencializar os problemas psicológicos diante de catástrofes como a pandemia do Covid 19 (Edwards & Van Tongeren, 2019;

Wong, 2022). Por isso, a importância da “vontade de sentido” para motivar o indivíduo mesmo diante de situações adversas (Frankl, 1977/2006).

Os resultados acentuam que as relações interacionais são importantes para a busca e a presença de sentido de parte dos adultos emergentes brasileiros e portugueses. A presença de sentido é identificada a partir da relação EU-TU (Buber, 2001). A autotranscendência envolve o desprendimento de si mesmo a partir da dimensão espiritual com a finalidade de dedicar-se a uma causa externa ou a amar outra pessoa (Frankl, 2020). Através deste processo interacional, o indivíduo encontra sentido, virtude e felicidade (Wong, 2022).

Por último, a Classe 3 dos respondentes masculinos brasileiros destacou todas as variáveis da pesquisa. Os adultos emergentes com maior presença de sentido possuem maior religiosidade e espiritualidade, menor busca, menor materialismo e menor ansiedade diante da morte. Estes dados não correspondem às classes que dizem respeito a Portugal. Os indivíduos com elevada presença de sentido revelaram que o bem-estar depende da saúde psicológica e da busca por uma sociedade melhor.

12 Considerações finais

A pesquisa demonstrou relevância ao oferecer suporte empírico aos estudos anteriores que tratam das variáveis preditoras de presença e busca do sentido de vida. A religiosidade se destacou como preditora da presença do sentido de vida de brasileiros e portugueses e corroborou com os conceitos teóricos de Allport, (1961); Frankl, (2004) e Wong, (2020). Em concordância com a pesquisa do *Pew Research Center* (2018), O estudo confirmou que os adultos emergentes brasileiros são mais influenciados pela religião que os portugueses. A investigação também identificou que os brasileiros possuem menos ansiedade perante a morte que os portugueses. A menor ansiedade de morte dos brasileiros aumenta a presença de sentido e está, possivelmente, vinculada à uma religiosidade intrínseca.

A religiosidade explica a presença de sentido de vida dos adultos emergentes brasileiros e portugueses, conforme proposto na H1. O teste t confirmou que a religiosidade dos brasileiros era mais alta que dos portugueses. A regressão também demonstrou que a intensidade da religiosidade brasileira sobrepõe a portuguesa. Os adultos emergentes religiosos no Brasil correspondem a 58,7%. O crescimento dos protestantes tem sido observado por estudiosos e institutos de pesquisa (Alves, 2018; Balloussier, 2020).

A explicação para esses resultados pode se dar devido os brasileiros protestantes corresponderem a 34% e os católicos, 17,7% (Tabela 4). Este dado pode estar enviesado, pois a pesquisa foi amplamente divulgada em grupos evangélicos. No entanto, é admissível sugerir que os respondentes protestantes brasileiros possuem uma religiosidade mais intrínseca e que, conseqüentemente, isso explica o nível mais elevado da presença de sentido. A religião e a

espiritualidade são identificadas como importantes fontes para acessar a saúde psicológica (Braam & Koenig, 2019, Park, 2005; Wong, 2022).

A presença de sentido não está limitada aos indivíduos religiosos (Cragun et al., 2015). A relação positiva entre não-religiosos e presença de sentido de vida foi identificada entre os respondentes brasileiros. Este resultado confirma a teoria de que a presença de sentido de não religiosos pode ter como fonte a arte, a música, a poesia e a conexão emocional com outras pessoas (Zhang et al., 2020).

Como sugerido por Frankl (2006), a busca de sentido pode ter origem no vazio existencial. Nesse sentido, a presente pesquisa identificou que a presença de sentido foi um preditor negativo de busca de sentido. Esses resultados trazem evidências em direção à não necessidade de busca de sentido uma vez que os indivíduos já possuem presença dele. Além disso, evidências recentes trazem uma outra linha de argumentação enfatizando que metas extrínsecas podem, paralelamente, gerar falta de sentido (Wong, 2022). Se os religiosos já possuem a presença de sentido, isso justifica o desinteresse na busca pelo sentido de suas vidas. A presença de sentido está negativamente associada a busca de sentido (Aquino, 2015). A religiosidade de brasileiros e portugueses predissera negativamente a busca de sentido e confirmou a H2. A busca de sentido pode ter origem no vazio existencial (Frankl, 2006). As ênfases em metas extrínsecas também pode ser a causa da falta de sentido (Wong, 2022).

Ao contrário dos estudos anteriores, a espiritualidade de brasileiros e portugueses não explicou a presença do sentido de vida (Cragun, 2015; Fouch

2021). O efeito da multicolinearidade pode justificar a não confirmação da hipótese.¹ No entanto, o resultado não confirmou a H3 e sugere estudos futuros.

Ao identificar que a espiritualidade dos respondentes brasileiros e portugueses explica a busca de sentido, o resultado se apresenta contrariamente à H4. A influência da secularização e das metas extrínsecas sobre os indivíduos que afirmam ter espiritualidade pode fundamentar a predição da busca de sentido (Frankl, 2006; Wong, 2022). Todavia, para uma confirmação da regressão entre estas variáveis, sugere-se investigações futuras.

A investigação identificou que o materialismo não predisse a presença dos adultos emergentes brasileiros e portugueses e confirmou a H5. O materialismo está estruturado em metas extrínsecas e pode ser utilizado como um subterfúgio ineficiente para angústias e dores (Jiang, 2020; Mead, 2022). As dificuldades provocadas pela pandemia do COVID 19 podem ter alterado o acesso aos diversos bens materiais e experiências que os adultos emergentes consumiam. A cosmovisão, os valores e as crenças podem ter sido drasticamente modificadas diante desta tragédia global e das inúmeras ameaças que o contexto impunha.

O estudo revelou que o materialismo não predisse a busca de sentido de vida e, desta forma, não confirmou a H6. Estudos mostram que o materialismo é prejudicial ao bem-estar psicológico e a satisfação com a vida (Dittmar & Isham, 2022; Wang et al., 2017). A autoestima baixa, a insatisfação com a própria vida e o desejo insaciável dos materialistas por uma renda maior explicam a busca pelo sentido de vida através de meios ineficazes (Richins e Dawson; 1992). As drásticas alterações socioculturais decorrentes da pandemia do COVID 19 podem ter

¹ Foi rodado um modelo de regressão apenas com essa variável e que ela foi um preditor significativo. Isso traz mais força para o argumento de multicolinearidade.

limitado a investigação destas variáveis. Por isso, propõe-se estudos futuros acerca do materialismo como predição da busca de sentido de vida.

O contexto de mortandade que se instalou na pandemia do COVID 19, provavelmente, ocupou proeminência na elevação dos níveis de estresse, depressão e ansiedade. A era da informação notificou demasiadamente o caos crescente que se instalava com a proliferação do vírus mortal. O estudo identificou que a ansiedade perante a morte não explicava a presença de sentido nos dois países (H7). Por outro lado, a ansiedade perante a morte explicava a busca de sentido (H8). As duas hipóteses foram confirmadas pelos respondentes. Estes resultados coincidem com a estrutura teórica da Logoterapia e da Psicologia Positiva Existencial quando descreve que a presença de sentido de vida possibilita o enfrentamento e a superação de situações adversas mantendo o bem-estar do indivíduo (Frankl, 2004; Wong, 2022).

A investigação deparou-se com limitações nas hipóteses 3, 4 e 6, a saber, ao tratar da espiritualidade como predição da busca e presença de sentido de vida e do materialismo como preditor de busca de sentido. A não confirmação destas hipóteses demonstram as limitações do estudo e incentiva pesquisas futuras para avançar e contribuir

A pesquisa demonstrou que a presença de sentido dos adultos emergentes brasileiros e portugueses foi fundamental para promover o bem-estar e a saúde mental durante a pandemia do COVID 19. A religiosidade, a autotranscendência e o autodesapego foram possíveis alternativas para evitar o vazio existencial neste período de sofrimento e dor. Por outro lado, os respondentes que estavam na busca do sentido de vida podem ter enfrentado ansiedade, depressão e angústia durante a pandemia.

A presença de sentido, provavelmente, minimiza a ansiedade diante da morte e, conseqüentemente, eleva o bem-estar e a qualidade de vida diante de situações difíceis e ameaçadoras. A aceitação neutra que entende a morte como um processo natural e a aceitação de aproximação relacionada a crença religiosa da vida eterna podem contribuir para minimizar a ansiedade diante da morte.

Os desafios dos adultos emergentes exigem escolhas que serão influenciadas pela autoestima, pelos familiares e pela cosmovisão cultural. O contexto sociocultural da pandemia do COVID 19 impactou profundamente o mundo e expôs aos adultos emergentes desafios ainda mais elevados para que alcancem o bem-estar e a saúde psicológica.

Se as revoluções tecnológica e sexual agregadas aos movimentos feminino e juvenil serviram de fundamento para o surgimento da adulez emergente, a pandemia do COVID 19, certamente, produzirá diversos desdobramentos a serem investigados. As diversas etapas do processo de desenvolvimento humano estão diante de desafios singulares na história.

O estudo do sentido de vida dos adultos emergentes a partir da religiosidade, espiritualidade, materialismo e ansiedade de morte aponta possíveis caminhos em direção à saúde psicológica e oferece bases para outras investigações científicas. Os adultos emergentes do Brasil e de Portugal demonstraram os caminhos que possibilitam uma vida com coerência, propósito e significância em dias difíceis que pareciam não acabar.

Referências

- Abeyta, A., & Routledge, C. (2018). The need for meaning and religiosity: An individual differences approach to assessing existential needs and the relation with religious commitment, beliefs, and experiences. *Personality and Individual Differences, 123*, 6–13. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2017.10.038>
- Abeyta, A. A., Nelson, T. A., & Routledge, C. (2019). Precious time: The role of time and temporal thought in managing death awareness. In C. Routledge & M. Vess (Eds.), *Handbook of terror management theory* (pp. 209–225). Elsevier Academic Press. <https://doi.org/10.1016/B978-0-12-811844-3.00008-1>
- Abeyta A., Routledge C. & Sedikides (2016). Material Meaning: Narcissists Gain Existential Benefits From Extrinsic Goals. *Social Psychological and Personality Science, 8*, (2), 219-228. <https://doi.org/10.1177/1948550616667618>
- Agência EFE (2022). Desemprego no Brasil cai para 9,3%, mas fica ainda acima dos 10 milhões de desempregados. <https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php>
- Agência Senado (2022). *Salário-mínimo de R\$ 1.212 é promulgado*. <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/06/02/salario-minimo-de-r-1-212-e-promulgado>
- Agostinho, A. (2000). *Confissões*. São Paulo: Nova Cultural.

- Anhesini, (2022). *FMI eleva a projeção para o PIB do Brasil em 2022 e piora a de 2023*. <https://www.suno.com.br/noticias/fmi-eleva-projecao-pib-brasil-2022/>
- Alama (2022). Portugal está entre os “Rolls-Royce” da educação mundial, diz especialista da UNESCO. Publico.
<https://www.publico.pt/2022/05/25/sociedade/noticia/portugal-rollsroyce-educacao-mundial-especialista-unesco-2007661>
- Allport, G., & Ross, J. (1967). Personal religious orientation and prejudice. *Journal of Personality and Social Psychology*, 5(4), 432-443.
<https://doi.org/10.1037/h0021212>
- Allport, G. W. (1961). *Pattern and growth in personality*. Holt, Reinhart & Winston.
- Al-Refae M., Al-Refae A., Munroe M., Sardella N. & Ferrari M. (2022). A Self-Compassion and Mindfulness-Based Cognitive Mobile Intervention (Serene) for Depression, Anxiety, and Stress: Promoting Adaptive Emotional Regulation and Wisdom. In P. T. Wong, C. Mayer & G. Arslan (Eds), *Covid-19 and existential positive psychology (pp2.0): the new science of self-transcendence* (pp. 155-172). *Frontiers in Psychology and Frontiers in Education*. <https://doi10.3389/fpsyg.2021.800308>
- Alves J. (2018). Transição Religiosa – Católicos abaixo de 50% até 2022 e abaixo do percentual de evangélicos até 2032. *Instituto Humanitas Unisinos*.
<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/188-noticias-2018/585245-transicao->

religiosa-catolicos-abaixo-de-50-ate-2022-e-abaixo-do-percentual-de-evangelicos-ate-2032

Antonelli-Ponti M., Cardoso F., Pinto C. & Silva J. (2020). Efeitos da pandemia de COVID-19 no Brasil e em Portugal: estresse peritraumático. *Revista Psicologia em Pesquisa*. <https://doi.org/10.34019/1982-1247.2020.v14.32262>

Andel-Mandersloot AV. (2002). *Religion in a Secularizing Society: The Europeans' Religion at the End of the 20th Century*. Brill.

APA (2021). *Society for the Psychology of Religion and Spirituality*. <https://www.apa.org/about/division/div36>

Aquilo, T.; Veloso, V.; Aguiar A.; Pereira G., Fernandes A.; Serafim T. & Fernandes A. (2015) Questionário de Sentido de Vida: Evidências de sua Validade Fatorial e Consistência Interna. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 2015, 35(1), 4-19. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-3703001332012>

Aquino, T. A. A. (2019). A dimensão espiritual no pensamento de Viktor Frankl e suas implicações sociopolíticas. *Rever: Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, 19(3). <https://doi.org/10.23925/1677-1222.2019vol19i3a16>

Ariés, P. (2012). *História da morte no ocidente*. Rio de Janeiro: Saraiva.

Arndt, J., Greenberg, J., Simon, L., Pyszczynski, T., & Solomon, S. (1998). Terror management and self-awareness: Evidence that mortality salience provokes avoidance of the self-focused state. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 24, 1216 –1227. <http://dx.doi.org/10.1177/01461672982411008>

- Arndt, J., Landau, M. J., Vail, K. E. & Vess, M. (2013). An edifice for enduring personal value: A terror management perspective on the human quest for multilevel meaning. In K. D. Markman, T. Proulx, & M. J. Lindberg (Eds.), *The psychology of meaning* (pp. 49–69). Washington, DC: American Psychological Association.
- Aronson, R. (2017). “Albert Camus,” in *The Stanford Encyclopaedia of Philosophy*. <https://plato.stanford.edu/archives/sum2017/entries/camus/>
- Arslan, G., and Wong, P. (2022). Measuring personal and social responsibility: an existential positive psychology approach. *Journal of Happiness and Health*, 2, 1–11. [https://doi: 10.47602/johah.v2i1.5](https://doi.org/10.47602/johah.v2i1.5)
- Arslan, G. (2021). Psychological maltreatment and spiritual wellbeing in Turkish college young adults: exploring the mediating effect of college belonging and social support. *Journal of Religion and Health*, 1–17. [https://doi: 10.1007/s10943-021-01211-y](https://doi.org/10.1007/s10943-021-01211-y)
- Athulya, J., Sudhir, P. M., & Philip, M. (2016). Procrastination, perfectionism, coping and their relation to distress and self-esteem in college students. *Journal of the Indian Academy of Applied Psychology*, 42(1), 82–91.
- Bai, H., & Cohen, A. (2019). Ma of education. In P. Sameshima, B. White & A. Sinner. *Ma: Materiality in Teaching and Learning*. New York: Peter Lang Publishing.
- Balloussier A. (2020). Cara típica do evangélico brasileiro é feminina e negra, aponta Datafolha. *Folha de São Paulo*.

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/01/cara-tipica-do-evangelico-brasileiro-e-feminina-e-negra-aponta-datafolha.shtml>

Barros, J. (1998). *Viver a morte: abordagem atropológica e psicológica*. Coimbra: Almedina.

Bauman, Z. (2011). *Vida para consumo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Baumeister, R. F. (1991). *Meanings of life*. New York: Guilford Press.

Becker, E. (1973). *The Denial of Death*. New York, NY: Free Press.

Belk, Ger & Askegaard (2003). The Fire of Desire: A Multi-Sited Inquiry into Consumer Passion. *Journal of Consumer Research*, 30 (6), 311–25, <https://doi:10.2139/ssrn.354640>

Belk, R. W. (1985). Materialism: traits aspects of living in the material world. *Journal of Consumer Research*. [https://doi: 10.1086/208515](https://doi:10.1086/208515)>.

Boyras G., Sharon G, Horne S. & Waits B. (2014). Accepting Death as Part of Life: Meaning in Life as a Means for Dealing With Loss Among Bereaved Individuals. *Death Studies*. <https://doi.org/10.1080/07481187.2013.878767>

Braam, A. W., and Koenig, H. G. (2019). Religion, spirituality and depression in prospective studies: a systematic review. *J. Affect. Disord.* 257, 428–438. doi: 10.1016/j.jad.2019.06.063

Braga A. (2022). *As religiosidades do Brasil: da Independência à pluriexistência*. <https://jornal.unesp.br/2022/07/05/as-religiosidades-do-brasil-da-independencia-a-pluriexistencia/>

Brandini V. (2009). Moda, cultura de consumo e modernidade no século XIX.

Portal de Revistas das USP – V.1, N.1, 2009. P. 74–101.

<https://doi.org/10.11606/issn.1984-5057.v1i1p74-101>

Buber, M. (2001). *Eu e Tu*. São Paulo: Centauro.

Buber, M. (2007). *O eclipse de Deus*. Campinas: Verus.

Burroughs, E. & Rindfleisch, A. (2002). Materialism and Well-Being: A

Conflicting Values Perspective. *Journal of Consumer Research*, 29(3), 348–370. doi:10.1086/344429

Camargo, B. & Justo, A. (2018). *Tutorial para uso do software IraMuteq*.

Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição. UFSC: Florianópolis.

Camus, A. (2018, 1942b). *O mito de Sísifo*. Editora Record. Rio de Janeiro.

Camus, A. (2019, 1942a). *O estrangeiro*. Editora Record. Rio de Janeiro.

Carreno D., Eisenbeck N. Pérez-Escobar A. & García-Montes J. (2021). Inner

Harmony as an Essential Facet of Well-Being: A Multinational Study During the COVID-19 Pandemic. In P. T. Wong, C. Mayer & G. Arslan (Eds), *Covid-19 and existential positive psychology (pp2.0): the new science of self-transcendence* (pp. 241-251). *Frontiers in Psychology and Frontiers in Education*. <https://doi10.3389/fpsyg.2021.800308>

Carvalho J. M. (2021) Viktor Frankl e Martin Buber, Deus eclipsado ou

inconsciente. *Revista Ética e Filosofia Política*. 24(1), 5-16.

<https://periodicos.ufjf.br/index.php/eticaefilosofia>

Censos (2011). Instituto Nacional de Estatística.

https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=ine_censos_indicador&contexto=ind&indOcorrCod=0006396&selTab=tab10

Chan, W. C. H. (2014). Factor structure of the Chinese Version of the Meaning in Life Questionnaire among Hong Kong Chinese caregivers. *Health & Social Work, 39*, 135-143. doi: <https://doi.org/10.1093/hsw/hlu025>

Chen, C., Chang S., & Wu H. (2022) Discovering and Approaching Mature Happiness: The Implementation of the CasMac Model in a University English. In P. T. Wong, C. Mayer & G. Arslan (Eds), *Covid-19 and existential positive psychology (pp2.0): the new science of self-transcendence* (pp. 396-407). Frontiers in Psychology and Frontiers in Education. <https://doi10.3389/fpsyg.2021.800308>

Cherrington, D. (1980). *The work ethic: working values and values that work*. New York: Amacom.

Choi J, Catapano R & Choi I (2017). Taking Stock of Happiness and Meaning in Everyday Life: An Experience Sampling Approach. *Soc Psychol Pers Sci, 8*, 641–651. <https://doi.org/10.1177/1948550616678455>

Cleveland, M., Papadopoulos, N. and Laroche, M. (2022). Global consumer culture and national identity as drivers of materialism: an international study of convergence and divergence. *International Marketing Review, 39*(2), 207-241. <https://doi.org/10.1108/IMR-02-2021-0097>

- CNN (2022). *Com dado do 1º tri, Brasil fica em 9º lugar em crescimento do PIB em ranking com 32 países*. <https://www.cnnbrasil.com.br/business/com-dado-do-1o-tri-brasil-fica-em-9o-lugar-em-crescimento-do-pib-em-ranking-com-32-paises/>
- Cohen, A. B. (2002). The importance of spirituality in well-being for Jews and Christians. *Journal of happiness studies*, 3, 287-310.
- Colella, G., Amatulli, C. and Martínez-Ruiz, M.P. (2021), "Social media interactions and brand luxuriousness: the role of materialism", *Journal of Consumer Marketing*, 38(4), 434-444. <https://doi.org/10.1108/JCM-02-2020-3650>
- Collett, L., & Lester, D. (1969). The fear of death and fear of dying. *Journal of Psychology*, 72, 179-181. <https://doi.org/10.1080/00223980.1969.10543496>
- Comte-Sponville, A. (2007). *O espírito do ateísmo: introdução a uma espiritualidade sem Deus*. São Paulo: WMF Martins Fontes.
- Conte, H; Weiner, M; Plutchik (1982). Measuring death anxiety: conceptual, psychometric, and factor-analytic aspects. 43(4),775-85. *Journal of Personality and Social Psychology*. [https://doi: 10.1037//0022-3514.43.4.775](https://doi:10.1037//0022-3514.43.4.775).
- Costa A. (2022). *Comportamento dos cidadãos foi a chave na boa gestão da pandemia*. <https://www.portugal.gov.pt/pt/gc23/comunicacao/noticiai=comportamento-dos-cidadaos-foi-a-chave-na-boa-gestao-da-pandemia>

Costa M. (2022). *Portugal cai seis posições e ocupa o 42º lugar no ranking da competitividade.*

<https://www.dinheirovivo.pt/economia/portugal-cai-seis-posicoes-e-ocupa-o-42-lugar-no-ranking-da-competitividade-global-14940547.html>

Cótica, C. S. (2011). Percepção de envelhecimento e finitude no final da vida adulta

tardia: um estudo num grupo da melhor idade. *Geriatrics & Gerontology*, 5(4), 201-213. <https://cdn.publisher.gn1.link/ggaging.com/pdf/v5n4a05.pdf>

Coutinho J. (2018). História religiosa de Portugal e teorias da secularização: da primeira

dinastia à actualidade. Research <https://doi10.4025/rbhranpuh.v11i31.41211>

Coutinho, J. P. (2019). Religiosidade em Portugal: caracterização, comparação e evolução. *Religião e Sociedade*, 39(3), 58-81. <https://doi.org/10.1590/0100-85872019v39n3cap03> Christians. *Journal of Happiness Studies*, 3, 287-310

Cragun, T., Hammer, H & Nielsen, M. (2015). The Nonreligious-Nonspiritual

Scale (NRNSS): Measuring Everyone from Atheists to Zionists. *Science, Religion, and Culture*, 2(3): 36–53.

<https://doi.org/10.17582/journal.src/2015/2.3.36.53>

Crescioni, A. W., & Baumeister, R. F. (2013). The four needs for meaning, the

value gap, and how (and whether) society can fill the void. In J. A. Hicks & C.

Routledge (Eds.), *The experience of meaning in life: Classical perspectives,*

emerging themes, and controversies (pp. 3–15). *Springer*

Science. https://doi.org/10.1007/978-94-007-6527-6_1

Czyżowska (2021). Meaning in life and its significance in emerging adulthood:

literature review and preliminary study results. *Quarterly Journal Fides et*

Ratio, 4 (48). <https://doi.org/10.34766/fetr.v48i4.921>

Damásio, B., & Koller, S. (2015). Meaning in Life Questionnaire: Adaptation

process and psychometric properties of the Brazilian version. *Revista*

latinoamericana de Psicología, 47(3): 185-195.

<https://doi.org/10.1016/j.rlp.2015.06.004>

Damásio & Koller (2013). *Sentido de vida e bem-estar subjetivo: interações com*

esperança, otimismo, autoeficácia e autoestima em diferentes etapas do ciclo

vital. [Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul].

<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/80120>

Dar-Nimrod, I. (2012). Viewing death on television increases the appeal of

advertised products. *The Journal of Social Psychology*, 152, 199–211.

<http://dx.doi.org/10.1080/00224545.2011.588273>

DataFolha (2022). 20% dos eleitores religiosos recebem orientação sobre voto na

igreja. *Folha de São Paulo*.

[https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2022/07/1989403-20-dos-](https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2022/07/1989403-20-dos-eleitores-religiosos-recebem-orientacao-sobre-voto-na-igreja.shtml)

[eleitores-religiosos-recebem-orientacao-sobre-voto-na-igreja.shtml](https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2022/07/1989403-20-dos-eleitores-religiosos-recebem-orientacao-sobre-voto-na-igreja.shtml)

Debeluck, B., & Timm N. (2015). Famecos lança estudo sobre conceitos de

família. *Portal eusoufamecos*: [http://portal.eusoufamecos.net/famecos-lanca-](http://portal.eusoufamecos.net/famecos-lanca-estudo-sobre-conceitosde-familia-2/)

[estudo-sobre-conceitosde-familia-2/](http://portal.eusoufamecos.net/famecos-lanca-estudo-sobre-conceitosde-familia-2/)

- Dechesne, M., Pyszczynski, T., Arndt, J., Ransom, S., Sheldon, K. M., van Knippenberg, A., & Janssen, J. (2003). Literal and symbolic immortality: The effect of evidence of literal immortality on self-esteem striving in response to mortality salience. *Journal of Personality and Social Psychology*, *84*(4), 722–737. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.84.4.722>
- Deci, E. L., & Ryan, R. M. (2000). The “what” and “why” of goal pursuits: Human needs and the self-determination of behavior. *Psychological Inquiry*, *11*(4), 227–268. https://doi.org/10.1207/S15327965PLI1104_01
- Dezutter J., Waterman A., Schwartz S., Luyckx K., Beyers, W., Meca A., Kim S., Whitbourne S., Zamboanga B., Lee R., Hardy S., Forthun L., Ritchie R., Weisskirch R., Brown E. & Caraway S. (2014). Meaning in Life in Emerging Adulthood: A Person-Oriented Approach. *Journal of Personality*, *82*(1), 57-68. <https://doi10.1111/jopy.12033>
- Diel P. (2017). As escolas dos mosteiros medievais: dinâmica social, didática e pedagogia. *Unisinos*, *21*(3), 405-414. <https://doi: 10.4013/edu.2017.213.14>
- Dittmar H. & Isham A. (2022) Materialistic value orientation and wellbeing. *Current Opinion in Psychology*, *46*. <https://doi: 10.1016/j.copsyc.2022.101337>
- Dorn R. (2014). Materialism, religious beliefs, and meaning in life: a conflicting values perspective. *Undergraduate Research Scholars Program*. <https://hdl.handle.net/1969.1/164437>

- Edwards, M. E. & Van Tongeren, D. R. (2019). Meaning mediates the association between suffering and well-being. *J. Posit. Psychol.* 15, 722–733. <https://doi.org/10.1080/17439760.2019.1651890>
- Emmons, R. A. (2005). Striving for the Sacred: Personal Goals, Life Meaning, and Religion. *Journal of Social Issues*, 61, 731-745.
<https://doi.org/10.1111/j.1540-4560.2005.00429.x>
- Erikson, E. H. (1987). *The papers of Erik and Joan Erikson*. The Houghton Library, Harvard University.
- Erikson, E. (1987). *Identidade: juventude e crise*. Rio de Janeiro: Guanabara.
(Texto original publicado em 1968).
- Fitzpatrick, K. M., Harris, C., and Drawve, G. (2020). Living in the midst of fear: depressive symptomatology among US adults during the COVID-19 pandemic. *Depress. Anxiety* 37, 957–964. <https://doi.org/10.1002/da.23080>
- Fizzotti, E. (1998). Os ritos de cura como autorealização e como busca de sentido. In F. Dal Pino (Ed), *Liturgia e terapia: a sacramentalidade a serviço do homem na sua totalidade*. São Paulo: Paulinas.
- Fonseca J. (2022). *Taxa de desemprego sobe para 6.1% em maio*.
<https://eco.sapo.pt/2022/06/29/taxa-de-desemprego-sobe-para-61-em-maio/>
- Frankl, V. (1969). *The Will to Meaning: Foundations and Applications of Logotherapy*. New York and Cleveland: World.
- Frankl (1977). *Viktor Frankl no Programa Man Alive*.
<https://www.youtube.com/watch?v=KJ6E1uD8srk>

- Frankl, V. E. (1989a). *Psicoterapia e sentido da vida*. São Paulo: Quadrante
(Originalmente publicado em 1946).
- Frankl, V. E. (1991). *Em busca de sentido*. Petrópolis: Vozes.
- Frankl, Viktor. E. (2005). *Um Sentido Para A Vida: Psicoterapia e humanismo*;
Ed. Ideias E Letras, Ed.11, São Paulo (SP).
- Frankl, V. E. (2008). *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de
concentração*. Petrópolis: Vozes.
- Frankl, V. E. (2006). *Lo que no está escrito em mis libros*. (I. Ostrowsky, Trad.)
Buenos Aires: San Pablo (Originalmente publicado em 1995).
- Frankl, V. (1984). *Man's search for meaning*. New York, NY: Simon & Schuster
(Original work published in 1959)
- Frankl, V. E. (1946/2004). *El hombre em busca de sentido* (C. Koppplhuber,
Trad.). Barcelona: Herder (Originalmente publicado em 1946).
- Frankl, V. (2005). *Um sentido para a vida; psicoterapia e humanismo*.
Aparecida: Ideias e Letras.
- Frankl, V. E. (1946/2020). *Yes to life in spite of everything*. London: Random
House.
- Freud, S. (1996a). *O mal-Estar na civilização* (Edição Standard Brasileira das
Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 21). Rio de Janeiro:
Imago. (Originalmente publicado em 1929).
- Fromm, E. (1976). *To have or to be?* New York: Continuum Publishing.

- G1 (2022). *Jovens 'sem religião' superam católicos e evangélicos em SP e Rio*.
<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/05/09/jovens-sem-religiao-superam-catolicos-e-evangelicos-em-sp-e-rio.ghtml>
- Gallagher (2020). Dez anos em dez meses: como cientistas de Oxford criaram em tempo recorde um novo modelo de vacina contra o coronavírus. *BBC Brasil*
<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55049893>
- George, L. S., & Park, C. L. (2013). Are meaning and purpose distinct? An examination of correlates and predictors. *The Journal of Positive Psychology*, 8(5), 365–375. <https://doi.org/10.1080/17439760.2013.805801>
- Ger, G., & Belk, R. (1996). Cross-cultural differences in materialism. *Journal of Economic Psychology*, 17(1), 55-77. [https://doi.org/10.1016/0167-4870\(95\)00035-6](https://doi.org/10.1016/0167-4870(95)00035-6)
- Gesser, G., Wong, P. T. P., & Reker, G. T. (1987). Death attitudes across the life-span: The development and validation of the Death Attitude Profile (DAP). *Omega*, 18, 109-124. <https://doi.org/10.2190/0DQB-7Q1E-2BER-H6YC>
- Giacoaia Júnior O. (2005). A visão da morte ao longo do tempo. *Medicina (Ribeirão Preto)* 38(1), 13-9. <https://doi.org/10.11606/issn.2176-7262.v38i1p13-19>
- Gisondo S., Hayward K. & Kartheiser V. (2020). O dilema das redes sociais. *Netflix*. <https://www.netflix.com/pt/title/81254224>
- Global Peace Index (2022). Measuring Peace in a Complex World. *Institute for Economics & Peace*. <http://visionofhumanity.org/resources>

- Gomez, R., & Fisher, J. W. (2003). Domains of spiritual well-being and development and validation of the Spiritual Well-Being Questionnaire. *Personality and Individual Differences*, 35(8), 1975–1991. [https://doi.org/10.1016/S0191-8869\(03\)00045-X](https://doi.org/10.1016/S0191-8869(03)00045-X)
- Góngora, V. C., & Castro Solano, A. (2015). Validation of an index of well-being for adolescent and adult population of the city of Buenos Aires. *PSIENCIA. Revista Latinoamericana de Ciencia Psicológica*, 7 (2), 329–338. <https://10.5872/psiencia/7.2.21>
- Gonzales-Fuentes (2019). Millennials' national and global identities as drivers of materialism and consumer ethnocentrism. *The Journal of Social Psychology*. 159(2):170-189. <https://doi.org/10.1080/00224545.2019.1570904>
- Goodman, J. K., Malkoc, S. A., & Stephenson, B. L. (2016). Celebrate or commemorate? A material purchase advantage when honoring special life events. *Journal of the Association for Consumer Research*, 1(4), 497-508. <https://doi.org/10.1086/688352>
- Górnik-Durose, M. E. (2020). Materialism and well-being revisited: The impact of personality. *Journal of Happiness Studies: An Interdisciplinary Forum on Subjective Well-Being*, 21(1), 305–326. <https://doi.org/10.1007/s10902-019-00089-8>
- Goularte, J., Serafim S., Colombo R., Hogg B., Caldieraro M. & Rosa A. (2021). COVID-19 and mental health in Brazil: Psychiatric symptoms in the general population. *Journal of Psychiatric Research*. 132, 32-37. <https://doi.org/10.1016/j.jpsychires.2020.09.021>

- Greenberg, J., Pyszczynski, T., & Solomon, S. (1986). The causes and consequences of a need for self-esteem: a terror management theory. *Public Self and Private Self*. New York, NY: Springer, 189–212. doi: 10.1007/978-1-4613-9564-5_10
- Greenberg, J., Solomon, S., Pyszczynski, T., Rosenblatt, A., Burling, J., Lyon, D., Simon L. & Pines, E. (1992). Why do people need self-esteem? Converging evidence of an anxiety-buffering function. *Journal of Personality and Social Psychology*, 63, 913–922. <http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.63.6.913>
- Griffin, M., Babin, B., & Christensen, F. (2004). A cross-cultural investigation of the materialism construct: assessing the richins and dawson's materialism scale in Denmark, France and Russia. *Journal of Business Research*, 57(8), 893. [https://doi.org/10.1016/S0148-2963\(02\)00290-4](https://doi.org/10.1016/S0148-2963(02)00290-4)
- Guerrero G. P.; Zago M. M.; Sawada N. O.; Pinto M. H. (2011) Relação entre espiritualidade e câncer: perspectiva do paciente. *Rev. Bras. Enferm.* 64 (1). <https://doi.org/10.1590/S0034-71672011000100008>
- Guillford, L. (2002). Spiritual care and psychiatric treatment: an introduction. *Adv. Psychiatr. Treat.* 8, 249–261. <http://doi:10.1192/apt.8.4.249>
- Guimarães C. (2022). Desigrejados: cresce o número de jovens que se dizem "sem religião", no Brasil. *Oliberal.com*. <https://www.oliberal.com/para/desigrejados-cresce-o-numero-de-jovens-que-se-dizem-sem-religiao-no-brasil-1.540706>
- Handal, P. J., Peri, A., & Pashak, T. J. (2015). Calibration of the Langner symptom survey for the college population. *Current Psychology*, 34, 389–400.

- Hayes-Skelton, S. A., & Eustis, E. H. (2020). Experiential avoidance. In J. S. Abramowitz & S. M. Blakey (Eds.), *Clinical handbook of fear and anxiety: Maintenance processes and treatment mechanisms* (pp. 115–131). *American Psychological Association*. <https://doi.org/10.1037/0000150-007>
- Heine, S. J., Proulx, T., & Vohs, K. D. (2006). The meaning maintenance model: On the coherence of social motivations. *Personality and social psychology review, 10*(2), 88-110. doi: 10.1207/s15327957pspr1002_1
- Heintzelman, S. J. (2018). Eudaimonia in the contemporary science of subjective well-being: Psychological well-being, self-determination, and meaning in life. *Handbook of well-being*. Salt Lake City, UT: DEF Publishers.
- Heintzelman, S. J., & King, L. A. (2014). Life is pretty meaningful. *Am. Psychol.* 69, 561–574. doi: 10.1037/a0035049
- Heintzelman, S. J., & King, L. A. (2013). On knowing more than we can tell: Intuition and the human experience of meaning. *Journal of Positive Psychology, 8*, 471–482.
- Herabadi, A.; Verplanken, B.; Knippenberg, A. (2017). Consumption experience of impulse buying in Indonesia: Emotional arousal and hedonistic considerations. *Asian Journal of Social Psychology, 12*, (1), p. 20-31. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1467-839X.2008.01266.x>
- Hicks, J. A., & King, L. A. (2008). Positive mood and religious commitment as information about meaning in life. *Journal of Research in Personality, 42*, 43–57. doi:10.1016/j.jrp.2007.04.003

- Hill, P. L., Edmonds, G. W., Peterson, M., Luyckx, K., & Andrews, J. A. (2016). Purpose in life in emerging adulthood: Development and validation of a new brief measure. *Journal of Positive Psychology, 11*(3), 237–245.
<https://doi.org/10.1080/17439760.2015.1048817>
- Holden, G. W., Williamson, P. A., & Holland, G. W. O. (2014). Eavesdropping on the family: A pilot investigation of corporal punishment in the home. *Journal of Family Psychology, 28*(3), 401–406. <https://doi.org/10.1037/a0036370>
- Holt, D. B. (1995). How consumers consume: A typology of consumption practices. *Journal of consumer research, 22*(1), 1-16.
<http://dx.doi.org/10.1086/209431>
- Hooper, T., & Spilka, B. (1970). Some meanings and correlates of future time and death among college students. *Omega, 1*, 49-56. [https://doi.org/10.1016/0191-8869\(88\)90092-X](https://doi.org/10.1016/0191-8869(88)90092-X)
- Hubner, C. K, Bruscatto, M. L., Lima, R. D. (2020). Distress among Brazilian university students due to the Covid-19 pandemic: survey results and reflections. *medRxiv - Psychiatry and Clinical Psychology*.
<https://doi.org/10.1101/2020.06.19.20135251>
- Hui et al. (2014). The role of religion in moderating the impact of life events on material life goals: some evidence in support of terror management theory. *Mental Health, Religion & Culture, 17* (1), 52-61, doi:
10.1080/13674676.2012.745494

IBGE (2012). População residente por religião, 2010.

<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9662-censo-demografico-2010.html?edicao=9749&t=destaques>

Inglehart, R. (1977). *The silent revolution: Changing values and political styles in advanced industrial society*. Princeton: Princeton University.

Ishikawa, H., Tachimori, H., Takeshima, T., Umeda, M., Miyamoto, K., Shimoda, H., Baba, T., Kawakami, N. (2018). Prevalence, treatment, and the correlates of common mental disorders in the mid 2010' s in Japan: the results of the world mental health Japan 2nd survey, *Journal of Affective Disorders*, 241, 554-562. DOI: 10.1016/j.jad.2018.08.050

Jaiswal, A., Carmichael, K., Gupta, S., Siemens, T., Crowley, P., Carlsson, A., et al. (2020). Essential elements that contribute to the recovery of persons with severe mental illness: a systematic scoping study. *Frontiers in Psychiatry* 11:586230. <http://doi: 10.3389/fpsy.2020.586230>

James W. (1902/2017). *As variedades da experiência religiosa: um estudo sobre a natureza humana*. 2ª Edição, São Paulo: Cultrix.

Janone L. (2022). *Número de brasileiros em Portugal nunca foi tão alto, segundo embaixada portuguesa*. *CNN Brasil*.

<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/numero-de-brasileiros-em-portugal-nunca-foi-tao-alto-segundo-embaixada-portuguesa/>

Jaspers, E. D. T., & Pieters, R. G. M. (2016). Materialism across the life span: An age-period-cohort analysis. *Journal of Personality and Social Psychology*, 111, 451-473.

- Jiang W., Liu, H. & Jiang J. (2020). The Development of Materialism in Emerging Adulthood: Stability, Change, and Antecedents. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 47(2). <https://doi.org/10.1177/0146167220925234>
- Jonas, E., & Fischer, P. (2006). Terror management and religion: Evidence through intrinsic religiousness, mitigated worldview defense after mortality salience. *Journal of Personality and Social Psychology*, 91, 553–567.
- Juhl, J. (2019). Terror management theory: a theory of psychological well-being. In C. Routledge & M. Vess (Eds). *Handbook of Terror Management Theory*. Elsevier Academic Press.
- Jung, C. (2011). *Psicologia e Religião Ocidental e Oriental: textos diversos*. Petrópolis: Vozes. (Texto original publicado em 1969).
- Kant, Immanuel. (2008). *Crítica da Razão Prática*. Trad. Valério Rohden. São Paulo: Martins Fontes.
- Kantar Ibope Media (2020). *Brasil é o segundo país mais preocupado com a pandemia de Covid-19*. <https://www.kantaribopemedia.com/brasil-e-o-segundo-pais-mais-preocupado-com-a-pandemia-de-covid-19/>
- Kashdan, T. B., & Breen, W. E. (2007). Materialism and diminished well-being: Experiential avoidance as a mediating mechanism. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 26(5), 521–539. <https://doi.org/10.1521/jscp.2007.26.5.521>

- Kasser, T., Cohn, S., Kanner, A. D., & Ryan, R. M. (2007). Some costs of the American corporate Capitalism: A psychological exploration of value and goal conflicts. *Psychological Inquiry*, 18, 1–22. doi:10.1080/10478400701386579
- Kasser, T. (2002). *The high price of materialism*. Cambridge, MA: The MIT Press.
- Kaufman, S. B. (2020). *Transcend: The New Science of Self-Actualization*. New York, NY: Tarcher Perigee.
- Keech J. Morrin M. & Podoshen J. (2020). The effects of materialism on consumer evaluation of sustainable synthetic (lab-grown) products. *Journal of Consumer Marketing* (37) 5 p. 1-21. <https://doi.org/10.1108/JCM-09-2018-2876>
- Kessler, R., Birnbaum, H., Demler, O., et al. (2005) The prevalence and correlates of nonaffective psychosis in the National Comorbidity Survey Replication (NCS-R), *Biol. Psychiatry*, 58, 668–76. <https://doi.org/10.1016/j.biopsych.2005.04.034>
- Kierkegaard, S. (2010). *O conceito de angústia* (A. L. M. Valls, trad). Petrópolis: Vozes. (Original publicado em 1844).
- Koenig, H. G. (2012). Religion, spirituality, and health: the research and clinical implications. *ISRN Psychiatry* 2012:278730. <https://doi.org/10.5402/2012/278730>
- Kotera, Y.; Mayer C. & Vanderheiden E. (2022) Cross-Cultural Comparison of Mental Health Between German and South African Employees: Shame, Self-Compassion, Work Engagement, and Work Motivation. Covid-19 and existential positive psychology (pp2.0): the new science of self-transcendence.

In P. T. Wong, C. Mayer & G. Arslan (Eds), *Covid-19 and existential positive psychology (pp2.0): the new science of self-transcendence* (pp. 445-459).

Frontiers in Psychology and Frontiers in Education.

<https://doi10.3389/fpsyg.2021.800308>

Kotera Y. & Van Gordon W. (2022). Effects of Self-Compassion Training on Work-Related Well-Being: A Systematic Review. In P. T. Wong, C. Mayer & G. Arslan (Eds), *Covid-19 and existential positive psychology (pp2.0): the new science of self-transcendence* (pp. 298.310). Frontiers in Psychology and Frontiers in Education. <https://doi10.3389/fpsyg.2021.800308>

Kubler-Ross, E. (1969). *On death and dying*. New York, NY: Macmillan

Lee, M. & Ahn C.S. (2016). Anti-consumption, Materialism, and Consumer Well-being. *Journal of Consumer Affairs*. 50 (1), p. 18-47.

<https://doi.org/10.1111/joca.12089>

Leuba, J.H. (1925/2013). *The Psychology of Religious Mysticism*. Routledge: London

Lin R., Chen Y., Shen Y., Xiong X., Lin N. & Lian R. (2021). Dispositional Awe and Online Altruism: Testing a Moderated Mediating Model. *Sec. Positive Psychology*. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.688591>

Lins, S.; Poeschl, G. (2018). O que os adolescentes brasileiros e portugueses pensam quando pensam em comprar? *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32(1), p. 71-79, <http://dx.doi.org/10.1590/0102-37722016012477071079>

- Lins, S.; Doka, A.; Bottequin, E.; Odabasic, A.; Pavlovic, S; Maerchán, A.;
Golasa, A.; Hylander, F. (2018). The effects of having, feeling, and thinking on
impulse buying in european adolescents. *Journal of International Consumer
Marketing*, 27(5), p. 414-428.
<https://doi.org/10.1080/08961530.2015.1027028>>
- Magnonil, A. F.; Miranda, G. V. (2017). Geração Y: características de um novo
ouvinte. *Conexão – Comunicação e Cultura UCS*, 11(22).
<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/viewFile/1815/1470>
- Malkanthie M. (2019). Antecedents of Consumer Materialism: An exploration in
Sri Lankan Context. *Kelaniya Journal of Management* 8(1): p. 1 -
20. <https://dx.doi.org/10.4038/kjm.v8i1.7591>
- Marano, H. E. (2021). The great reset. *Psychology Today*. Available online at:
<https://www.psychologytoday.com/ca/articles/202111/the-great-reset>
- Marshall, E., and Marshall, M. (2017). *Anthropological Basis of Meaning
Centered Psychotherapy*. Ottawa, ON: Ottawa Institute of Logotherapy.
- Martela, F., and Steger, M. (2016). The three meanings of meaning in life:
Distinguishing coherence, purpose, and significance. *J. Posit. Psychol.* 11,
531–545. <https://doi: 10.1080/17439760.2015.1137623>
- Marshall, V. M. (1981). Death and dying. In D. Mangen & W. Peterson (Eds.),
Research instruments in social gerontology. Minneapolis, MN: University of
Minnesota Press.
- Maslow, A. (1954). *Motivation and personality*. New York: Harper.

Matos L. Tristes e deprimidos: caloiros resistem a pedir ajuda. Diário de Notícias.

<https://www.dn.pt/sociedade/tristes-e-deprimidos-caloiros-resistem-a-pedir-ajuda-14924898.html>

Mayer C-H (2022). Albert Camus – A Psychobiographical Approach in Times of

Covid-19. In P. T. Wong, C. Mayer & G. Arslan (Eds), *Covid-19 and existential positive psychology (pp2.0): the new science of self-transcendence*

(pp. 113-124). Frontiers in Psychology and Frontiers in Education.

<https://doi10.3389/fpsyg.2021.800308>

Mayer, C.-H. (2017). *The Life and Creative Works of Paulo Coelho*. New York,

NY: Springer.

Mayer, C.-H., & Fouch P. (2021). Lessons learnt from Baruch Spinoza: shame

and faith development in the light of challenges in contemporary society. In

C.-H. Mayer, E. Vanderheiden, & P. T. P. Wong (Eds). *Shame 4.0.*

Investigating an Emotion in Digital Worlds and the Fourth Industrial

Revolution (pp. 247-274). https://doi10.1007/978-3-030-59527-2_13

Mayer, C.-H., and Viviers, R. (2018). “Can one put faith and work in the same

sentence?” Faith development and vocation of a female leader in the

engineering profession. *J Relig Health*, 57, 821–835. [https://doi:](https://doi:10.1007/s10943-017-0404-2)

[10.1007/s10943-017-0404-2](https://doi:10.1007/s10943-017-0404-2)

McCarthy, V. L., and Bockweg, A. (2013). The role of transcendence in a holistic

view of successful aging: a concept analysis and model of transcendence in

maturity and aging. *J. Holist. Nurs.* 31, 84–92. [https://doi:](https://doi:10.1177/0898010112463492)

[10.1177/0898010112463492](https://doi:10.1177/0898010112463492)

Mead N. (2022). How the Search for Meaning Impacts Consumption: People are not effectively using consumption to lead meaningful lives. *Psychology Today*.
<https://www.psychologytoday.com/intl/blog/the-happy-consumer/202207/how-the-search-meaning-impacts-consumption>

Mead N. & Willians L. (2022). Can't Buy Me Meaning? Lay Theories Impede People from Deriving Meaning and Well-Being from Consumption. *Current Opinion in Psychology*, 46, p. 1-15.
<https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2022.101332>

Mead N, Williams L (2022b) The Pursuit of Meaning and the Preference for Less Expensive Options. *J Consum Psychol* in press.
<https://doi.org/10.1093/jcr/ucac019>

MEC (2019). *Pisa 2018 revela baixo desempenho escolar em Leitura, Matemática e Ciências no Brasil*. <http://portal.mec.gov.br/busca-geral/211-noticias/218175739/83191-pisa-2018-revela-baixo-desempenho-escolar-em-leitura-matematica-e-ciencias-no-brasil>

Melo A. A. (2017). Racionalização e secularização da morte: contribuições sociológicas à luz de uma metodologia weberiana. *Interações*, 12(22), 393-408.
<https://www.redalyc.org/journal/3130/313054587011/html/>

Menzies, R. G. (2012). *The dread of death and its role in psychopathology*. Keynote Address, 35th National Conference of the Australian Association for Cognitive and Behaviour Therapy, Queensland, Australia.

Mikulincer, M., Florian, V., & Hirschberger, G. (2003). The existential function of close relationships: Introducing death into the science of love. *Personality and Social Psychology Review*, 7(1), 20–40.

https://doi.org/10.1207/S15327957PSPR0701_2

Montenegro N R (2013). O corpo em platão: uma investigação à luz dos diálogos Fédon e Pedro. *FIEP Bulletin On-line*, 83.

<http://www.fiepbulletin.net/index.php/fiepbulletin/article/view/2834>

Moraes, Jr M. (2016). A Religião e o Esgotamento do Iluminismo: Estudo de Filosofia da Religião a Partir da Dialética do Iluminismo. *Espiritualidades, Filosofias e Religiões do Oriente*. (14), 43. <https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2016v14n43p937>

Moreira-Almeida A.; Sharma A.; Rensburg B. J.; Verhagen P. J.; cook C. H. (2016). *WPA Position Statement on Spirituality and Religion in Psychiatry*, 15(1), 87,88. <https://doi.org/10.1002/wps.20304>

Moreira, W. C., Nobrega, M. D. P. S. S., Lima, F. P. S., Lago, E. C., and Lima, M. O. (2020). Effects of the association between spirituality, religiosity and physical activity on health / mental health: a systematic review. *Rev. Esc. Enferm. USP* 54:e03631.[https://doi: 10.1590/S1980-220X2019012903631](https://doi.org/10.1590/S1980-220X2019012903631)

Nascimento, S. (2007). *Validação do death anxiety questionnaire (daq): Estudo com uma amostra de idosos* (Doctoral dissertation).

<https://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/3800/1/15359.pdf>

- Neimeyer, R., Wittkowski, J., & Moser, R. P. (2004). Psychological research on death attitudes: An overview and evaluation. *Death Studies*, 28, 309–340.
<https://doi.org/10.1080=07481180490432324>
- Neimeyer, R., Dinges, P., & Epting, F. (1977). Convergent validity, situational stability, and meaningfulness of the Threat Index. *Omega*, 8, 251-265. <https://doi.org/10.2190/BELV-NCQ1-UYL8-G3B1>
- Newton, A. T., and McIntosh, D. N. (2010). Specific religious beliefs in a cognitive appraisal model of stress and coping. *Int. J. Psychol. Religion* 20, 39–58. <https://doi.org/10.1080/>
- Núñez, S. (2018). Metas e sentido de vida em jovens adultos no Brasil. In Dutra-Thome, L., Pereira A., Nuñez S. & Koller S. *Adulthood emergent in Brazil: a new developmental perspective on the transition to adulthood*. São Paulo: Vetor.
- ONU News (2022). *Índice de Desenvolvimento Humano da ONU inclui variante pegada de carbono*. <https://news.un.org/pt/story/2020/12/1736222>
- ONU News (2022). *Turismo e consumo interno puxam recuperação em Portugal após Covid*. <https://news.un.org/pt/story/2022/07/1794762>
- ONU News (2022a). *OMS: Covid-19 causou pelo menos 14,9 milhões de mortes diretas ou indiretas*. <https://news.un.org/pt/story/2022/05/1788242>
- ONU News (2022b). *OMS nas Américas lança Comissão de Alto Nível sobre Saúde Mental e Covid-19*. <https://news.un.org/pt/story/2022/05/1788892>

- Pacheco M. (2021). *Janeiro branco: todo cuidado conta*.
<https://fundahc hc.ufg.br/n/137633-janeiro-branco-todocuidadoconta>
- Pallini A. C.; Ottati F; Cremasco G. S.; Cunha F. A. (2019). *Percepções de pacientes oncológicos sobre espiritualidade: um estudo qualitativo*. 32, 169-179. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psilat/n32/a08n32.pdf>
- Paloutzian, R. F., & Ellison, C. W. (1982). Loneliness, Spiritual Well-Being and the Quality of Life. In L. A. Peplau, & D. Perlman (Eds.), *Loneliness: A Sourcebook of Current Theory, Research and Therapy* (pp. 224-236). New York: John Wiley & Sons.
- Pargament, K. (2007). *Spiritually integrated psychotherapy: Understanding and addressing the sacred*. Guilford Press.
- Pargament, K. I., Koenig, H. G., and Perez, L. M. (2000). The many methods of religious coping: Development and initial validation of the cope. *J. Clin. Psychol.* 56, 519–543. doi: 10.1002/(SICI)1097-4679(200004)56:4andlt;519::AIDJCLP6andgt;3.0.CO;2-1
- Park, C. L. (2005). Religion as a meaning-making framework in coping with life stress. *J. Soc. Issues* 61, 707–729. doi: 10.1111/j.1540-4560.2005.00428.x
- Pashak T., Burns B., Justice M. & Lahar K. (2020). Separation of Church and Trait: Trait Death Anxiety is Universal, Distressing, and Unbuffered by Worldview in Emerging Adults. *Journal of Religion and Health* 59 (5).<https://doi10.1007/s10943-018-0623-1>

- Patrício I. (2022). *Salário-mínimo português é quase três vezes mais baixo que o do Luxemburgo*. <https://eco.sapo.pt/2022/01/28/salario-minimo-portugues-e-quase-tres-vezes-mais-baixo-que-o-do-luxemburgo/>
- Paulo, S. (2015). *Diferentes culturas, diferentes comportamentos de consumo: Brasil vs Portugal*. [Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa].
<https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/11915/1/DM-SSRSP-2015.pdf>
- Peteet, B. J., Brown, C. M., Lige, Q. M., & Lanaway, D. A. (2015). Impostorism is associated with greater psychological distress and lower self-esteem for African American students. *Current Psychology*, 34, 154–163.
- Peterson, C., & Seligman, M. E. P. (2004). *Character Strengths and Virtues*. Washington, DC. American Psychological Association: Hoffman.
- Pew Research Center (2018). *In most Western European countries, non-practicing Christians are largest group*.
https://www.pewresearch.org/religion/2018/05/29/being-christian-in-western-europe/pf_05-29-18_religion-western-europe-00-01/
- Pew Research Center (2018). *Young adults around the world are less religious by several measures: Adults under 40 are less likely to be religiously affiliated*.
<https://www.pewresearch.org/religion/2018/06/13/young-adults-around-the-world-are-less-religious-by-several-measures/>
- Pfeffer, R. S., & Daher, G. G. (2008). O Hassidismo na visão de Martin Buber. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*. Belo Horizonte, 2(3). <https://doi.org/10.17851/1982-3053.2.3.39-46>

- Pizzinato A., Souza L. & Vieira M. (2021). Psicologia do Desenvolvimento: Panorama de Contribuições e Desafios para a Área no Contexto Brasileiro. *Psicologia: Ciência e Profissão* 2021, 41. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003012020>
- População do Brasil (2022) <https://countrymeters.info/pt/Brazil>
- População de Portugal (2022) <https://countrymeters.info/pt/Portugal>
- Pyszczynski, T., Solomon, S., and Greenberg, J. (2015). Thirty years of terror management theory: from genesis to revelation. In J. M. Olson and M. P. Zanna (Eds). *Advances in Experimental Social Psychology*: New York, NY: Academic Press, 1–70. doi: 10.1016/bs.aesp.2015.03.001
- Reed, D. E. (2020). Future time perspective as an operationalization of existential concerns related to time. *J. Hum. Psychol.* 1–14. doi: 10.1177/0022167820945067
- Ramos L. (2021). Portugal e Brasil, uma relação com passado, presente e futuro. *Diário de Notícias*. <https://www.dn.pt/opiniao/portugal-e-brasil-uma-relacao-com-passado-presente-e-futuro-14271965.html>
- Ratinaud, P. (2009). IRAMUTEQ: Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires. <http://www.iramuteq.org>.
- Reker, G. T., & Peacock, E. J. (1981). The Life Attitude Profile (LAP): A multidimensional instrument for assessing attitudes toward life. *Canadian*

Journal of Behavioural Science / Revue canadienne des sciences du comportement, 13(3), 264–273. <https://doi.org/10.1037/h0081178>

Reker, G. & Wong P. (1988). Aging as an individual process: toward a theory of personal meaning. In Birren J. & Bengston V. (Orgs), *Emergent theories of aging*. New York: Springer.

Richins, M. L. (1994) Special possessions and the expression of material values. *Journal of Consumer Research*, 21(3), 522-533.

https://www.jstor.org/stable/2489690?seq=1#page_scan_tab_contents>

Richins, M.; Chaplin, L. N.(2015). Material parenting: how the use of goods in parenting fosters materialism in the next generation. *Journal of Consumer Research*, 41(6), 1333–1357. <https://doi.org/10.1086/680087>>

Richins, M. & Dawson, S (1992). A consumer values orientation for materialism and its measurement. *Journal of Consumer Research*, 19(3), 303-316.

<http://dx.doi.org/10.1086/209304>

Richins, M.; Rudmin, F. (1994)Materialism and economic psychology. *Journal of Journal Economic Psychology*, 15 (2) 217-231.[http://dx.doi.org/10.1016/0167-](http://dx.doi.org/10.1016/0167-4870(94)90001-9)

[4870\(94\)90001-9](http://dx.doi.org/10.1016/0167-4870(94)90001-9)

Rindfleisch, A.; Burroughs, J.; Denton, F. (1997). Family structure, materialism, and compulsive consumption. *Journal of Consumer Research*, 23(4), 312-325.

[https://doi: 10.1086/209486](https://doi:10.1086/209486)

- Robins, R. R., & Trzesniewski, K. H. (2005). Self-esteem development across the lifespan. *Current Directions in Psychological Science*, 14(3), 158–162.
<https://doi.org/10.1111/j.0963-7214.2005.00353.x>
- Rodrigues A. (2017). *O mundo em três dimensões: Quantas vezes cabe Portugal nos maiores países do mundo?* <https://rr.sapo.pt/artigo/o-mundo-em-tres-dimensoes/2017/11/23/quantas-vezes-cabe-portugal-nos-maiores-paises-do-mundo/99071/>
- Rodríguez-Hidalgo, A. J., Pantaleón, Y., Dios, I., & Falla, D. (2020). Fear of COVID-19, stress, and anxiety in university undergraduate students: A predictive model for depression. *Frontiers in Psychology*, 11, 591797.
<https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.591797>
- Roehe, (2019) *Psicologia e filosofia na abordagem fenomenológico-existencial: um estudo sobre Frankl e Heidegger*. 25(3) 323-330.
<http://dx.doi.org/10.18065/RAG.2019v25n3.11>
- Rogers R; Sanders C. & Vess M. (2019). The Terror Management of Meaning and Growth: How Mortality Salience Affects Growth-Oriented Processes and the Meaningfulness of Life. *Handbook of terror management theory* (pp. 325-345). Elsevier Academic Press. <https://doi.org/10.1016/B978-0-12-811844-3.00013-5>
- Routledge, C., Juhl, J., & Vess, M. (2010). Divergent reactions to the terror of terrorism: Personal need for structure moderates the effects of terrorism salience on worldview-related attitudinal rigidity. *Basic and Applied Social Psychology*, 32, 243-249. <https://doi.org/10.1080/01973533.2010.495667>

Russo-Netzer & Ameli (2022). Optimal Sense-Making and Resilience in Times of Pandemic: Integrating Rationality and Meaning in Psychotherapy. In P. T. Wong, C. Mayer & G. Arslan (Eds), *Covid-19 and existential positive psychology (pp2.0): the new science of self-transcendence* (pp. 255-265). Frontiers in Psychology and Frontiers in Education.
<https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.800308>

Salvatore, C., & Taniguchi, T. (2012). Do social bonds matter for emerging adults? *Deviant Behavior*, 33, 738-756.
<https://doi.org/10.1080/01639625.2012.679888>

Salvatore C. (2018). Emerging Adults and Changing Values: Religion and Morality During Emerging Adulthood. In *Sex, Crime, Drugs, and Just Plain Stupid Behaviors The New Face of Young Adulthood in America*. Palgrave: Macmillan.

Santos, R. (2019). O conceito de natureza como ponto de divergência entre a ética epicurea e a ética estoica. *Tese doutorado em Filosofia*.
https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/19930/TES_PPGFILOSOFIA_2019_%20SANTOS_ROGERIO.pdf?sequence=1&isAllowed=y

Santos, L. (2012). As condições jurídico-políticas da construção do campo religioso português: uma contextualização histórica. In: Teixeira, Alfredo (ed.). *Identidades religiosas em Portugal: ensaio interdisciplinar*. Lisboa: Paulinas, pp. 21-67.

Scales, P; Syvertsen A. K.; Benson, P. L.; Roehlkepartain E. C; Sesma A. (2014) Relation of Spiritual Development to Youth Health and Well-Being:

Evidence from a Global Study. *Handbook of Child Well-Being*. 1101-1135.

https://10.1007/978-90-481-9063-8_41

Schimmel J., Hayes J. & Sharp M. (2019). A consideration of tree critical hypotheses. In C. Routledge & M. Vess (Eds.), *Handbook of terror management theory* (pp. 303–324). Elsevier Academic Press. <https://doi.org/10.1016/B978-0-12-811844-3.00013-5>

Schopenhauer A. (2014). *O mundo como vontade e representação II*. Editora UFPR.

Schor, J. B. (2009). *Nascidos para comprar: uma leitura essencial para orientarmos nossas crianças na era do consumismo*. São Paulo: Gente.

Schutte, L., Wissing, M. P., Ellis, S. M., Jose, P. E., & Vella-Brodrick, D. A. (2016). Rasch analysis of the Meaning in Life Questionnaire among adults from South Africa, Australia, and New Zealand. *Health and Quality of Life Outcomes*, 14(1), 12. Doi: 10.1186/s12955-016-0414-x

Schwartz, S. H. (1994). Are there universal aspects in the structure and contents of human values? *Journal of Social Issues*, 50(4), 19–45. <https://doi.org/10.1111/j.1540-4560.1994.tb01196.x>

Seidl-de-Moura, M. L. (2005). *Bases para uma psicologia do desenvolvimento sociocultural e evolucionista*. In Pontes R., Magalhães C., Brito R. & Martin, W. (Org.). *Temas pertinentes à construção da Psicologia contemporânea*. Belém: EDUFPA.

- Seligman, M. E. (2004). *Authentic Happiness: Using the New Positive Psychology to Realize Your Potential for Lasting Fulfillment*. New York, NY: Simon and Schuster.
- Seligman, M. E. P., and Csikszentmihalyi, M. (2000). Positive psychology: an introduction. *Am. Psychol.* 55, 5–14. doi: 10.1037/0003-066X.55.1.5
- Sena, A. (2007). *Enfermidade física: o que diz a teologia da prosperidade e o que diz a Bíblia*. Anápolis: Executiva.
- Sena, A. (2019). *Pais e Filhos: Trajetórias de Desenvolvimento de crenças e valores materialistas*. [Dissertação de mestrado, PUC-Rio].
- Shirkavand, L.; Abbaszadeh, A.; Borhani, F. & Momenyan S. Correlation between spiritual well-being with satisfaction with life and death anxiety among elderlies suffering from cancer. *Electron J Gen Med* 2018;15(3). <https://doi.org/10.29333/ejgm/85501>
- Silberman, I. (2005). Religion as a meaning system: Implications for the new millennium. *Journal of Social Issues*, 61(4), 641–663. <https://doi.org/10.1111/j.1540-4560.2005.00425.x>
- Silva A. F.; Bezerra M. R.; Cavalcanti Z. R. (2021). Experiência “espiritual” de uma idosa sobrevivente de câncer sob cuidados paliativos: um relato de caso. *Revista de Medicina da USP*. 100(4). <https://doi.org/10.11606/issn.1679-9836.v100i4p407-412>
- Skinner, B. F. (1953). *Science and human behavior*. Macmillan.

- SNS (2022). *Impacto da saúde mental*. <https://www.sns24.gov.pt/tema/saude-mental/impacto-da-covid-19-na-saude-mental/#sec-2>
- SNS (2021). *Estudo Saúde Mental em Tempos de Pandemia (SM-COVID19): principais resultados*. <https://www.insa.min-saude.pt/estudo-saude-mental-em-tempos-de-pandemia-sm-covid19-principais-resultados/>
- Steger, M. F. (2012). “Experiencing meaning in life: optimal functioning at the nexus of well-being, psychopathology, and spirituality,” in *Personality and Clinical Psychology Series. The Human Quest for Meaning: Theories, Research, and Applications*, ed P. T. P. Wong (Routledge/Taylor & Francis Group), 165–184.
- Steger, M. (2009). Meaning in life. In S. J. Lopez (Ed.) *Oxford handbook of positive psychology*. Oxford, UK: Oxford University Press.
- Steger, M. F., Kawabata, Y., Shimai, S., & Otake, K. (2008). The meaningful life in Japan and the United States: Levels and correlates of meaning in life. *Journal of Research in Personality*, 42(3), 660–678.
<https://10.1016.2007.09.003>
- Steger, M. F., Shim, Y., Brueske, L., Rush, B., Shin, J., & Merriman, L. (2013). The mind’s eye: A photographic method for understanding meaning in people’s lives. *Journal of Positive Psychology*, 8(6), 530-542.
<https://doi.org/10.1080/17439760.2013.830760>

- Steger, M. F., & Frazier, P. (2005). Meaning in life: one link in the chain from religiousness to well-being. *J. Couns. Psychol.* 52, 574–582. [https://doi: 10.1037/0022-0167.52.4.574](https://doi.org/10.1037/0022-0167.52.4.574)
- Stolorow, R. D. (1979). Defensive and arrested developmental aspects of death anxiety, hypochondriasis and depersonalization. *The International Journal of Psychoanalysis*, 60, 201–213.
- Strelhow, M. R.W. (2017). *Bem-estar de adolescentes e a sua relação com a Espiritualidade e a religiosidade*. [Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul].
- Strelhow, M. R. W., & Henz, K. G. (2017). Spirituality and religiosity related to the well-being of children and adolescents: A theoretical and empirical approach. (In) J. C. Sarriera & L. M. Bedin (Eds). *Psychosocial well-being of children and adolescents in Latin America: Evidence-based interventions* (27-45). Editora Springer. [https://doi: 10.1007/978-3-319-55601-7](https://doi.org/10.1007/978-3-319-55601-7)
- Strobel, L. (2019). *Em defesa de Cristo*. Thomas Nelson Brasil.
- Tanno, K., & Sakata, K. (2007). Psychological factors and mortality in the Japan Collaborative Cohort Study for Evaluation of Cancer (JACC). *Asian Pacific Journal of Cancer. Prevention*, 8(Suppl), 113–122.
- Tanno, K., Sakata, K., Ohsawa, M., Onoda, T., Itai, K., Yaegashi, Y., Tamakoshi A. (2009). Associations of ikigai as a positive psychological factor with all-cause mortality and cause-specific mortality among middle-aged and elderly Japanese people: Findings from the Japan Collaborative Cohort Study. *Journal of Psychosomatic Research*, 67(1), 67–75.

- Tarka P, Harnish J. Babaev J. (2022). From materialism to hedonistic shopping values and compulsive buying: A mediation model examining gender differences. (21) 4, P. 786-805. <https://doi.org/10.1002/cb.2037>
- Templer, D., & Dodson, E. (1970). Religious correlates of death anxiety. *Psychological Reports*, 26, 895-897. <https://doi.org/10.2466/pr0.1970.26.3.895>
- The Hofstede Centre (2022). Country comparison. The Hofstede Centre: <http://geert-hofstede.com/countries.html>
- Trindade K., Andrade L., Sampaio P., Melo M. & Hernandes. (2022). Espiritualidade e Saúde: um olhar por meio de diferentes atores sociais. *Research, Society and Development*, (11) 2. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i2.25874>
- Trzebinski, J., Cabanski, M., and Czarnecka, J. Z. (2020). Reaction to the covid-19 pandemic: the influence of meaning in life, life satisfaction, and assumptions on world orderliness and positivity. *J. Loss Trauma* 25, 1–14. doi: 10.1080/15325024.2020.1765098
- Tsang, J.-A. et al. (2017). *Why are materialists less happy?* The role of gratitude and need satisfaction in the relationship between materialism and life satisfaction. *Personality and Individual Differences*, 64, 62-66, jul. 2014. <http://dx.doi.org/10.1016/j.paid.2014.02.009>
- Scorsolini-Comin F., Rossato L., Cunha V., Correia-Zanini M. & Pillon S. (2020). A Religiosidade/Espiritualidade como Recurso no Enfrentamento da Covid-19. *Revista de Enfermagem do Centro Oeste Mineiro*. <http://doi.org/10.19175/recom.v10i0.3723>

- UNICEF/Gallup (2021). *The changing childhood project. A multigenerational, international survey on 21st century childhood.*
www.unicef.org/globalinsight/media/2266/file
- Seild-de- Moura ML (2021). Ciência e Psicologia Social em Tempos de Pandemia: 30 Anos do PPGPS/UERJ. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*. 3, doi:10.12957/epp.2021.62740
- Unterrainer H. F.; Lewis, A. J. & Fink A. (2014) Religious/Spiritual Well-being, personality and mental health: a review of results and conceptual issues. *National Library of Medicine*. 53(2):382-92. doi: 10.1007/s10943-012-9642-5.
- Vail, K. E., Juhl, J., Arndt, J., Vess, M., Routledge, C., and Rutjens, B. T. (2012). When death is good for life. *Pers. Soc. Psychol. Rev.* 16, 303–329.
doi:10.1177/1088868312440046
- Vale-Dias M. & Veras J. (2020). Sentido de vida, bem-estar subjetivo e bem-estar espiritual em jovens portugueses e brasileiros. *International Journal of Developmental and Educational Psychology INFAD Revista de Psicología*, 1(2). <https://doi0.17060/ijodaep.2020.n1.v2.1847>
- Van Cappelen, P., Saroglou, V., Iweins, C., Piovesana, M., and Fredrickson, B. L. (2013). Self-transcendent positive emotions increase spirituality through basic world assumptions. *Cogn. Emot.* 27, 1378–1394. <https://doi:10.1080/02699931.2013.787395>

- VanderWeele, T. J., Fulks, J., Plake, J. F., and Lee, M. T. (2020). National well-being measures before and during the COVID-19 pandemic in online samples. *J. Gen. Inter. Med.* 36, 248–250. doi: 10.1007/s11606-020-06274-3
- Van Kessel, C., den Heyer, K., & Schimel, J. (2020). Terror management theory and the educational situation. *J. Curricul. Stud.* 52, 428–442. doi: 10.1080/00220272.2019.1659416
- Van Tongeren, D. & Green, J. (2018). Meaning and death-thought accessibility. *British Journal of Social Psychology*, 57(1), 230–239. <https://doi.org/10.1111/bjso.12212>
- Van Tongeren D. & Van Tongeren S. (2022). Finding Meaning Amidst COVID-19: An Existential Positive Psychology Model of Suffering. In: COVID-19 and existential positive psychology (PP2.0): the new science of self-transcendence. In P. T. Wong, C. Mayer & G. Arslan (Eds), *Covid-19 and existential positive psychology (pp2.0): the new science of self-transcendence* (pp. 58-67). *Frontiers in Psychology and Frontiers in Education*. <https://doi10.3389/fpsyg.2021.800308>
- Van Tongeren, D. & and Van Tongeren, S. (2020). *The Courage to Suffer: A New Clinical Framework for Life's Greatest Crises*. 1st Edn, West Conshohocken: Templeton Press.
- Vaz Portugal M (2017). *Versão portuguesa do questionário do sentido da vida: Primeiros estudos psicométricos*. [Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa]. https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/33211/1/ulfpie052851_tm. Pdf

- Vess, M. (2013). Foundations of meaning: Death, the need for unambiguous knowledge, and the construction and maintenance of multi-level meaning. In J. A. Hicks, & C. Routledge (Eds.), *The experience of meaning in life: Emerging themes and controversies* (pp. 271–283). New York: Springer Press
- Vess, M., Rogers, R., Routledge, C., & Hicks, J. A. (2017). When being far away is good: Exploring how mortality salience, regulatory mode, and goal progress affect judgments of meaning in life. *European Journal of Social Psychology*, 47(1). Available from <https://doi.org/10.1002/ejsp.2192>
- WHOQOL SRPB Group (2006). A cross-cultural study of spirituality, religion, and personal beliefs as components of quality of life. 62(6), 1486-1497. <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2005.08.001>
- Vomero M. (2016). A história da morte. *Superinteressante*.
- Vygotsky, L. S. (1984). *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.
- Wang, R., Liu, H., Jiang, J., and Song, Y. (2017). Will materialism lead to happiness? A longitudinal analysis of the mediating role of psychological needs satisfaction. *Pers. Individ. Dif.* 105, 312–317. doi: 10.1016/j.paid.2016.10.014
- Wisman, A., Heflick, N., & Goldenberg, J. L. (2015). The great escape: The role of self-esteem and self-related cognition in terror management. *Journal of Experimental Social Psychology*, 60, 121-132. <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0022103115000578>

Wong, P. T. P. (2016). Self-transcendence: a paradoxical way to become your best. *Int. J. Existen. Positive Psychol.* [http://www.drpaulwong.com/self-transcendence-paradoxical-way/#:~:text=Self%2DTranscendence%3A%20A%20Primary%20Motivation%20\(Frankl%2C%201985\)&text=The%20pursuit%20and%20attainment%20of,others%2C%20we%20become%20fully%20human.](http://www.drpaulwong.com/self-transcendence-paradoxical-way/#:~:text=Self%2DTranscendence%3A%20A%20Primary%20Motivation%20(Frankl%2C%201985)&text=The%20pursuit%20and%20attainment%20of,others%2C%20we%20become%20fully%20human.)

Wong, P. T. P., & Tomer, A. (2011). Beyond terror and denial: The positive psychology of death acceptance [Editorial]. *Death Studies*, 35(2), 99–106. <https://doi.org/10.1080/07481187.2011.535377>

Wong, P. T. P., & Fry, P. S. (Eds.). (1998). *The human quest for meaning: A handbook of psychological research and clinical applications*. Lawrence Erlbaum Associates Publishers.

Wong, P. T. P. (2011). Positive psychology 2.0: towards a balanced interactive model of the good life. *Can. Psychol.* 52, 69–81. <https://doi:10.1037/a0022511>

Wong, P. T. P. (2019). Second wave positive psychology's (PP 2.0) contribution to counselling psychology. *Couns. Psychol. Q.* 32, 275–284. <https://doi:10.1080/09515070.2019.1671320>

Wong, P. (2021). *What is Existential Positive Psychology (PP 2.0)? Why is it Necessary for Mental Health During the Pandemic?*
<http://www.drpaulwong.com/what-is-existential-positive-psychology-whyis-it-necessary-for-mental-health-during-the-pandemic/>

Wong, P. T. P. (2019b). *What is the greatest need today?* Responsibility is the key to surviving and thriving in dangerous time. Positive Living Newsletter.

Available online at: <http://www.drpaulwong.com/what-is-the-greatest-needtoday-responsibility-is-the-key-to-surviving-and-thriving-in-dangeroustimes/>

- Wong, P. T. P. (2021b). “Meaning Conference 2021 summit symposium on mental health – introduction,” in *Mental Health. International Network on Personal Meaning 11th Biennial International Meaning Conference*, ed. P. T. P. Wong (Toronto, ON).
- Wong, P. T. P., and Worth, P. (2017). The deep-and-wide hypothesis in giftedness and creativity. *Psychol. Educ.* 54, 11–23.
http://psychologyandeducation.net/pae/index.php/pae/Vol_54_No_3_4_2017
- Wong, P. T. P. (2020a). Existential positive psychology and integrative meaning therapy. *Int. Rev. Psychiatry* 32, 565–578.
<https://doi:10.1080/09540261.2020.1814703>
- Wong, P. T. P. (2020b). *Made for Resilience and Happiness: Effective coping with Covid-19 According to Viktor E. Frankly and Paul TP Wong*. Oakland, CA: INPM Press.
- Wong, P. T. P. (2012). *The Human Quest for Meaning: Theories, Research, and Applications*. New York, NY: Routledge.
- Wong, P. T. P., Reker, G. T., & Gesser, G. (1994). Death Attitude Profile—Revised: A multidimensional measure of attitudes toward death. In R. A. Neimeyer (Ed.), *Death anxiety handbook: Research, instrumentation, and application* (pp. 121–148). Taylor & Francis.

- Wolf, K., Mass, R., Ingenbleek, T., Kiefer, F., Naber, D., and Wiedemann, K. (2005). The facial pattern of disgust, appetite, excited joy and relaxed joy: An improved EMG study. *Scand. J. Psychol.* 46, 403–409. [https://doi: 10.1111/j.1467-9450.2005.00471.x](https://doi.org/10.1111/j.1467-9450.2005.00471.x)
- Yankelovich, D. (1981). *New rules: Searching for self-fulfillment in a world turned upside down..* New York: Bantom New Age.
- Yonker, J. E., Schnabelrauch, C. A., & DeHaan, L. G. (2012). The relationship between spirituality and religiosity on psychological outcomes in adolescents and emerging adults: A meta-analytic review. *Journal of Adolescence*, 35(2), 299- 314. [https:// doi: 10.1016/j.adolescence.2011.08.010](https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2011.08.010). Epub 2011 Sep 14.
- Zhang, S. X., Wang, Y., Rauch, A., and Wei, F. (2020). Unprecedented disruption of lives and work: health, distress and life satisfaction of working adults in China one month into the COVID-19 outbreak. *Psychiatry Res.* 288:112958. doi: 10.1016/j.psychres.2020.112958
- Zhao, H., Zhang, H., Xu, Y., He, W & Lu, J. (2019). Why Are People High in Dispositional Awe Happier? The Roles of Meaning in Life and Materialism. *Sec. Psychology for Clinical Settings.* <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.01208>
- Zinnbauer, B. & Pargament, K. (2005). Religiosity and spirituality. In R. Paloutzian & C. Park (Eds.), *Handbook of the psychology of religion and spirituality.* p. 21-42. New York: The Guilford Press.
- Zinnbauer, B., Pargament, K, Cole, B., Rye, M, Butter E., Belavich, T., Hipp, K., Scott, A. & Kadar, J. (1997). Religion and spirituality: Unfuzzifying the fuzzy.

Journal for the Scientific Study of Religion, 36 (4), 549–564.

<https://doi.org/10.2307/1387689>

Anexos

Questionários Brasil e Portugal

Seja bem-vindo!

- * 1. Estamos realizando uma pesquisa em todo o território brasileiro com jovens de 18 a 25 anos. O objetivo é observar o seu comportamento durante a pandemia.

O responsável por esta pesquisa é Alexandre Rodrigues Sena, doutorando em psicologia da PUC-RIO, orientando da Profª Drª Luciana Fontes Pessoa (PUC - RIO) e co-orientando do Prof. Dr. Samuel Lincoln Bezerra Lins (Universidade do Porto).

Ressaltamos que a sua participação será voluntária, que a aplicação do questionário será totalmente em ambiente virtual, e que você é livre pra interromper quando assim desejar. Caso tenha interesse em saber os resultados da investigação, ou para qualquer esclarecimento que considere necessário, em qualquer etapa da pesquisa, poderá fazer contato através do e-mail: alexandrerodriguessena@gmail.com

Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano. Não será pago nenhum valor pela sua participação. Informamos também que esta pesquisa não deve oferecer riscos, nem físicos nem psicológicos para os participantes. No entanto, se você ficar mobilizado com alguma questão, o pesquisador estará disponível através do e-mail acima.

Concordando com este termo de consentimento você autoriza o pesquisador a utilizar os dados coletados em ensino, pesquisa e publicação, estando a sua identidade preservada.

Concordo com o termo de consentimento

* 2. O que lhe vem a mente quando pensa sobre o sentido da vida? *Por favor, responda escrevendo livremente, de forma mais completa e sincera possível.*

* 3. Vamos pensar por um momento sobre aquilo que faz a vida ser importante para você.

As respostas devem obedecer a sequência de **1** para **totalmente falso** e **7** para **absolutamente verdadeiro**.

	1	2	3	4	5	6	7
Eu compreendo o sentido da minha vida	<input type="radio"/>						
Eu estou procurando alguma coisa que faça com que minha vida tenha sentido	<input type="radio"/>						
Eu sempre estou em busca do sentido da minha vida	<input type="radio"/>						
Minha vida tem um sentido claro	<input type="radio"/>						
Eu tenho uma boa consciência do que faz minha vida ter sentido	<input type="radio"/>						
Eu descobri um sentido de vida satisfatório	<input type="radio"/>						
Eu estou sempre procurando por algo que faça a minha vida ser significativa	<input type="radio"/>						
Eu estou buscando um significado ou missão para minha vida	<input type="radio"/>						
Minha vida não tem um propósito claro	<input type="radio"/>						
Eu estou procurando um sentido em minha vida	<input type="radio"/>						

* 4. As questões abaixo dizem respeito acerca das aspirações que você tem para o futuro. Escolha em cada item o número que indica quão importante é para você que o seu objetivo seja atendido no futuro.

As respostas devem obedecer a sequência de **1** para **nada importante** e **5** para **muito importante**

	1	2	3	4	5
Ter relacionamentos próximos com os outros	<input type="radio"/>				
Ser conhecido e admirado por muitas pessoas	<input type="radio"/>				
Ter um emprego que pague muito bem e ter muitas posses	<input type="radio"/>				
Ser feliz e ter uma vida significativa	<input type="radio"/>				
Ter boa aparência e ser atraente para os outros	<input type="radio"/>				
Trabalhar para ajudar tornar o mundo um lugar melhor	<input type="radio"/>				

* 5. Por favor, responda as questões abaixo de acordo com a sua maneira de pensar e agir atualmente.

As respostas devem obedecer a sequência de **1** para **discordo totalmente** e o **5** para **concordo totalmente**.

	1	2	3	4	5
Um produto é mais valioso para mim se tiver grife	<input type="radio"/>				
Eu me interesso por novos produtos que dão status	<input type="radio"/>				
Eu compraria um produto somente porque ele me dá status	<input type="radio"/>				
Eu pagaria mais por produtos de mais status	<input type="radio"/>				
O status que um produto me dá é irrelevante	<input type="radio"/>				

* 6. Também gostaríamos de saber sobre seus pensamentos e ações para com as seguintes questões.

As respostas obedecem a sequência de **1** para **discordo totalmente** e **5** para **concordo totalmente**.

	1	2	3	4	5
Estou satisfeito com a vida	<input type="radio"/>				
Consegui coisas importantes	<input type="radio"/>				
A minha vida corresponde ao que desejo	<input type="radio"/>				
As condições em que vivo são boas	<input type="radio"/>				
Se eu nascesse de novo, mudaria muitas coisas	<input type="radio"/>				

* 7. Por favor, responda as questões abaixo de acordo com a sua maneira de pensar e agir atualmente.

As respostas devem obedecer a sequência de **1** para **concordo totalmente** e o **5** para **discordo totalmente**.

	1	2	3	4	5
Eu admiro pessoas que têm casas, carros e roupas caras	<input type="radio"/>				
Algumas das maiores realizações na vida inclui a aquisição de bens materiais	<input type="radio"/>				
Eu não dou muita ênfase na quantidade de bens materiais que as pessoas têm como um sinal de sucesso	<input type="radio"/>				
As coisas que eu possuo dizem muito sobre quão bem sucedido eu sou	<input type="radio"/>				
Eu gosto de ter coisas que impressionam as pessoas	<input type="radio"/>				
Eu tento manter uma vida simples no que diz respeito a bens materiais	<input type="radio"/>				
As coisas que eu tenho não são importantes para mim	<input type="radio"/>				
Comprar coisas me dá muito prazer	<input type="radio"/>				
Eu gosto de muito luxo na minha vida	<input type="radio"/>				

* 8. Gostaríamos de fazer algumas perguntas que descrevem a sua realidade atual. Por favor, responda as questões abaixo de acordo com a sua maneira de pensar e agir atualmente.

As respostas devem obedecer a sequência de **1** para **concordo totalmente** e o **5** para **discordo totalmente**.

	1	2	3	4	5
Sou guiado pela religião quando tomo decisões importantes na minha vida	<input type="radio"/>				

	1	2	3	4	5
Religião é o guia mais importante entre o que é certo ou errado para mim	<input type="radio"/>				
Quando me deparo com desafios em minha vida, recorro à religião em busca de apoio	<input type="radio"/>				
Nunca me envolvo em práticas religiosas	<input type="radio"/>				
Religião me ajuda a responder muitas questões que tenho sobre o significado da vida	<input type="radio"/>				
Eu me descreveria como uma pessoa religiosa	<input type="radio"/>				
Não considero religião uma necessidade para minha felicidade pessoal	<input type="radio"/>				
Me incomodaria se meu filho quisesse se casar com alguém que NÃO é religioso	<input type="radio"/>				
A espiritualidade é importante para mim	<input type="radio"/>				
A retidão ou injustiça de minhas ações afetará o que acontece comigo quando meu corpo estiver morto	<input type="radio"/>				
Eu tenho uma essência espiritual além do meu corpo físico	<input type="radio"/>				
O universo tem uma origem sobrenatural	<input type="radio"/>				
Se todas as áreas da vida estão equilibradas, quem é espiritual está numa situação melhor	<input type="radio"/>				
O sobrenatural existe	<input type="radio"/>				
Eu me envolvo em atividades espirituais	<input type="radio"/>				

	1	2	3	4	5		
Sinto uma conexão com algo além do que podemos observar, medir ou testar cientificamente	<input type="radio"/>						
Não consigo encontrar um significado que valha a pena na vida sem espiritualidade	<input type="radio"/>						
<p>* 9. Durante o atual avanço da pandemia de COVID-19, como tem sido o seu comportamento de compra? Para cada afirmação, gostaríamos que você apontasse seu grau de DISCORDÂNCIA ou de CONCORDÂNCIA, considerando seu comportamento recente durante a pandemia do novo coronavírus.</p> <p>As respostas devem obedecer a sequência de 1 para discordo totalmente e 7 para concordo totalmente.</p>							
	1	2	3	4	5	6	7
O medo me leva a comprar coisas para ter estoque em casa	<input type="radio"/>						
O medo de não ter produtos que eu preciso me leva a comprar mais coisas	<input type="radio"/>						
Eu fico em pânico ao pensar que produtos essenciais podem faltar nas prateleiras, por isso que eu prefiro comprá-los em grande quantidade	<input type="radio"/>						
O medo me leva a comprar mais do que o normal	<input type="radio"/>						
O pânico me faz comprar mais coisas do que eu costumo comprar	<input type="radio"/>						
Uma forma de aliviar o sentimento de incerteza é garantir que tenho em casa uma boa quantidade produtos que eu preciso.	<input type="radio"/>						
O sentimento de incerteza influencia os meus hábitos de compra.	<input type="radio"/>						

Dados sociodemográficos

* 10. Idade

* 11. Sexo

Masculino

Feminino

* 12. Escolaridade

Fundamental

Médio completo

Médio incompleto

Superior completo

Superior incompleto

* 13. Em que estado você reside?

* 14. Em comparação com a sua cidade, em qual classe social você se encontra?

muita baixa baixa média baixa média média alta alta muito alta

* 15. Com quem você mora atualmente?

Com ambos os pais

com o pai

Outro (especifique)

com a mãe

fora da casa dos pais

* 16. Qual a sua religião?

- Católico Romano
- Protestante
- Espírita
- Afro-brasileiro
- Testemunha de Jeová
- Mormón
- Muçumano
- Sem religião
- Ateu
- Agnóstico
- Outro (especifique)

17. Se você deseja escrever algum comentário (impressões, críticas, depoimentos, sugestões etc), utilize este espaço:

18. Você gostaria de ser contatado(a) para outras pesquisas, ou contribuir com esta pesquisa futuramente?
Por favor, insira o seu e-mail a seguir

19. Muito obrigado pela sua colaboração!

Qualquer dúvida, pode entrar em contato pelo e-mail: alexanderodriguessena@gmail.com

Comportamento dos jovens durante a pandemia em Portugal

Bem-vindo(a)!

Introdução e contexto: Convido-o a participar no estudo sobre o comportamento de jovens durante a pandemia em Portugal, que está a ser realizado no âmbito da minha tese de doutoramento em Psicologia, pela PUC-RIO (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro).

Objetivos do estudo e procedimentos: O objetivo deste estudo é observar o seu comportamento durante a pandemia. Também serão pedidos alguns dados pessoais, como idade, sexo, escolaridade, religião, entre outros. Em nenhum momento será pedido o seu nome, correio eletrónico ou outro dado que o possa identificar pessoalmente, garantindo o seu anonimato. Não existem respostas boas ou más, nem respostas certas ou erradas. Só interessa a sua opinião pessoal.

Neste estudo são utilizados os seguintes instrumentos: Escala do Sentido da Vida, Escala de espiritualidade/religiosidade, Escala de Compra por Pânico, Escala de Consumo de Status, Escala de Satisfação com a vida e Escala de Atitudes face à morte (**Aviso:** esta escala pode ter conteúdos sensíveis.)

Elegibilidade: Poderá participar neste estudo qualquer pessoa com idade compreendida entre os **18 e os 29 anos**.

Riscos e benefícios: Não há riscos previsíveis associados à sua participação neste estudo. Embora este estudo não o beneficie pessoalmente, espera-se que os resultados ajudem a conhecer melhor o modo como as pessoas pensam sobre os assuntos focados no questionário. Considero também que a participação neste estudo será interessante e informativa e/ou lhe vai permitir refletir sobre questões importantes.

Participação voluntária: A participação neste estudo é totalmente voluntária. É livre de recusar participar ou de parar de responder a qualquer momento (para isso, basta fechar o browser).

Confidencialidade e anonimato: As suas respostas são totalmente anónimas e confidenciais. Os dados recolhidos não serão analisados individualmente, mas de forma agregada, ou seja, no conjunto das respostas dadas por todas as pessoas que respondem ao estudo.

Responsável pelo tratamento de dados e encarregado pela proteção dos dados: O

doutorando Alexandre Rodrigues Sena, sob orientação da Prof^a Dr^a Luciana Fontes Pessoa (PUC-RIO) e co-orientado pelo Prof. Dr. Samuel Lincoln Bezerra Lins (Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto), será o responsável pelo tratamento e proteção dos dados recolhidos neste questionário, comprometendo-se a respeitar e a salvaguardar a privacidade e confidencialidade das suas respostas; assegurar a proteção dos seus dados pessoais; respeitar as normas e orientações nacionais e europeias aplicáveis ao seu tratamento e armazenamento.

Finalidade do tratamento de dados e disseminação dos resultados: A recolha e tratamento de dados é, exclusivamente, para fins de investigação científica. Os resultados finais do estudo poderão ser publicados em revistas científicas e jornais académicos ou apresentados em seminários, conferências, aulas ou outras atividades académicas.

Para esclarecer qualquer questão acerca deste estudo poderá contactar o responsável, **Alexandre Sena** através do email: alexandrerodriguessena@gmail.com

* 1. Acordando com este termo de consentimento, autoriza o investigador a utilizar os dados recolhidos no ensino, pesquisa e publicação, estando a sua identidade preservada.

Li, compreendi e aceito participar no estudo.

Comportamento dos jovens durante a pandemia em Portugal

2. O que lhe vem à mente quando pensa sobre o sentido da vida?

Por favor, responda escrevendo livremente, de forma mais completa e sincera possível.

3. Vamos pensar por um momento sobre aquilo que faz a vida ser importante para si.

As respostas devem obedecer à sequência de 1 para totalmente falso a 7 para absolutamente verdadeiro.

	Totalmente Falso						Absolutamente Verdadeiro
	1	2	3	4	5	6	7
Eu compreendo o sentido da minha vida	<input type="radio"/>						
Eu estou à procura de alguma coisa que faça com que a minha vida tenha sentido	<input type="radio"/>						
Eu estou sempre à procura do sentido da minha vida	<input type="radio"/>						
A minha vida tem um sentido claro	<input type="radio"/>						
Eu tenho boa consciência do que faz a minha vida ter sentido	<input type="radio"/>						
Eu descobri um sentido de vida satisfatório	<input type="radio"/>						
Eu estou sempre à procura de algo que faça a minha vida ter significado	<input type="radio"/>						
Eu estou à procura de um significado ou missão para a minha vida	<input type="radio"/>						
A minha vida não tem um propósito claro	<input type="radio"/>						
Eu estou à procura de um sentido na minha vida	<input type="radio"/>						

Comportamento dos jovens durante a pandemia em Portugal

4. As questões abaixo dizem respeito às aspirações que você tem para o futuro. Escolha em cada item o número que indica quão importante é para si que o seu objetivo seja atendido no futuro.

As respostas devem obedecer à sequência de **1 para nada importante a 5 para muito importante**.

	Nada Importante				Muito Importante
	1	2	3	4	5
Ter relacionamentos próximos com os outros	<input type="radio"/>				
Ser conhecido e admirado por muitas pessoas	<input type="radio"/>				
Ter um emprego que pague muito bem e ter muitas posses	<input type="radio"/>				
Ser feliz e ter uma vida significativa	<input type="radio"/>				
Ter boa aparência e ser atraente para os outros	<input type="radio"/>				
Trabalhar para ajudar a tornar o mundo um lugar melhor	<input type="radio"/>				

5. Por favor, responda às questões abaixo de acordo com a sua maneira de pensar e agir atualmente.

As respostas devem obedecer à sequência de **1 para discordo totalmente a 5 para concordo totalmente**.

	Discordo Totalmente				Concordo Totalmente
	1	2	3	4	5
Um produto é mais interessante para mim se for de elite	<input type="radio"/>				
Interesso-me por produtos que dão estatutos	<input type="radio"/>				
Compraria um produto só porque me dá estatuto	<input type="radio"/>				
Pagaria mais por produtos de maior estatuto	<input type="radio"/>				
O estatuto que um produto transmite é irrelevante para mim	<input type="radio"/>				

Comportamento dos jovens durante a pandemia em Portugal

6. Também gostaríamos de saber sobre os seus pensamentos e ações em relação às seguintes questões. As respostas obedecem à sequência de 1 para **discordo totalmente** a 5 para **concordo totalmente**.

	Discordo Totalmente				Concordo Totalmente
	1	2	3	4	5
Estou satisfeito(a) com a vida	<input type="radio"/>				
Consegui coisas importantes	<input type="radio"/>				
A minha vida corresponde ao que desejo	<input type="radio"/>				
As condições em que vivo são boas	<input type="radio"/>				
Se eu nascesse de novo, mudaria muitas coisas	<input type="radio"/>				

7. Por favor, responda às questões abaixo de acordo com a sua maneira de pensar e agir atualmente.
As respostas devem obedecer à sequência de 1 para **discordo totalmente** a 5 para **concordo totalmente**.

	Discordo Totalmente				Concordo Totalmente
	1	2	3	4	5
Eu admiro pessoas que têm casas, carros e roupas caras	<input type="radio"/>				
Algumas das maiores realizações na vida incluem a aquisição de bens materiais	<input type="radio"/>				
Eu não considero a quantidade de bens materiais das pessoas um sinal de sucesso	<input type="radio"/>				
As coisas que eu possuo dizem muito sobre quão bem-sucedido eu sou	<input type="radio"/>				
Eu gosto de ter coisas que impressionam as pessoas	<input type="radio"/>				
Eu tento manter uma vida simples no que diz respeito a bens materiais	<input type="radio"/>				
As coisas que eu tenho não são importantes para mim	<input type="radio"/>				
Comprar coisas dá-me muito prazer	<input type="radio"/>				
Eu gosto de muito luxo na minha vida	<input type="radio"/>				

Comportamento dos jovens durante a pandemia em Portugal

8. Gostaríamos de fazer algumas perguntas que descrevem a sua realidade atual. Por favor, responda às seguintes questões abaixo de acordo com a sua maneira de pensar e agir atualmente.

As respostas devem obedecer à sequência de 1 para discordo totalmente a 5 para concordo totalmente.

	Discordo Totalmente				Concordo Totalmente
	1	2	3	4	5
Sou guiado(a) pela religião quando tomo decisões importantes na minha vida	<input type="radio"/>				
Religião é o guia mais importante entre o que é certo ou errado para mim	<input type="radio"/>				
Quando me deparo com desafios na minha vida, recorro à religião à procura de apoio	<input type="radio"/>				
Nunca me envolvo em práticas religiosas	<input type="radio"/>				
A religião ajuda-me a responder a muitas questões que tenho sobre o significado da vida	<input type="radio"/>				
Eu descrevo-me como uma pessoa religiosa	<input type="radio"/>				
Não considero a religião uma necessidade para a minha felicidade pessoal	<input type="radio"/>				
Eu ficaria incomodado(a) se o meu filho quisesse casar com alguém que NÃO é religioso	<input type="radio"/>				
A espiritualidade é importante para mim	<input type="radio"/>				
A retidão ou injustiça das minhas ações afetará o que acontece comigo quando o meu corpo estiver morto	<input type="radio"/>				

	Discordo Totalmente				Concordo Totalmente
	1	2	3	4	5
Eu tenho uma essência espiritual além do meu corpo físico	<input type="radio"/>				
O universo tem uma origem sobrenatural	<input type="radio"/>				
Se todas as áreas da vida estão equilibradas, quem é espiritual está numa situação melhor	<input type="radio"/>				
O sobrenatural existe	<input type="radio"/>				
Eu envolvo-me em atividades espirituais	<input type="radio"/>				
Sinto uma conexão com algo além do que podemos observar, medir ou testar cientificamente	<input type="radio"/>				
Não consigo encontrar um significado que valha a pena na vida sem espiritualidade	<input type="radio"/>				

Comportamento dos jovens durante a pandemia em Portugal

9. Durante o atual avanço da pandemia de COVID-19, como tem sido o seu comportamento de compra? Para cada afirmação, gostaríamos que você apontasse o seu grau de DISCORDÂNCIA ou de CONCORDÂNCIA, considerando o seu comportamento recente durante a pandemia do novo coronavírus.

As respostas devem obedecer à sequência de **1** para **totalmente falso** a **7** para **absolutamente verdadeiro**.

	Totalmente Falso						Absolutamente Verdadeiro
	1	2	3	4	5	6	7
O medo leva-me a comprar coisas para ter stock em casa	<input type="radio"/>						
O medo de não ter produtos que eu preciso leva-me a comprar mais coisas	<input type="radio"/>						
Eu fico em pânico ao pensar que produtos essenciais podem faltar nas prateleiras, por isso eu prefiro comprá-los em grande quantidade	<input type="radio"/>						
O medo leva-me a comprar mais do que o normal	<input type="radio"/>						
O pânico faz-me comprar mais coisas do que eu costumo comprar	<input type="radio"/>						
Uma forma de aliviar o sentimento de incerteza é garantir que tenho em casa uma boa quantidade dos produtos que eu preciso	<input type="radio"/>						
O sentimento de incerteza influencia os meus hábitos de compra	<input type="radio"/>						

Comportamento dos jovens durante a pandemia em Portugal

10. Aviso: esta escala pode ter conteúdos sensíveis.

As próximas afirmações dizem respeito a atitudes face à morte. Por favor, classifique as afirmações de **1 a 7**, espontaneamente, conforme aquilo que sente.

	Discordo Totalmente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo Totalmente
Preocupo-me com a morte.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Aflige-me pensar que posso morrer antes de fazer tudo o que queria.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Preocupo-me quando penso que posso ficar gravemente doente, durante muito tempo, antes de morrer.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Aflige-me pensar que os outros me podem ver sofrer antes de morrer.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Preocupa-me a ideia de as pessoas mais chegadas a mim não estarem presentes na hora da minha morte.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Aflige-me o pensamento de perder a razão (de enlouquecer) antes de morrer.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Preocupa-me pensar que as despesas com a minha morte podem vir a ser um peso para as outras pessoas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Fico perturbado ao pensar que, com a morte, vou deixar aqueles que amo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Fico preocupado ao pensar que as pessoas que me são queridas podem não se lembrar de mim, depois da minha morte.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

	Discordo Totalmente						Concordo Totalmente
	1	2	3	4	5	6	7
Preocupa-me pensar que com a morte posso desaparecer para sempre.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Preocupa-me não saber o que me espera depois da morte.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Comportamento dos jovens durante a pandemia em Portugal

Dados Sociodemográficos

* 11. Idade

* 12. Sexo

Masculino

Feminino

* 13. Escolaridade

Ensino Básico (até 9ºano)

Ensino Secundário (até 12ºano)

Licenciatura

Mestrado

Doutoramento

* 14. Onde reside?

Comportamento dos jovens durante a pandemia em Portugal

* 15. Em comparação com a sua cidade, em qual classe social se encontra?

- Muito baixa
- Baixa
- Média Baixa
- Média
- Média Alta
- Alta
- Muito Alta

* 16. Com quem mora atualmente?

- Com ambos os pais
- Com o pai
- Com a mãe
- Fora de casa dos pais
- Outro (especifique)

* 17. Qual é a sua religião?

- Católico romano
- Protestante
- Espírita
- Outro
- Testemunha de Jeová
- Mormón
- Muçulmano
- Sem religião
- Ateu
- Agnóstico
- Outro (especifique)